

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, $n^{o.}$. 762 a 804 Edif. China Plaza, 15º andar, Macau Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426 e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

Editor

Luís Ortet

Direcção Gráfica

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte ⊘ Comunicação

Colaboraram nesta edição

Ana Cristina Alves, António Falcão (fotografia), António-Mil Homens (fotografia), Carmo Correia (fotografia), Gilberto Lopes,Isabel Castro, João Cortesão (fotografia), José Carlos Matias, José Simões Morais, Maria João Belchior, Raquel Dias

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

- ANGOLA: AOA 291.00 BRASIL: BRL 6.60 CABO VERDE: CVE 278.00
- GUINÉ-BISSAU: XOF 1,602.00 MACAU: MOP 30.00
- MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 PORTUGAL: EUROS 2.50
- S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 56,400.00 TIMOR-LESTE: USD 4.00
- RESTO DO MUNDO: USD 4.00

Macau

ma estimativa das Nações Unidas indica que no corrente ano cerca de 55 por cento da humanidade estará a viver nas cidades. Por si só esta expectativa serve para chamar a atenção para a importância do planeamento urbano e do saber viver nas cidades. Para se ter uma ideia do que significa este número actual, há que ter em conta que em 1800 apenas dois por cento da população vivia



nas cidades, ao passo que em meados do século passado já perto de 30 por cento vivia em meios urbanos.

Como explicamos no trabalho publicado nas páginas seguintes, a Expo Xangai terá como tema "Cidade Melhor, Vida Melhor" e dará realce ao planeamento de futuras cidades e aos estilos de vida urbanos harmoniosos. Aí se terá em conta o intercâmbio de culturas nas cidades, o impacto das novas tecnologias e inovações científicas no planeamento das mesmas e as interacções entre as zonas urbanas e rurais. Xangai, a cidade anfitriã, estará pronta para receber os que a quiserem visitar entre Maio e Outubro, aproveitando o ensejo proporcionado pela realização da Expo 2010, pelo que o leitor pode encontrar nesta edição um pequeno roteiro do que pode ser visto e experimentado na cidade.

Em Macau, uma das novidades do novo Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, foi a criação da figura do porta-voz do Governo, função que passou a ser desempenhada por Alexis Tam, que também é o chefe do Gabinete do Chefe do Executivo. A sua pessoa, enquanto ser humano e funcionário público com uma carreira invejável, é objecto de um perfil jornalístico, em que Alexis Tam explica o que está subjacente à criação do novo cargo e dá a conhecer o seu percurso biográfico.

Finalmente prosseguimos nesta edição a série de trabalhos sobre os ícones culturais chineses com a publicação de dois artigos dedicados ao bambu, nas suas vertentes de elemento simbólico e, ao mesmo tempo, matéria-prima para um grande grupo de objectos e finalidades.

Luís Ortet

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista Macau.





EVENTO

Olá Mundo, 6

Xangai dá-lhe as boas-vindas, 8

Maria João Belchior

Pavilhão da China

Entre a tradição e a modernidade, 12

Raquel Dias e José Carlos Matias

Pavilhão de Macau

Um coelho especial, 14

Janelas para a lusofonia, 18

Raquel Dias e José Carlos Matias

As Expo na história, 22

Raquel Dias e João Carlos Matias

ÍCONES

Coração de Bambu, 30 Ana Cristina Alves A planta das mil virtudes, 40 José Simões Morais

PERFIL

O rosto do Governo, 56 Gilberto Lopes Ser solidário, 64 Gilberto Lopes

MACAU

A RAEM em festa, 80 Um novo fôlego para a cooperação, 82

MACAU

Centro de Ciência de Macau de portas abertas, 85

HISTÓRIA

Uma terra começa com duas famílias, 92 Isabel Castro

CULTURA

A cidade com ânsias de cultura, 96 Isabel Castro

MEMÓRIA

A Saudade num clique, 108 Raquel Dias

SECCÕES

INSTANTE, 2-3
ACONTECEU/DEZEMBRO, 52-55
ACONTECEU/JANEIRO, 74-79
ACONTECEU/FEVEREIRO, 91
CARTAZ, 114-124
RETRATO, 126-127

ALEXIS TAM



Nasceu na Birmânia, hoje Myanmar, estudou e viveu em Lisboa e Glasgow, além de Macau e Taiwan, domina as línguas portuguesa, chinesa (cantonês e

mandarim) e inglesa e casou-se com uma portuguesa. A sua personalidade bastante comunicativa combina bem com esse passado cosmopolita e com a função que presentemente desempenha, de porta-voz do Governo.

EXPO 2010



Os números e os factos falam por si. Com um orçamento de 28,6 mil milhões de renminbis, a *Expo* de Xangai, a decorrer entre Maio e Outubro, ocupa uma área de 5,28 quilómetros

quadrados no centro da cidade, junto ao rio, oferecendo uma sugestiva panorâmica da cidade. Nela terão lugar 20 mil espectáculos, cerca de 100 por dia, e um sem número de exposições e outros eventos.

FRANCISCO MANHÃO



Foi um destacado dirigente da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM) nos quentes anos 1990, quando na ordem do dia estava a integração de funcio-

nários públicos locais nos quadros da Administração Pública de Portugal. Em 1997 aposentou-se, mas meia década depois voltaria ao activo, fundando uma nova associação, para apoio aos aposentados e reformados, a APOMAC.

RAMRII



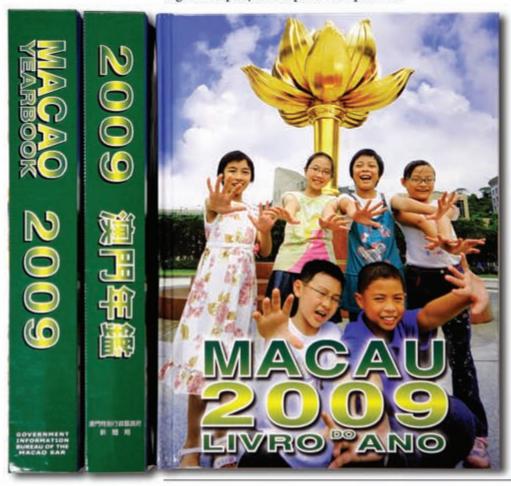
Mostra-se de forma mais óbvia e emblemática nos andaimes dos edifícios em construção mas podemos igualmente encontrá-lo sob várias outras

formas, seja na alimentação, como suporte para o registo de mensagens escritas, como parte da composição dos panchões ou mesmo como fio ou papel. Além disso, como ícone que é da cultura chinesa, o bambu está associado a uma riquíssima simbologia.

MACAU 2009 LIVRO DO ANO

MACAU 2009 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2009 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições em linguas portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e sucursal da "The Commercial Press (HK) Ltd" ou, ainda, no Centro de Informações ao Público, na Rua do Campo e na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos Serviços de Correios do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) Ltd e Cosmos Books Ltd.



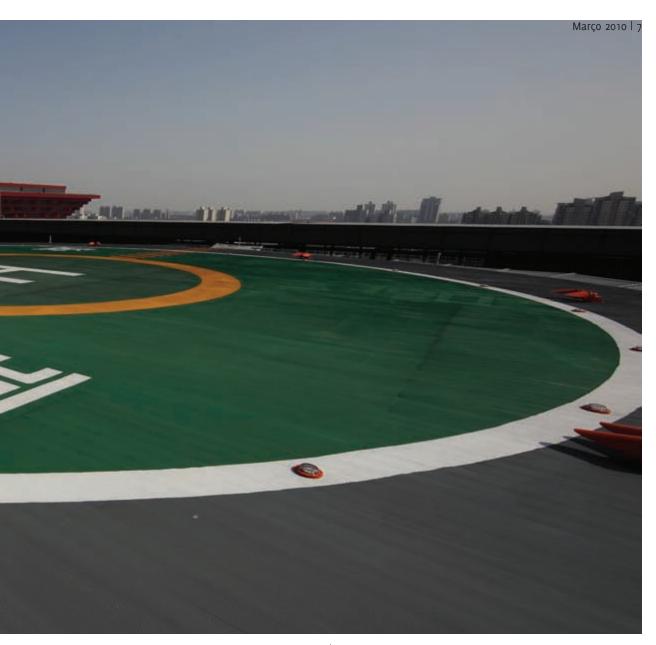
Situada à beira do rio Huangpu, entre as pontes Nanpu e Lupo, a expo estará no centro da maior cidade da China. A área, que ocupa 5,28 quilómetros quadrados, estende-se a este do rio, oferecendo assim uma vista panorâmica do skyline da cidade.

As boas-vindas têm sido dadas ao longo dos últimos meses pela mascote oficial da Expo, o Haibao, cuja forma é inspirada no carácter chinês 人 (ren), salientando assim a centralidade dada ao ser humano no contexto do espaço urbano moderno e sustentável. Além do homem e o seu meio, a exposição releva igualmente a universalidade e o cariz cosmopolita da nova China

e especialmente da cidade capital económica do país. O próprio *logo* da organização é inspirado no carácter 世 (shi), que significa mundo, época, experiência de vida.

A Expo Xangai 2010 tem um orçamento de 28,6 mil milhões de renminbis, contando com a participação de 200 países, um recorde em comparação com edições anteriores da *expo*.

Esta pretende ser não apenas a maior Expo de sempre, mas também a mais amiga do ambiente. Na avenida onde se localiza a Expo estarão oito imensas "cornetas" de metal criadas para captar a luz solar e para a levar ao subsolo, além da recolha de água da chuva que servirá para encher



as cisternas das casas de banho e regar as áreas verdes, que cobrem um terço do espaço. Além disso, para a iluminação serão utilizadas exclusivamente lâmpadas que consomem pouca energia eléctrica. A água do rio Huangpu será utilizada para os sistemas de ar condicionado, com uso frequente numa cidade em que a temperatura no Verão sobe até os 35 graus.

A exposição será não apenas amiga do ambiente, mas também em ambiente de festa permanente.

Estão planeados mais de vinte mil espectáculos, a uma média de cem por dia. Além dos espectáculos de cor e luz que as imagens digitais vão projectar, haverá um leque variado de exibições, peças de teatro originais, espectáculos temáticos e tradicionais, e muitos concertos em pequenas praças. Depois, cada pavilhão vai celebrar um dia nacional e cada organização internacional terá o seu dia de honra.

As províncias, regiões e municípios da China vão estar em grande destaque ao longo dos seis meses. Será dedicada uma semana a cada região e província com o objectivo de promover a diversidade e riqueza cultural e económica das várias partes de um país que, depois de ter impressionado o mundo com os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, se prepara para reflectir em Xangai o melhor dos vários mundos.



Quando a Expo 2010 abrir as portas em Maio, Xangai estará entre as cidades mais bonitas da China. "Melhor cidade, melhor vida" foi o lema a inspirar a renovação daquela que é a capital financeira do país

TEXTO: MARIA JOÃO BELCHIOR (EM XANGAI)



Perder-se nas ruas antigas a apreciar os recantos e as janelas ou perder-se a tentar contar o número de andares de mais um dos arranha-céus da cidade, Xangai deixa espaço para ambos. Espreitamos para dentro dos portões das casas térreas de arquitectura de estilo europeu ou divagamos a olhar na direcção do céu numa tentativa de contar os andares de um dos edifícios mais altos do mundo. Oitenta, oitenta e um, oitenta e dois, oitenta e três e continua.

Há quem lhe chame uma China com um toque de Europa mas Xangai é mais do que isso. É uma cidade marcada pelo encontro entre o Oriente e o Ocidente e que cresceu no século XX a acompanhar a fundação da China moderna. Escolhida para receber a Exposição Internacional, a Expo 2010, passou nos últimos anos pelo maior processo de recuperação e transformação. E quando a 1 de Maio se abrirem ao público as portas da Expo 2010, o visitante vai poder apreciar uma cidade rejuvenescida.

Um passeio pela história

Como um dos principais portos do país, Xangai tem um claro orgulho no seu cosmopolitismo. Marca dos muitos anos de contacto com estrangeiros, cresceu entre as duas margens do rio Huangpu e hoje divide-se geograficamente pelo Este ou Oeste do rio, zonas chamadas de Pudong e Puxi, respectivamente.

Num percurso pela história da cidade começa-se a visita por Puxi, a margem Este do rio.

A arquitectura proporciona-nos o bilhete de uma viagem pelo tempo.

Xangai recebeu os primeiros estrangeiros ainda no século XIX. Ingleses e franceses estabeleceram-se na cidade dando início àquela que foi a primeira grande transformação arquitectónica de Xangai. Numa volta pelos bairros mais antigos, o visitante pode apreciar ainda algumas casas que remontam ao final de 1800 e que são hoje património da urbe.

Desde que em 2002 Xangai foi escolhida como cidade anfitriã da Expo 2010, muitas zonas da cidade entraram em processo de recuperação. Bairros inteiros foram renovados e muitos prédios foram aproveitados para comércio. Hoje algumas das lojas mais modernas da cidade encontram-se entre as ruas estreitas mais antigas.

A área de Puxi guarda uma arquitectura de décadas e é o sítio ideal para perceber as influências estrangeiras de Xangai. No bairro chamado "Concessão francesa" aparecem alguns dos mais bonitos traços de construção que evidenciam as influências que chegaram de toda a Europa. Uma cidade plana, Xangai dá vontade de se caminhar a pé. Porém, como uma das maiores urbes da China, exige segura-

mente um mapa.

Numa tradição de Xangai, as ruas da cidade velha são como que decoradas pelos estendais de roupa. A fazer uso do sol da cidade, os habitantes estendem a roupa lavada nas longas canas de bambu que ocupam metade da rua. Passeia-se entre as sombras criadas pela roupa dos vizinhos numa demonstração do hábito de vida em comunidade que sempre classificou a cultura chinesa.

Puxi guarda também as casas daquelas que foram algumas das figuras mais relevantes da história da China. Nomes que vão desde o presidente Mao Zedong até à Madame Song Qingling, esposa de Sun Yatsen, o fundador da república em 1911, e uma das primeiras mulheres na política chinesa. As habitações foram convertidas em museus excelentemente conservados para fazer lembrar a vida daqueles que as habitaram. Desde o local do primeiro encontro do Partido Comunista da China, fundado em 1921, até à casa de um dos mais influentes escritores do início do século passado, Lu Xun, podemos visitar a cidade pela história recente. Só que Xangai tem muito mais para ver, dir-nos-á qualquer habitante. Ao lado de galerias de arte e casas museu, Puxi guarda também os templos e jardins mais antigos da cidade.

Yuyuan é um jardim construído no século XVI seguindo a inspiração da dinastia Ming. Reconstruído no século passado, é agora um dos principais pontos turísticos com uma oferta de restaurantes onde se podem provar os mais famosos pratos da cidade.

Centenas de pessoas visitam Yuyuan diariamente e aos fins-de-semana o número pode chegar aos milhares.

Outra das atracções da cidade é o Templo do Buda de Jade onde ainda vive uma grande comunidade de monges budistas. Embora construído no início do século passado, o templo foi concebido segundo a arquitectura da dinastia Song que durou do século X ao século XIII. Além da sala dos Mil Budas, a imagem do Buda de Jade com dois metros de altura conquista os visitantes. O templo proporciona ainda a experiência de comer num restau-

rante vegetariano dirigido pelos próprios monges. O sucesso desta espécie de cantina de templo chega para atrair não só os turistas de passagem mas também os moradores de Xangai.

Durante os seis meses que vai durar a Expo 2010, Xangai espera receber até setenta milhões de visitantes. No entanto, este é um número talvez calculado por baixo porque a inovação que se vai viver naquela que vai ser a maior feira internacional organizada é suficiente para trazer mais gente.

Na Praça do Povo, a maior praça no centro da cidade, o Museu do Planeamento Urbano, mesmo ao lado do Museu de Xangai, mostra através de uma maqueta gigante o tamanho colossal da cidade. Um dos centros da urbe, a Praça do Povo oferece ainda o museu "Madame Tussaud" de Xangai onde à entrada a estátua em cera do jogador de basquetebol Yao Ming, natural de Xangai, faz as delícias de quem passa para ver "ao vivo" a altura real do jogador com 2,29 metros.

A passadeira do Bund

O rio Huangpu percorre Xangai e os dois lados unem-se pelas pontes da cidade. Do lado Puxi, olhando para o outro lado do rio, entende-se a modernidade que caracteriza Pudong. A torre da Pérola Oriental, um ícone da cidade, iluminase à noite mostrando a sua estrutura redonda assente sobre um tripé gigante. Ao lado, o edifício do Centro Financeiro concorre com a torre Jinmao em altura. Com 492 metros, o Centro Financeiro, terminado em 2008, integra a lista dos mais altos do mundo. Para quem não tem medo de alturas, é possível subir ao topo da torre e num dia de céu limpo apreciar toda a vista de Xangai banhada pelo Huangpu.

Naturalmente, a melhor forma de apreciar Pudong é estar em Puxi e olhar para o outro lado do rio. Renovado também este ano, o Bund é uma passadeira de quilómetros de comprimento que segue no lado Este do rio. É um passeio que se faz entre dois tempos e dois séculos. Em

Puxi junto ao rio erguem-se os edifícios, hoje todos recuperados, do início do século XX quando os primeiros bancos estrangeiros se estabeleceram na China. Influências neoclássicas pintam um cenário que à noite se ilumina e encanta quem por ali passeia.

O Bund é a imagem mais fotografada de Xangai. De um lado do Huangpu surgem os edifícios de estilo europeu e, do outro, algumas das mais modernas construções de Xangai. A diferença não significa contradição. Com passeios que vão de uma até três horas, vários barcos atravessam o Huangpu de dia e de noite.

Para passar de um lado ao outro do rio, as pontes são apenas um dos canais de comunicação. A mesma viagem pode fazer-se por barco ou, desde há um ano, pelo túnel do Bund, num comboio que passa debaixo de água e que durante uns minutos proporciona uma viagem animada por música e ecrãs iluminados. Verdadeira inovação de Xangai, o túnel do Bund mostra a vanguarda da inovação tecnológica da cidade.

A aposta nos meios de multimédia tem sido outra parte da transformação da cidade. Xangai dispõe dos museus mais inovadores do país que continuam a cativar milhares de turistas por ano.

À noite, Xangai ilumina-se como mais nenhuma cidade na China. As várias vias rápidas elevadas estão coloridas com luzes em azul e vermelho criando um efeito visual único para quem as olha de fora.

Com a maior população do país, estimada em 18 milhões de pessoas, Xangai ocupa o primeiro lugar nos centros de negócios da China. Pudong é o sítio por excelência para as grandes companhias internacionais e nacionais. O ritmo acelerado da cidade sente-se nas duas margens do rio mas, ao contrário de Puxi onde as ruas antigas podem tornar-se verdadeiros labirintos dentro de bairros, em Pudong privilegiaram-se as avenidas largas.

Melhor cidade, melhor vida

A requalificação urbana da cidade, parte do projecto da Expo 2010, obedeceu ao princípio de tornar Xangai um melhor sítio para viver. Como uma cidade que coexiste nos dois lados do rio, a feira internacional aproveitou este facto para a localização e vai usufruir das duas margens.

Quando chegar o Verão, na passadeira do Bund vão crescer as esplanadas e restaurantes à beira rio. Ao amanhecer - momento ideal para conhecer Xangai antes do bulício das horas de trabalho -, juntam-se nos parques e em frente ao rio, dezenas de pessoas que escolhem a manhã para a prática de tai-chi. No silêncio dos parques e do rio ao amanhecer, ouvem-se apenas os movimentos lentos e sincronizados dos praticantes.

Mais espaços verdes e menos trânsito já fazem parte de uma tendência mundial para tornar as cidades mais amigas do homem e do ambiente. Em Xangai, os parques continuam a ser local de encontro para muitos habitantes que ali vão passar o dia, jogar mahjong ou passear os seus pássaros. A sintonia entre a cultura chinesa e a vida dos parques observa-se um pouco por todo o país e Xangai não é excepção. No Parque do Povo juntam-se todos os dias centenas de amigos e conhecidos que encontram ali um sítio sossegado para ouvir os seus pássaros cantar e comparar os sons de cada um.

Preparada para turistas, a área da cidade antiga pode ser percorrida de bicicleta. Durante o tempo da Expo 2010, em vários locais vai ser possível alugar uma bicicleta para pedalar por Xangai. A diminuição do trânsito está prevista como forma de facilitar os passeios daqueles que querem conhecer Xangai este ano. Entre Pudong e Puxi, dois séculos de história e dois ritmos de vida, as duas margens do rio vão decerto agradar aos visitantes. A população de Xangai já habituada a lidar com o turismo da cidade, facilita a integração. O orgulho de viver numa das cidades mais modernas do país é fácil de perceber. Numa competição saudável e já com muitos anos de existência, os naturais de Xangai defendem a sua casa por contraposição a Pequim. E este ano têm razão para dizer – "é em Xangai que tudo acontece". ■



A "Coroa Oriental" conjuga elementos da cultura milenar chinesa com traços vincados do progresso industrial e tecnológico.

Vestido de vermelho, o Pavilhão da China aponta caminhos para um futuro mais sustentável

TEXTO: RAQUEL DIAS E JOSÉ CARLOS MATIAS

Como acontece sempre no caso do país anfitrião de uma Exposição Universal, o Pavilhão da China – a "Coroa Oriental" - eleva-se no parque da EXPO Shanghai, projectando uma imagem que ecoa simultaneamente o passado de uma nação milenar e o presente e o futuro de um país em ascensão.

He Jintang, coordenador do projecto do pavilhão, salienta que "nem sempre é fácil incorporar de forma adequada conceitos de arquitectura tradicional chinesa com uma construção que projecta a modernidade e o progresso". Não terá sido fácil, mas para muitos observadores foi não só possível, mas plenamente conseguido. Num primeiro olhar sobressai a feição imponente e imperial de um edifício que se eleva aos 63 metros de altura. Mas rapidamente se vislumbra também uma estrutura de aço e vidro contemporânea e leve, em que os conceitos taoistas estão



omnipresentes. Os diferentes elementos associados ao *yang* (princípio activo, luminoso, masculino) e ao *yin* (passivo, nocturno e feminino) são reflectidos no interior e no exterior da estrutura, em clima de harmonia – pedra angular da cultura chinesa.

Coroa vestida de vermelho

A "Coroa Oriental", projecto escolhido entre 313 candidaturas, está vestida de vermelho garrido, cor auspiciosa na China que sinaliza o vigor e a prosperidade. He explica que "o vermelho garrido, já há muito asso-

ciado com a China serve para lembrar a cidade proibida". Para cobrir o pavilhão foram usados sete tons de vermelho, alusivos às tonalidades patentes na Cidade Proibida. Estima-se que a cor permaneça assim tão resplandecente por mais três décadas, uma vez que o edifício foi construído para se tornar numa estrutura permanente. O seu desenho é concebido de modo a oferecer uma protecção natural ao sol e favorecer a poupança de energia. O exterior absorve o calor e o frio, fazendo jus ao tema da própria Expo: "Melhor Cidade, Melhor Vida".

Lá dentro, vai estar paten-

te a exposição "A Sabedoria Chinesa no Desenvolvimento Urbano". À sua volta estarão os pavilhões das duas regiões administrativas especiais da China: Macau e Hong Kong.

"Nem sempre é fácil incorporar de forma adequada conceitos de arquitectura tradicional chinesa com uma construção que projecta a modernidade e o progresso"

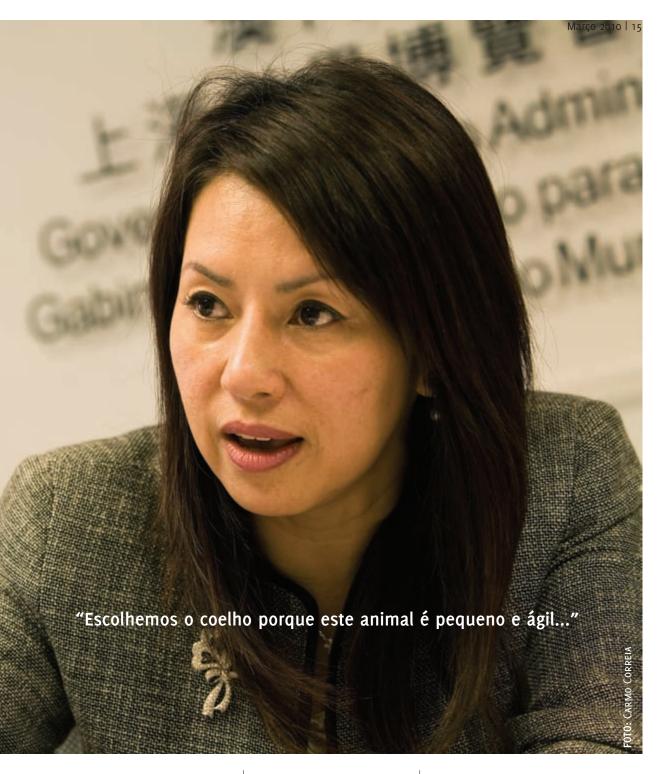
He Jintang, coordenador

A "Lanterna Imperial –
Coelho de Jade" promete
surpreender os visitantes
com uma forma inovadora
de conhecer a história e
os espaços de Macau. O
projecto que serve de vitrina
da Região conjuga tradição,
alta tecnologia e cruzamento
de culturas. O mote é
"Macau, Espírito de Culturas
– Essência de Harmonia"

Luma lanterna, um coelho mágico, imperial. O Pavilhão de Macau na Expo 2010 "Lanterna Imperial – Coelho de Jade" promete oferecer uma experiência única aos visitantes que se deixarem

atrair pela cabeça do coelho que se vai elevar junto ao Pavilhão de Hong Kong e bem perto da Coroa Imperial, o espaço da China na exposição.

Lá dentro, está alojado um tesouro que proporciona uma viagem no tempo e no espaço para dar a conhecer a multiplicidade de uma urbe com mais de quatro séculos de encontro de culturas entre o Oriente e o Ocidente. Esse foi o ponto de partida da



RAEM – dar a conhecer o desenvolvimento económico, social e cultural de uma região que se orgulha do seu património e do dinamismo registado sobretudo nos últimos anos. Christiana Ieong Pou Yee,

coordenadora do Gabinete Preparatório para a Participação de Macau na Exposição Mundial de Xangai (GPPMEMS), explica que o que Macau foi ao longo da história e o que oferece hoje "é possível pelas características das pessoas que aqui vivem em harmonia". É nesse sentido que vai o lema da presença da RAEM na Expo: "Macau, Espírito de Culturas – Essência de Harmonia".

A diferença do coelhinho

O projecto da Lanterna do Coelhinho (nome inicial do projecto) foi escolhido entre um lote de 31 propostas de design. Vários projectos incluíam um dragão, mas o Gabinete Preparatório preferiu algo diferente. "O Júri do concurso escolheu o coelho porque este animal é pequeno e ágil, representando algumas das qualidades de Macau. O coelho é também atractivo para as crianças e enquanto produto de marketing tem potencialidades", diz Christiana Ieong.

O design alude à fisionomia da velha lanterna do coelho da região do Sul da China. A estrutura da "Lanterna Imperial Coelho de Jade" (Pavilhão de Macau) é concebida em dois grandes cinemas em formato de dois anéis: O anel interior, no centro do Pavilhão é um cinema de 5 andares com sistema "surround" e de 360 graus e é designado de "Anel do Tempo". O anel exterior, denominado de "Anel da Harmonia", é dividido em quatro zonas: zona da Harmonia entre Terra e Mar, zona de Harmonia entre Tradição e Modernidade e a zona da Harmonia das Energias. Passando por estas zonas, os visitantes entram numa viagem mágica entre diferentes experimentam tempos, a passagem de Macau de uma pequena aldeia pisca-



tória para a cidade turística internacional de hoje, salientando a mensagem de "Retorno à Pátria, Macau: ainda melhor".

Viagem no espaço e no tempo

O projecto inicial sofreu depois várias alterações "para ficar mais atractivo, funcional e acomodar melhor os visitantes". Ao todo são cinco andares que vão espelhar a evolução de Macau de cidade piscatória a destino turístico mundial. Essa história é contada através do percurso de um rapaz e de uma lanterna que subitamente desaparece, para reaparecer no final da jornada ao lado de dezenas de outras que brilham intensamente. Tecnologia de ponta vai estar presente em cada momento da viagem, que percorre dois anéis - um

interior e um outro exterior - e quatro harmonias: terra e mar, culturas, património e modernidade, e Macau vibrante. O percurso vai cruzar o tempo e o espaço de forma dinâmica, através de um filme realizado propositadamente para ser exibido em Xangai, que guia os visitantes por momentos da história de Macau e os leva aos edifícios mais marcantes da cidade. Em destaque vai estar Zheng Guangying, famoso intelectual que viveu na agora restaurada Casa do Mandarim.

Surpreendente e inovador

"Vai ser algo de inovador e absolutamente surpreendente", afiança a coordenadora do GPPMEMS. A inovação deverá acontecer quer ao nível do conteúdo, quer em termos estéticos e tecnológicos. Ecrãs LED vão estar espalhados por todo o pavilhão com as próprias paredes a servirem de suporte para as múltiplas projecções de imagens. Há também espaço para hologramas e um robô. Antes de entrarem para testemunhar esta viagem com constantes recursos à alta tecnologia, os visitantes poderão desde logo apreciar o exterior do pavilhão, cuja altura ascende a 19,9 metros, numa alusão a 1999, ano do retorno de Macau à China. Embora o limite imposto pela organização da Expo fosse de 20 metros, com a cabeça, em forma de balão, o coelho acaba por ter mais dez metros de altura. Christiana Ieong explica que convenceu a organização a aceitar esta solução, porque "o Coelho de Jade com a cabeca a movimentar-se de uma lado para o outro dá as boas-vindas aos visitantes e sinaliza a presenca do Pavilhão da China, mesmo ali ao lado".

A cor vermelha é a base das orelhas e da cauda da "Lanterna Imperial Coelho de Jade", em sintonia com a cor da "Coroa do Oriente," o pavilhão da China. O reflexo do vidro da pa-

O reflexo do vidro da parede exterior espelha o Pavilhão Nacional Chinês, "o que significa que o país está sempre no coração de Macau". À noite, quando o vidro brilha em cores diversas, "leva-nos a pensar quão dinâmica e épica é Macau, expressando assim

a concretização da política de 'um país, dois sistemas'.

A réplica da Casa Tak Seng On

Além do Pavilhão, Macau faz-se representar na expo através de uma réplica em tamanho real da Casa de Penhores Tak Seng On, um edifício famoso localizado na Avenida de Almeida Ribeiro, no centro de Macau.

A Casa de Penhores Tak Seng On, construída originalmente em 1917, expressa a face social histórica da cidade, bem como a forma de arquitectura da região. O Gabinete Preparatório salienta que a "Tak Seng On é uma herança histórica e cultural valorizada pela sociedade e pelo Governo", que ilustra um caso bem-sucedido de protecção e reutilização de património históricocultural na cidade. Foi por isso que ganhou a entrada na zona de exposição das Melhores Práticas de Desenvolvimento Urbano da Expo de Xangai.

Em 2004, o projecto de restauro da casa de penhores Tak Seng On recebeu uma menção honrosa da UNESCO na atribuição dos prémios para a Cultura e Preservação do Património Ásia-Pacífico. A distinção foi justificada na altura por ser um excelente exemplo de um tipo único de edificio do Sul da China e manter viva a memória associada da história financeira e comercial da região.

O Pavilhão de Macau em números



11

meses, o tempo que demorou a ser construído

1000 +

o número de pessoas envolvidas na fase de construcão

500-600 mil número que a

mil número que a organização prevê que visite o Pavilhão

640 metros quadrados de área

> 19,99 metros de altura da estrutura

> > 10

metros – altura da cabeça do Coelhinho

Janelas para a lusofonia

A Lusofonia vai estar representada em formatos diferentes na exposição universal de Xangai. "Uma Cidade Melhor, uma Vida Melhor", o mote desta exposição universal, é incorporado por vários países lusófonos para projectar imagens de dinamismo e modernidade. As apostas mais fortes partem de Portugal, Angola e Brasil

TEXTO: MARIA JOÃO BELCHIOR E JOSÉ CARLOS MATIAS

Brasil pulsante

O Brasil faz uma aposta forte na sua participação na Expo. O pavilhão, que ocupa mais de dois mil metros quadrados, tem como tema "Cidades Pulsantes: sinta a vida das cidades brasileiras". A fachada, em forma de parêntesis invertido, procura espelhar a ideia de pulsação. O revestimento é feito com pedaços sobrepostos de madeira reciclada e pintada de verde (cor dominante na bandeira brasileira) que vão ser apoiados numa estrutura metálica.

Ao entrar no Pavilhão os visitantes irão sentir o bater do coração das cidades brasileiras, a alegria e a energia características do país. O comissário geral do Brasil na Expo 2010, Alessandro Teixeira, sublinha que o "Brasil e a China são países bastante visuais, cujas formas e cores são factores importantes. A ideia é mostrar essa interacção".

A estrutura, da autoria do arquitecto Fernando Brandão, assemelha-se à primeira

vista ao famoso Ninho de Pássaro construído para os Jogos Olímpicos de Pequim, mas a inspiração do projecto foi a obra Cadeira Favela dos irmãos Campana, conhecidos por serem dos mais conceituados designers de móveis do Brasil. Dividida em várias áreas, pretende mostrar o país e a cultura brasileira, salientando projectos de sucesso.

"O Brasil é um país com uma grande diversidade, cujos *backgrounds* se misturam com harmonia. Queremos mostrar isso, a combinação de cultura, religião e raças de forma única no mundo", explica Alessandro Teixeira.

O verde também é associado às tecnologias limpas e às energias amigas do ambiente. As autoridades brasileiras fazem questão de destacar esta vertente, salientando que o país tem 90 por cento da sua electricidade gerada por fontes renováveis, a maior parte



por hidroeléctricas, e que 45 por cento da energia utilizada no país é gerada por fontes renováveis. O Brasil planeia investir um total de 44 milhões de dólares norte-americanos na sua participação em Xangai.

A energia portuguesa

Portugal é apresentado como "um mundo de energias". Localizado na Zona C, o canto lusitano oferece dois trilhos (salas de exposição) aos visitantes. Um primeiro alusivo aos cinco séculos de relações entre Portugal e a China, e um segundo troço em que é revelada a imagem de um país

moderno, dinâmico e criativo através do filme "Portugal, uma Praça para o Mundo". No segmento contemporâneo, vão ser abordados os progressos no campo das energias renováveis, com destaque para as energias eólica, solar e hídrica. "Vamos passar uma mensagem muito importante que é a de que Portugal é pioneiro a transmitir esta mensagem para o mundo", afirma José Fragoso, director do pavilhão de Portugal.

A estrutura, desenhada por Carlos Couto, arquitecto português radicado em Macau, tem revestimento de cortiça - produto português por excelência.

"A fachada do pavilhão é inteiramente construída em cortiça preta, o que traz grandes vantagens para a acústica interna", diz Carlos Couto. Afirma, por outro lado, que "a construção do Pavilhão de Portugal é um tributo à preservação da floresta portuguesa de sobreiros". A eficiência energética é outra imagem de marca, "com uma redução estimada em 45 por cento do consumo de ar condicionado".

É por isso provável que se venha a destacar na Praça da Europa, zona onde se eleva um palco com cerca de seis mil metros quadrados, que pode receber 1200 pessoas. É por lá que vão passar grandes nomes da música portuguesa, como Mariza e o projecto Amália Hoje, que irão actuar a 6 de Julho, dia de Portugal na Expo.

Angola a florescer

Dos países africanos de língua portuguesa, Angola é o único que se apresenta com um pavilhão próprio. É também um dos poucos países de África que terá uma estrutura em nome individual, ao lado da Argélia e da Nigéria. Esta posição de destaque não é de estranhar dadas as relações de grande intensidade económica e comercial com a China. Em África, e apesar de uma redução nas trocas comerciais em 2009, Angola continua a ser o primeiro parceiro comercial da China com o valor de comércio a rondar os 17 mil milhões de dólares.

A estrutura do pavilhão é inspirada na flor nacional angolana, a Welwitschia, uma planta que apenas cresce no deserto do Namibe e que vive entre trezentos e mil anos. O pavilhão vai mostrar os traços dinâmicos de um país em acelerado crescimento económico. O espaço, dividido em sete secções, apresenta-se também como uma vitrina da geografia, história e cultura de um país cujas relações com a China têm florescido a vários níveis nos últimos anos. Os sectores do petróleo e diamantes, e a utilização sustentável dos recursos do país são aspectos que se destacam no pavilhão.

Guiné-Bissau: paz e natureza

Os restantes países lusófonos de África vão ter os seus espaços albergados no pa-



vilhão construído especificamente pela China para receber os países africanos. Com o lema "Urbanização, Ambiente e Desenvolvimento Rural", a participação guineense em Xangai vai centrar-se na paz e na natureza.

Carrington Ca, ministro conselheiro em Pequim, sublinha que a participação de Bissau na Expo procura "promover o intercâmbio a níveis que vão do social, económico e cultural até ao político, e mostrar a importância das relações com a China". A Guiné-Bissau planeia levar a Xangai nomes da música e cultura guineenses.

A cantora Dulce Neves e o cantor Justino Delgado são apenas alguns dos nomes que podem vir a surgir na lista do programa cultural da Guiné-Bissau. Devido às condições financeiras, o país não pôde apresentar um orçamento definitivo mas, segundo a Embaixada em Pequim, o valor inicial calculado para a participação estava nos seiscentos mil dólares.

Cabo Verde, pequeno mas global

A música cabo-verdiana também vai marcar presença na exposição universal. Cesária Évora estará em Xangai para um espectáculo dado juntamente com Mayra Andrade, a 10 de Julho, dia de Cabo Verde na Expo. No mesmo dia haverá actividades de animação como complemento aos conteúdos temáticos da exposição, designadamente tocatinas interactivas no pavilhão, animadas por artistas cabo-verdianos.

"Small and Global" é o mote do arquipélago do Atlântico nesta Expo. Segundo o Comissário geral de Cabo Verde a ideia é mostrar através deste conceito "o legado histórico do país, a posição geoestratégica atlântica, a riqueza cultural e o potencial endógeno". Cabo Verde quer pela participação na Expo Xangai 2010 "traduzir um país de pequenas escalas mas de conexões globais". Em concreto foi desenvolvido um programa, organizado seguindo três eixos, que procura dar a conhecer as cidades-porto do arquipélago, como Mindelo, Praia ou Ribeira Grande, zona onde fica localizada a Cidade Velha, que recentemente foi classificada pela UNESCO Património Mundial da Humanidade.

O orçamento global da participação de Cabo Verde deverá ser de aproximadamente um milhão de dólares. O stand, localizado no pavilhão africano, terá 240 metros quadrados de área.

Moçambique

Até ao momento do fecho desta edição ainda não estavam disponíveis quaisquer dados oficiais relativos à participação de Moçambique na Expo 2010.

Timor-Leste: participação especial

Timor-Leste apresenta-se na Expo com um pavilhão com cerca de 320 metros quadrados.

Com o lema "Esteja connosco, esteja com a natureza", a participação timorense na Expo Xangai 2010 tem um sabor especial. O embaixador de Timor-Leste em Pequim, Olímpio Branco, realçou a importância que tal participação tem, uma vez que "é a primeira vez que participa numa Expo depois da independência em 2002".

O projecto do pavilhão, que foi desenvolvido a partir de Díli, tem à frente da equipa técnica o arquitecto português Joaquim de Brito.

O orçamento total para a participação está estimado em um milhão de dólares americanos, dos quais seiscentos mil dólares são uma contribuição da organização - a República Popular da China -, dada a vários países em vias de desenvolvimento que vão participar no evento.

Timor-Leste terá o seu dia oficial em Xangai a 13 de Julho. O embaixador timorense em Pequim assegura que nesse dia haverá grupos culturais para actividades programadas no recinto, estando também prevista a presença de empresários timorenses e agendadas amostras da culinária local. Para o diplomata, Timor-Leste terá em Xangai "uma oportunidade única que decerto não se irá repetir nos anos mais próximos".



ANGOLA-CHINA Parceiros em África



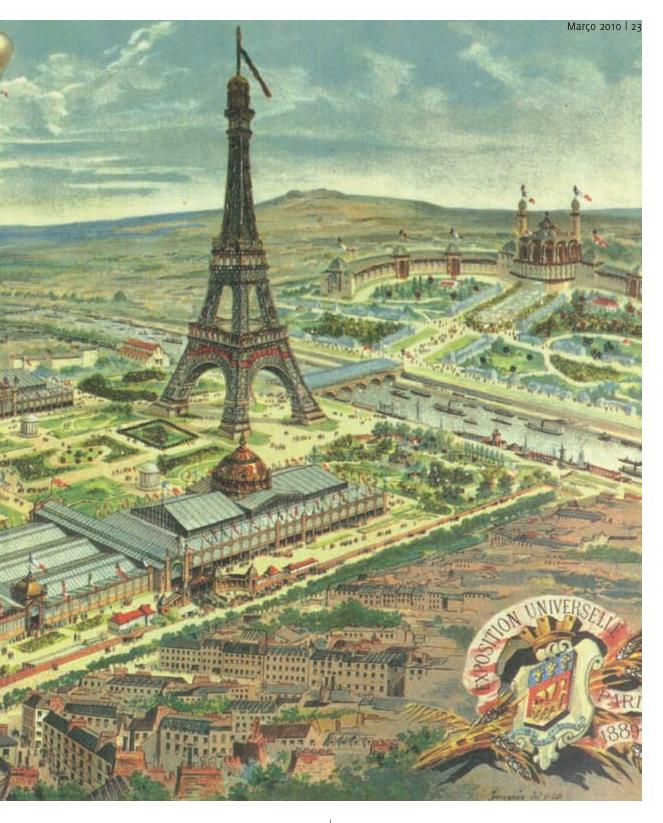
CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA Região Administrativa Especial de Macau República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7° Floor I & H, Av. Comercial Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: www.consgeralangola.org.mo

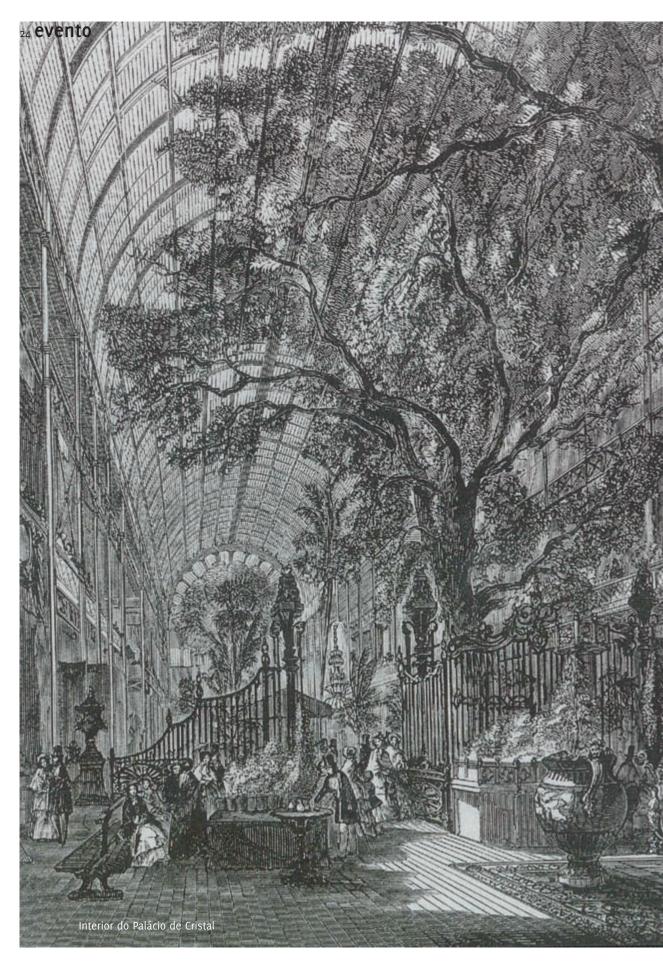


A primeira grande feira internacional de que há registo realizou-se em Londres em 1756. Porém, de acordo com o *Bureau International des Expositions* (BIE), a primeira exposição com características

universais apenas teve lugar quase um século depois, em 1851, também em Londres. Em Hyde Park foi construído um palácio de cristal para acomodar expositores de 28 países. Estávamos em



plena segunda revolução industrial, no país que tinha sido o berço da idade contemporânea e que se assumia como potência mundial. Desde o início que as exposições foram plataformas por excelência para celebrar a modernidade e o progresso tecnológico. Em Londres as próteses dentárias, os revolveres Colt e o telégrafo, foram as estrelas da feira. Mas seria Paris a receber a mais famosa



das exposições mundiais. Em 1889 foi inaugurada a feira que traria à Cidade-Luz a famosa Torre Eiffel então servia entrada para o recinto. Mas esta não foi apenas a exposição da torre de aço desenhada por Gustave Eiffel: as próteses, elevador hidráulico e a famosa cadeira de baloico também brilharam Exposition Universelle. Paris seguiram-se cidades Viena, Sidney, como Antuérpia e Amesterdão, Chicago e Bruxelas, entre outras.

As primeiras *Expo* na Ásia

Demorou várias décadas até que as exposições universais - as reconhecidas pelo BIE – saíssem do Ocidente (Europa, EUA e Austrália). De facto, só em 1970 o BIE aprovaria uma exposição fora desse universo, que se realizou em Osaka sob o tema "Progresso e Harmonia

para a Humanidade" e introduziu edifícios insufláveis e músicas compostas por computador.

Mas, se incluirmos na lista outras exposições internacionais grande de dimensão, encontramos uma feira mundial na China, realizada em 1910, no último ano da Era Imperial. Embora não tenha tido o sucesso das suas congéneres ocidentais, a Exposição dos Mares do Sul em Nanquim representou um sinal de abertura, ou pelo menos, de tentativa da China se abrir às novas tecnologias europeias. Pela primeira vez o Império do Meio convidava o Ocidente a visitá-lo. Uma outra exposição internacional





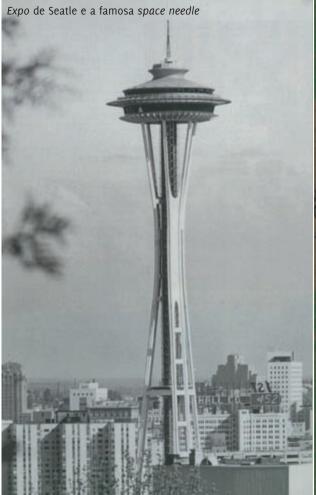
Pavilhões da China e do Japão na Rue des Nations na Expo de Paris

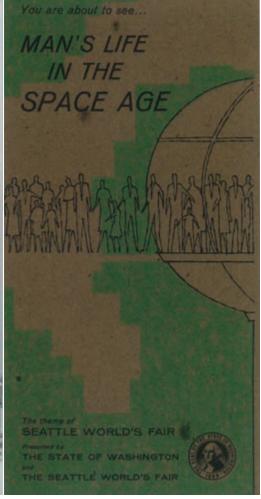
teve lugar na Ásia Oriental, na primeira metade do século XX. Nagoya, no Japão, recebeu em 1937 uma feira subordinada ao tema "Paz Universal", uma designação que surge aos olhos dos dias de hoje como tendo uma grande dose de ironia, atendendo ao expansionismo militar nipónico dessa época.

O fulgor pós-II Guerra

A segunda era de ouro das *Expo* – a primeira verificou-se entre a segunda metade do "industrial" século XIX e a "*Belle Epoque*", que se prolongou pelo século seguinte - tomou forma após









a II Guerra Mundial. O crescimento económico na Europa e nos EUA verificado entre 1945 e 1970 não só elevou a qualidade de vida das populações como trouxe à tona progressos técnicos até então apenas referidos em livros de ficção científica. O futuro passou a ser omnipresente nas *Expo*. A exploração espacial era elevada ao pináculo do progresso da humanidade. Em Seattle, na exposição em que o tema foi "O Homem na Era Espacial", em 1962, foi construída a famosa *Space Needle*.

Em Montreal, apenas cinco anos depois, a *Expo* sob o tema"O Homem e o Seu Mundo"parecia responder com uma visão mais humanista e pacifista, que acabou por servir de tom para as exposições que se seguiram.

Expo em Portugal: Tanto Mar

Portugal esperou até 1998 para ter a sua primeira *Expo* com a chancela do BIE. Mas mais de um século antes, o país já tinha tido feiras mundiais que deixaram

marcas. O Porto foi a cidade anfitria de exposições que tiveram lugar em 1865 e 1894. Uma outra feira ficou para a história do século XX português, na Lisboa de 1940. Não foi uma exposição universal, mas procurou promover os vários aspectos do Mundo Português. Um Mundo que começara cinco século antes e que tinha sido construído à Beira-Mar.

Não foi por isso de estranhar que"Os Oceanos: Um Património para o Futuro" fosse o tema da primeira exposição verdadeiramente universal que Portugal recebeu, em 1998, em Lisboa. Mas agora, esse "Tanto Mar", estava virado para o futuro. Os oceanos surgiram como vias para o encontro de culturas. Lisboa 98 mostrou-nos não só uma exposição feita de raiz mas um exemplo planeamento urbano que recebeu prémios internacionais. Com 11 milhões de visitantes e 121 países participantes, o Parque das Nações acabou por reabilitar a zona oriental da cidade, que estava na altura em decadência. Um ano antes do regresso à China, Macau surgiu na Expo 98 com a sua face mais conhecida: um pavilhão cuja entrada era uma versão da fachada da antiga Igreja da Madre de Deus (Ruínas de S. Paulo). O pavilhão de Macau acabou por ser dos poucos espaços que permaneceu em funcio-





namento depois da exposição encerrar as portas.

A procura da sustentabilidade

Em Lisboa, os oceanos abriam as portas para um olhar sobre modelos de desenvolvimento mais sustentável e amigo do ambiente. A Expo 2008, realizada em Saragoça, Espanha, juntou essas ideias de forma bem explícita, tendo como tema central: "Água e Desenvolvimento Sustentável". Xangai 2010 segue-lhe o caminho, centrando-se agora espaço urbano enquanto palco para a promoção de uma vida melhor, com mais qualidade e sustentabilidade. Em Xangai, cidade ela própria erguida Sobre o Mar, (em chinês, Shanghai, 上海, significando o primeiro carácter, shang, 上, "sobre" e o segundo, hai 海, "mar") e que se tornou na capital económica da China. Com o tema "Melhor Cidade, Melhor Vida" espera-se de Xangai 2010 uma visão urbanística e sustentável do desenvolvimento da cidade. Com os olhos do mundo virados para as questões ambientais e os problemas que decorrem de uma má exploração de recursos, não é de estranhar que esta última fase na história das exposições mundiais esteja preocupada em descobrir cada vez mais soluções para estes problemas.

Doutorada em Filosofia (Filosofia da Cultura Chinesa)



Coração de Bambu

1 Símbolos

O bambu é antes de mais, e para mim, um símbolo pessoal. Um grito de guerra, mas silencioso. Uma paixão de vida. Já há muito que me rodeio de bambus e se não os planto nem os pinto à maneira dos poetas e pintores das dinastias Tang e Song é só porque me falta a perícia, não porque me falte a vontade. Assim vou-me contentando com uns parcos raminhos enquanto idealizo bambuais.

O bambu é belíssimo. Na China serve para quase tudo, embora a sua função máxima seja não servir para nada. No entanto, lá vai servindo e cumprindo o destino de todos os outros seres vivos. É nobre material de construção, de alimentação, de registo...Tem funções estéticas definidas, já que enfeita muito e bem. É um dos pilares da estética ecologista chinesa. Enquanto material é veículo privilegiado de ligação ao sagrado. Quem não se recorda dos paus de bambu fl n\- el bŁ utilizados nos templos para efeitos de adivinhação? Além disso, entra nas principais festividades chinesas na forma de panchão para expulsar os demónios. É uma norma de vida e um símbolo da idade, tanto da jovem como da que se estende a perder de vista. Ele é um ser completo, um microcosmos, e por isso ora o vemos exterior, flexível; ora interior; ora estético, belo; ora ético-moral, na forma de coração vazio e modesto. Tem muitos dons, sendo imagem privilegiada de uma postura filosófico-

2 Poemas e pinturas

Muitos foram os poetas e pintores chineses que cantaram o bambu. Interessante é observar as situações poéticas para os cânticos.

Em Wang Wei O fl-\$%+*%Qda dinastia Tang (唐), poeta que se considera discípulo do sexto patriarca do Budismo Chan fl Ł Huineng (惠能), vemos o bambu a surgir num cenário de grande desprendimento dos bens e riquezas materiais. Sabemos que este poeta e pintor, considerado desde a dinastia Song (宋) o fundador da pintura da Escola do Sul, e do qual não nos chegaram pinturas que possamos considerar autênticas, foi classificado como o maior pintor paisagista da dinastia Tang. Pela sua filiação religiosa ao Budismo Chan, mais conhecido pelo nome japonês de Zen, e pelas cópias que nos chegaram dos seus trabalhos, percebe-se que para ele a pintura era a expressão de um estado de alma, onde o pintor manifestava o espírito em casamento com a natureza.

Veja-se o seguinte poema de Wang Wei, traduzido por António Graça de Abreu, e sugestivamente intitulado: Escrito numa tarde de Primavera, no Pavilhão dos Bambus, para o mandarim Qian, de regresso a Lantian

Serena a noite, cessou todo o movimento, de vez em quando, um cão ladra na orla da floresta.

Recordo os homens que habitam a montanha, Isolados, lá longe, a oeste da torrente. Tu tens sorte, vais partir ao nascer o sol e despreocupado colher fetos e cogumelos¹

Imaginamos agora, com mais facilidade, Wang Wei sentado no Pavilhão dos Bambus, num aromático e acolhedor fim de tarde primaveril, em comunhão de alma com a natureza, antecipadamente saudoso do cenário que aguarda o amigo Qian. Este, também ele poeta e mandarim, vai partir para Lantian, a estância de férias campestre da corte de então, enquanto Wang Wei terá de voltar à cidade e aos milhares de afazeres que lhe enchem o coração, afastando-se do único estado de espírito que o deixa em verdadeira harmonia consigo mesmo: o vazio que lhe permite a fusão com o Ser Natural.

Um outro poeta Tang, Liu Yuxi O (772-842)], traduzido por Xu Yuan Zhong, canta-nos a Canção Ramo de Bambu (I, II), que também nos recorda o desprendimento doloroso do coração, quando confrontado com a vacuidade das paixões terrenas:

Canção Ramo de bambu

O rio passa entre os chorões O meu bem num barco canta. O Oeste coberto de chuva, o Este de sol. A profundidade do amor do meu bem é a deste belo dia.

Canção Ramo de Bambu (II)

Acima na montanha rubra florescem botões de pessegueiro;

Abaixo as margens são lavadas pelas águas da corrente:

Os botões rubros murcham rápido como o amor do meu galante,

O rio e a minha tristeza: ambos fluem para sempre.²

Quem canta, modesto e vazio, aceita a sua sorte, a perda do seu efémero amor. Mas ele sabe que embora vá ficar sempre triste e sinta o buraco material que o sentimento lhe causou, num outro registo, o espiritual, será como um ramo de bambu, que não morre, porque o seu coração permanece vazio e, por isso, e só por isso, poderá fluir sempre. Numa leitura um pouco esotérica, perde um bem para ganhar outro maior, pois troca uma afeição terrena por uma afinidade natural: ele, ramo ou coração de bambu, e o rio fluirão em conjunto, possuindo o mesmo ritmo vivencial. A perda do amor alargou-lhe a dimensão, que de humana se transmutou em cosmológica.

Um outro grande poeta Tang, muito amigo de Liu Yuxi é Bai Juyi [(772-846)], que oscilou entre mandarim inferior e superior. Também a Bai Juyi pesam as obrigações mundanas. Preferiria plantar bambus a ser oficial num ambiente citadino, como nos diz em Plantando Bambus, onde no primeiro verso claramente afirma que: não tenho jeito para mandarim da cidade. E um pouco adiante: Às vezes, quando o trabalho é pouco,/passeio em redor do bambual até ao pôr-do-sol.3 Sente-se que o poeta vive um conflito interior: por um lado está inserido num mundo organizado em que participa na categoria de oficial, mantendo um cargo elevado, mesmo quando é mandarim inferior; por outro a

¹ António Graça de Abreu (Trad.). 1993. *Poemas de Wang Wei*, Macau: Instituto Cultural, p.99

² Xu Yuan Zhong (trad): *Songs of the Immortals*, p. 74

³ António Graça de Abreu (Trad.). 1991. *Poemas de Bai Juyi*, p. 86

sua alma quer fugir do ambiente citadino e dedicar-se à contemplação e meditação, porque para ele uma das maiores felicidades, percebe-se bem, é não servir para nada, deixando-se estar em união com a natureza, eis a maior sorte, que ele reclama para os bambus, cujo vazio interior é favorável às subidas celestiais. Diz-nos então em: Na janela, olhando os bambus:

Porquê cortar e fazer uma flauta? porquê aparar para uma cana de pesca? Murcharão ervas e flores, Eles, bonitos, baloiçando sob flocos de neve.⁴

Aqui está em causa a ideia de utilidade. Qual é a maior utilidade? É não ter utilidade social nenhuma, porque o maior bem está do lado da natureza. Os bambus merecem um tratamento distintivo, já que a sua natureza lhes oferece características excepcionais. Enquanto as outras plantas e flores murcham, eles permanecem um manifesto naturalmente estético por entre o branco da neve. A sua elevada e resistente postura natural devia pô-los a salvo de utilidades menores, de compartimentações e mortes antinatura, mas nem mesmo eles se libertam da instrumentalização, servindo de meios quando possuem espontaneamente a dignidade de fins.

Também os pintores da dinastia Song (960/1279) têm como tema privilegiado o bambu. Porém, é preciso não esquecer que nas pinturas de todas as dinastias ele figura como uma das quatro plantas nobres, entre o botão de ameixieira, o crisântemo e a orquídea. O bambu despe-se de folhas, porque tem o coração vazio, mas pela sua resistência, simboliza mente unificada. Permanece uma sempre verde, o que o transforma numa das imagens da longevidade do País dos Dragões. Verde em todas as estações, até no Inverno ou, numa leitura antropomorfizada, resistente em todas as idades.

Provérbios

Gostaria de destacar três provérbios entre os mais conhecidos dedicados ao bambu. O primeiro é material: 1)

'ffn\-a Yb X \%n\-a Yb Za -a Yb X \%n\-mumen) Cada qual com seu igual ou, numa tradição literal, o bambu com o bambu e a madeira com a madeira.

Os provérbios são polissémicos, por isso interpretemos este.

Salta-me a vista a ideia de natureza: cada qual com seu igual, porque nem todos são iguais. Uma natureza de bambu é muito diferente de uma de madeira. E não vale dizer, à boa maneira daoísta, não é melhor nem pior, é diferente. Na minha humilde perspectiva há que ter como referente a completude. Uma natureza como a madeira é cheia, não tem vazio, por isso é sólida, mas muito menos resistente do que o bambu, que é mais completo, já que encerra em si o espaço do ser e do não ser, do ter e do vazio. Ainda que a madeira se transforme, é com bem mais dificuldade do que o bambu, que verga, e não parte, distinguindo-se pela sua maleabilidade. Não esqueçamos que esse mesmo bambu é material utilizado para rezar nos templos, mas também nos andaimes das construções.

O segundo provérbio é social. 2)

fe% n\- b{bg\ Lpode ser traduzido por: Não há bambu que cheque ou, mais literalmente, mesmo com todo o bambu será difícil escrever. Este provérbio, uma vez que se refere à organização social, pede contextualização. Antes da invenção do papel em 105 d.C por Cai Lun fl Ł os chineses escreviam em ossos, carapaças, seda e, também bambu, que era então o material mais utilizado para a escrita. Nele eram registados, por exemplo, os crimes praticados por tiranos, usurpadores, etc. Entre os criminosos políticos, celebrizouse Wang Mang (王莽), que viveu durante a dinastia Han do Oeste O fl&* "7! & d.C)], matou o imperador, usurpando o trono. Quando foi punido, um dos generais terá proferido a respeito dele: Não há bambu que chegue. Hoje o dito é aplicado

⁴ António Graça de Abreu, Ob. Cit., p. 161

a todos os criminosos de longo cadastro. Veja-se que, numa interpretação possível,

o bambu tem uma função correctiva, ele é o material moral, a memória da acção, um dos ramos da lei, o amigo da humanidade e da justa organização social. O terceiro provéré espiritual. bio 3) 胸有成竹 (xi ng y u chéng zhú) e significa ter bambus no peito. Há pelo menos duas versões deste provérbio passadas com poetas e pintores distintos, sendo a mais conhecida a que atribui o dito ao famoso poeta e pintor da dinastia Song, Su Shi O (1037-1101)], também conhecido por Su Dongpo (

Ł Este poeta pintava muito bem bambus e a certa

altura escreveu que ao pintar um bambu, o artista deve já possuir uma imagem viva dele no peito. O provérbio generalizou-se devido a um amigo, Yu Ke, que também era poeta e pintor. Como ele se excedesse na pintura dos bambus, os amigos começaram a dizer que Yu Ke já tinha um bambu no peito, servindose para tal da expressão de Su Dongpo. Podemos interpretar este provérbio em três registos. O primeiro, meramente intelectual, aconselha qualquer pessoa a ter uma ideia, um plano, bem formado, antes de passar à acção. O segundo, o registo filosófico daoísta, em que somos advertidos de que só num estado de total unificação com a natureza realizamos um trabalho, artístico ou não, bem feito.

Porque a natureza do pintor, em termos macrocósmicos, é a mesma do bambu.



O nada, o vazio e a não-acção

O Bambu remete-nos para noções que habitam o território filosófico. Em primeiro lugar, para a de vazio. O bambu é vazio no seu interior e, por isso, é a imagem privilegiada de um coração modesto. No entanto, vazio não significa indiferente. Ter um coração vazio não quer dizer do ponto de vista filosófico chinês estar-se nas tintas para tudo e para todos. Vazio fl 1 Łnão significa igual a nada fl wú), embora seja criado pelo nada primordial. E ambas as noções desempenhem papéis fundamentais, por exemplo, na cosmologia daoísta. O nada é a condição de possibilidade para que os dez mil seres Ł todos os seres, venham à existên-





cia. O nada é o par complementar do haver ou ser (有 y u). O bambu, como todos os outros seres vem do nada, mas tem tanto de nada como de ter e, por isso, vemos bem o seu vazio fl Ł, mas também o seu pleno fl g〉Ł Somos informados no capítulo 40 do Daodejing fl Ł, o primeiro clássico da escola daoísta, atribuído a Laozi (老子):

No Dao o único movimento é o retorno; A única qualidade útil, a fraqueza Embora todas as criaturas debaixo do Céu sejam produtos do Ser, O próprio Ser é produto do Não-ser.

弱者道之用

Em termos da verdadeira realidade, o mundo noumenal, o nada inicia a existência, o espaço de ser e não ser, que depois, ao nível do mundo fenomenal, aquele que habitamos, surge bem representado pelas imagens da roda, da vasilha, das portas e das janelas, tal como nos são apresentadas no capítulo 11 do *Daodejing* fl

Pomos trinta raios juntos e chamamos-lhe roda;

Mas é no espaço onde não há nada que a utilidade da roda depende.

Moldamos barro para fazer uma vasilha;

Mas é do espaço onde nada há que a utilidade da vasilha depende.

Rompemos portas e janelas para fazer uma casa;

E é nestes espaços em que nada há que a utilidade da casa depende.

Assim como tiramos partido do que existe, devemos reconhecer a utilidade do que não existe.

O nada noumenal que se converte em vazio existencial é muito útil, do ponto de vista ontológico e ético, porque é por meio dele que os seres se transformam. O vazio é a potência para assumir todas as formas possíveis. O vazio não pode, por isso, converter-se num encolher de ombros, já que é um elemento dinâmico e activo. O vazio na música traduzse em silêncio e na poesia em supressão de vocábulos, denominados palavras vazias. Também em relação à ética daoísta, o vazio é silêncio. É o vazio que permite a interiorização, de modo a que cada coisa seja ela própria e outra para alcancar a totalidade5.

Por isso os daoístas falam da não-acção fl k-k, L que se liga ao vazio, ao silêncio e a flexibilidade. Esta não-acção implica uma acção interior máxima própria dos sábios, como podemos ler no capítulo 63 do Daodejing fl L Actua sem acção, faz sem fazer, encontra sabor no que não tem sabor fl

畏。) É através da não-acção exterior e, pode-se acrescentar, total dinâmica interior que nos tornamos fracos e flexíveis. Se nos modelarmos pelo bambu e por todas as plantas maleáveis, ganharemos em longevidade, porque estamos a adoptar a postura ética correcta perante a vida, vazia, aparentemente não-activa, mas unificada. Lemos no capítulo 76

Quando o homem nasce é macio e fraco, quando morre é rijo e duro.

Também as plantas e as árvores quando estão vivas são suaves e macias, mortas ficam quebradas e secas.

草木之生也柔脆,其死也枯槁。

Tudo o que seja rijo, inflexível e cheio

aproxima-nos da morte, só o vazio nos permite o crescimento, a transformação e o alcançar da completude, tornando-nos espelhos do universo, capazes de reflectir o todo, pelo facto de participarmos em tudo.

O vazio é, ainda, uma das nocões centrais do Budismo Chan fl Ł Chamam-lhe kòng (空) e não l fl Łcomo os daoístas, ou por vezes ambos os nomes, mas a ideia em causa é a mesma: é preciso despir-nos do que não interessa para alcançarmos a verdadeira realidade, a fim de expressar o nosso eu autêntico e profundo. E se no final os daoístas regressam à unidade originária, os budistas Chan alcançam o nirvana, o vazio total, para além de todas as dualidades ou diferenciações. Este estado de libertação, impossível de descrever do ponto de vista fenomenal, permite escapar ao ciclo da morte e do renascimento, viabilizando, assim, a bênção de se participar num contínuo mental eternamente activo. Para atingir a iluminação é necessário, tal como nos daoístas, esvaziar a mente e copiar o modelo do bambu, como nos ensina o seguinte gong'an [(公案) em japonês koan]6: A iluminação de Zhixian, da dinastia Song do Registo de Jingde da transmissão da Lâm-Ä diálogo decorre entre Zhixian fl Łe o Mestre Lingyou fl 'Lde Weishan (沩山). O Mestre, que sabia do potencial do interlocutor, pediu-lhe não que comentasse sutras e professores, mas que lhe falasse dele próprio, antes de ter nascido ou de possuir conhecimento de qualquer coisa. Zhixian não conseguiu responder-lhe. Logo, solicitou a resposta do Mestre, que se recusou a dar-lha. Depois queimou todos os livros e decidiu transformar-se em monge mendicante. Vagueou até chegar Ł onde se fixou: a Nanyang fl

Certo dia quando cortava lenha, ao limpar as

⁵ François Cheng. *Vide et plein. La Langage pectorial chinois*, p. 49

⁶ Os *koan* significam literalmente documentos oficiais, onde são tomadas decisões fundamentais. Para a escola do Budismo Chan são registos em forma escrita dos ensinamentos que os mestres transmitiram oralmente aos seus discípulos.

ervas daninhas do sítio, por acaso atirou algumas pedras e telhas partidas contra uns bambus. Escutou o som que produziam. Então, de repente, compreendeu e desatou a rir. Quando regressou aos seus aposentos, limpou-se, queimou algum incenso, curvou-se na direcção de Weishan, onde estava o seu Mestre, e disse com gratidão: «Compassivo abade, que, mais do que os meus pais, me deu o dom da própria vida! Se me tivesse dado a resposta à sua pergunta, não tinha tido esta experiência hoje.

A queima, metafórica ou real dos livros, é prática comum entre os daoístas e os budistas Chan, porque ambas as escolas consideram que a verdadeira sabedoria reside no interior de cada um e não na acumulação de muitos e veneráveis séculos de tradição. A verdadeira sabedoria, directa e intuitiva, nunca pode ser exterior à mente de quem a possui. No caso dos Chan sempre houve várias escolas. Inicialmente a que prevaleceu foi não a Escola do Norte, que privilegiava o conhecimento adquirido através das escrituras e dos comentários dos mestres, mas a Escola do Sul, fundada pelo sexto patriarca, Huineng [惠能(638-713)]8. Nesta defendia-se uma postura tranquila e silenciosa, vazia como o interior do bambu. Considerava-se que a via correcta para a iluminação era repentina, pessoal e intransmissível. Os mestres poderiam através dos seus diálogos, ou até de práticas mais agressivas, como os gritos e as agressões físicas, colocar os discípulos no caminho certo, que era o de reconhecimento da sua própria natureza Buda. Apesar da relutância a toda a sabedoria escrita e transmissível do exterior, a Escola do Sul baseia-se em duas escrituras: O Sutra Diamante e o Sutra Plataforma fl 经). Este último tem uma importância extraordinária, porque, como nos informa o filósofo e tradutor Wing-Tsit Chan: é o único trabalho em chinês honrado como escritura.9 O Sutra Plataforma foi pregado pelo sexto patriarca no templo Da Fan (大梵) em Shaozhou (韶州) e registada pelo discípulo Fahai (法海). A nós, e para terminar, interessa-nos a tematização da noção de vazio. Diz-nos o Sutra Plataforma no capítulo 24:

A palavra mah prajn p ramit é sânscrito e significa em chinês a grandiosa sabedoria pela qual se alcança a Outra Margem (...) O que quer dizer mah ? Significa grandiosa. A capacidade da mente é tão grandiosa como a do espaço vazio. Se contudo nos sentarmos com uma mente vazia, ficaremos agarrados ao vazio caracterizado pela indiferença. O espaço vazio pode abraçar o sol, a lua, as estrelas, as plantas, a terra grandiosa, as montanhas, os rios, todas as árvores e plantas, as pessoas boas e más, os *dharmas*¹⁰ bons e maus, os céus e os infernos. Todos estão dentro do vazio. O vazio da natureza humana é o mesmo.

fl"Ł 3

11

Como se pode verificar por este excer-

^{7 &}amp; *

⁸ No entanto as escolas Zen têm utilizado ao longo dos tempos diferentes métodos. A Linji [fl ŁRinzai em Japonês], fundada por Yi Xuan ['(m. 867)] recorre aos métodos mais radicais e à utilização de *koan*, acreditando à maneira da Escola do Sul na iluminação repentina, ao passo que a escola Cao Dong [(曹洞) Soto no Japão], cujo fundador foi Liang Jie [(良价) 807-901], privilegia o recurso a métodos de ensino baseados na possibilidade de transmissão do saber.

⁹ Wing-Tsit Chan (trad.): 《坛京》The Platform Scripture, p. 20

Neste contexto significa "doutrina", "ensinamenos" mas também pode querer dizer "correcção", "condição", "fenómeno".

¹¹ Wing-Tsit Chan (trad.): 《坛京》The Platform Scripture, cap. 24, p. 68

to, o vazio implica uma postura perante os outros e o mundo. O vazio é, antes de mais, um estado mental, uma certa relação que estabelecemos com a realidade que nos rodeia, devendo ser, tanto nos daoístas como nos budistas Chan, tranquila e desprendida, porque só escapando à lei da causalidade se alcança a liberdade mental necessária ao vazio essencial, que nos pode espelhar a nós e ao mundo. Daí que o bambu com o seu interior vazio seja uma imagem preciosa para os pensadores Chan. Nós e o bambu temos uma parte cheia, mas não é por ela que alcançaremos a natureza Buda, antes pelo cultivar de uma mente sempre activa e vazia, embora em relação, para atingir a completude de um eu e de um outro espiritualizados.

Concluirei com um tributo pessoal ao bambu, à maneira dos guerreiros de Shaolin, sem auto-interesse, centrada no objectivo, aquém e além da longevidade do mesmo.

Coração de Bambu

Ri ao vento no Céu, 12 espelha estrelas, flui nos rios, desagua nos mares.

Coração que permanece sem pensar em regressar.

Dança sem se movimentar. Ri ao luar.

Coração que nunca agarra E se deixa embalar: no silêncio escuro da noite, na claridade branca da neve, na transparência do vento, no brilho de um certo olhar.

¹² 笑 xiào, o carácter de riso, é composto por dois elementos: bambu (竹 zhú) e céu (天 ti n).





Bibliografia

Abreu, António Graça de (trad.). 1991. Poemas de Bai Juyi. Macau: Instituto Cultural de Macau

Abreu, António Graça de (trad.) 1993. Poemas de Wang Wei. Macau: Instituto Cultural de Macau

(ed). 1958. . . Caligrafia e Pintura Chinesa. Colecção do Museu de Macau. Macau: Museu de Macau

Chan, Wing-tsit. 1963. . The Platform Scripture. New York, St. John University Press

Cheng, François.1991. Vide et plein. La langage pictural chinois. Paris. Éditions du Seuil

Eberhard, Wolfram. 1986. A Dictionary of Chinese Symbols. Hidden Symbols in Chinese Life and Thought. London, New York, Routledge

Fan Weixian. 1994. Cem Provérbios Chineses. Macau: Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente

Lansheng, Jiang (comp.).1997. 100 Excerpts From Zen Buddhist Texts.Hong Kong: Commercial Press

Laozi.1997. (Tao Te King) *Le Livre de La Voie et de la Vertu,* trad. e comentário de Claude Larre, s.j. Paris, Desclée de Brouwer Bellarmin

Steens, Eulalie.1996. *Dictionnaire de la Civilization Chinoise*. Éditions du Rocher, Jean-Paul Bertrand

Waley, Arthur (org.). 1956. *Chinese Poems*. London. George Allen and Unwin Ltd.

Weng, Wan-go.1978. Chinese Painting and Calligraphy. A Pictorial Survey.69 Fine Examples from the John M. Crawford, Jr. Collection. New York. Dover Publications, Inc.

Zhang Ciyun. 1996. *Chinese Idioms and Their Stories*. Beijing. Foreign Language Press

Zhong, Xu Yuan. 1994. Songs of The Immortals. An Antology of Classical Chinese Poetry. London: Penguin Books



Até à nossa chegada à China, o bambu pouca existência tinha no meio quotidiano em que vivíamos, aparecendo raramente em jardins. Mas quando viajávamos pelo Sul da China tínhamos oportunidade de encontrar o bambu por todo o lado e constatar a utilização de todas as partes que o compõem. A mais surpreendente utilização, pelas magníficas estruturas a que dá origem, é nas construções feitas para servirem de andaimes. A cozinha chinesa, por exemplo, faz uso dos rebentos de bambu (zhusun), como das suas folhas e da cana. Provámos o arroz cozido em canas de bambu, os bolos de arroz glutinoso (zong) embrulhados em folhas de bambu e, em Sichuan, o licor verde de folhas de bambu. Antigamente o caule do bambu estava muito ligado ao quotidiano já que a sua utilização ia desde a construção de redes de canalizações para transportar a água do rio e levá-la a irrigar os campos às jangadas, tendo havido também pontes e casas feitas deste material. Muitas das armas, como as varas das lanças e os arcos e flechas, eram feitas de bambu, tal como o lança-fogo.

Em placas de bambu ficaram registados caracteres com momentos da história da China, que formaram os primeiros livros. Conta-se que Confúcio tinha o Livro das Mutações, Yi Jing, assim gravado e, de tanto o manusear, teve que mudar os atilhos de cabedal que atavam as placas umas às outras.

Arbusto muito apreciado nos jardins, do bambu faz-se ainda mobiliário e talham-se esculturas.

Sentados em cadeiras e usando mesas feitas com canas de bambu, comíamos com pauzinhos, (kuaizi) feitos igualmente de bambu. Muitas especialidades gastronómicas eram servidas em cestos de bambu, que servem para cozer a vapor os alimentos.

Também vimos pessoas transportando cargas pesadas distribuídas nos extremos da vara de bambu que, devido à flexibilidade cadenciada pelo caminhar, leva o contacto da vara por instantes ao ombro, o que parece retirar o peso ao que transportam, mesmo a subir as escadas de uma das montanhas sagradas chinesas. As redes de pesca de abater e os cachimbos de água, que muita gente ainda fuma nas aldeias, tudo é feito de bambu. Encontrámos ainda barcos com velas de bambu no porto de Quanzhou, na Província de Fujian.

O caule de bambu pode ser usado para fazer papel e os pincéis têm-no no cabo, assim como é o material de muitos instrumentos musicais, como as flautas ou os xilofones. Desde 1998 que existe uma orquestra, a *Hwa-yun Bamboo Orchestra*, que apenas usa instrumentos musicais feitos deste material. Foi

pelo estudo matemático que, a partir de segmentos de diferentes tamanhos de canas de bambu, se encontrou o padrão das notas musicais na China.

Muitas são as pinturas que representam esta planta e um dos pintores que melhor a representou foi Zheng Banqiao (1693-1765).

História do bambu

Por viver muitos anos, o bambu é considerado como o símbolo da longevidade; por ser muito resistente é o símbolo da estabilidade: pela sombra que propicia é o símbolo da benevolência; a flexibilidade da cana de bambu será outro símbolo, tal como o da virtude já que parece estar dotada de alma e ser emocional. E pelo som, que quando o vento passa pela cana em música se transforma, deve ser o símbolo da harmonia. O bambu apareceu, na escala do tempo geológico, no período Cretáceo da era Mesozóica. A floresta de bambu cobre 20 milhões de hectares de terra, sendo um por cento da área de floresta, havendo 90 géneros de bambu e perto de 1300 espécies.

A distribuição do bambu encontra-se pelos cinco continentes, mas é na Ásia onde existe em maior quantidade, seguindo-se a América. Alguns cientistas pensam que é originário da África ou Ásia, mas outros estudiosos acreditam que a planta teve a





Bambusa Nana

sua origem na Província de Yunnan, na China. Aí existem 39 géneros e mais de 600 espécies, numa floresta de cinco milhões de hectares, o que corresponde a 3,4 por cento da floresta chinesa.

A planta do bambu é constituída por um rizoma subterrâneo e um robusto caule, por onde circula pouca seiva. Com colmos lenhosos, ainda que flexíveis, podem emergir em tufos a partir de um rizoma comum, simples ou ramificado. Cada caule (ou colmo) é dividido em sec-

ções separadas por nós. No interior da cana, na zona correspondente a cada nó, existe uma espécie de diafragma. Esses colmos podem ter de diâmetro 10 a 20 centímetros. Dizem que, em algumas espécies, o caule chega a crescer 30 centímetros por dia e, na Primavera, apode atingir os 10 metros num mês. Mas há outras espécies que, durante toda a sua vida, apenas crescem 10 a 15 centímetros. As folhas, distintamente pecioladas, com limbo frequentemente curto, são alongadas e

Chengdu-Parque Wan Hua Xi

nascem a partir dos nós. As flores têm geralmente seis estames. Algumas espécies florescem todos os anos, enquanto outras só depois de 12 a 120 anos de crescimento e, por vezes, apenas uma vez na sua vida. Os colmos secam após a maturação do fruto.

O bambu encontra-se sobretudo nas regiões subtropicais e tropicais, como no Sul da China, mas também os há nas altas montanhas, como nos Andes e Himalaias. Todavia é onde as monções chegam que o bambu resplandece em



majestosos portes.

Existem muitas espécies, mas as mais comuns são a bambusa vulgaris, a bambusa arundinacea, a dendrocalamus strictus (cujas polpas servem para fazer papel de grande qualidade) e a phyllostachys.

A variedade Moso corresponde a 80 por cento do bambu na China, sendo a de maior uso e maior valor económico. Mas há outras espécies como o bambu malhado, o bambu de cor preta, o bambu caniço, o bambu espinhoso (bambusa stenostachya) e o bambu

fino e pequeno (bambusa multiplex).

Os chineses que viviam na floresta há vários milhares de anos serviramse do bambu para fazer ferramentas, construir casas e apanhar peixe. Com ripas de bambu fizeramse cestos, leques, chapéus cónicos usados sobretudo na Província de Guangxi e paredes para separar divisões da casa.

Festivais culturais do bambu

Sichuan é uma província

montanhosa com muita água e condições ideais para o cultivo do bambu. Por tal, é nesta província que se realiza o maior número de festivais dedicados a esta planta. Assim em 2001 aconteceu em Yibin o 3º Festival Cultural do Bambu na China. Em Agosto de 2005 realizouse, no parque Wangjianglou, em Chengdu, o 12º Festival do Bambu e, no mês de Setembro, no concelho de Qinshen, realizou-se a 1ª Expo-Arte de Artesãos do Bambu na China.

As canas de bambu adensam-se esguias e aos molhes, ocupando grandes áreas. Sichuan, situada num micro-clima, é o habitat dos poucos pandas que ainda restam soltos. Esses pandas vivem junto aos bambus, alimentando-se de rebentos e de folhas tenras.

Devido às condições ideais para o cultivo do bambu, Sichuan é famosa pela extensão plantada de bambu, considerada como de maior produção em toda a China. Após as terras terem sido desflorestadas para a agricultura e depois de estarem "cansadas", em vez de serem reflorestadas planta-se o bambu, que cresce muito rapidamente. Assim a região de Yibin conta com mais de 60 mil hectares desta planta e numerosas fábricas que o usam o bambu como matéria-prima. Os produtos produzidos geram receitas que rondam os 120 mil



renminbis por hectare. O Museu de Bambu no concelho de Changning está vocacionado para o bambu e os seus aspectos culturais. Já na Província de Hubei realizou-se, na cidade de Xianlin, em 2003, o 4º Festival Cultural do Bambu na China. Outros festivais mais pequenos tiveram lugar ao longo de 2005: o 12º Festival do Bambu, no parque Zhizhuyuan, em Pequim, o Festival Cultural do Bambu do Norte, em Rizhao, na Província de Shandong, e o Festival Cultural do Bambu, no parque Xiaoyaojin de Hefei, na Província de Anhui.

Zona de produção do bambu Moso, o concelho de Anji, a Norte da montanha Tianmu, na Província de Zhejiang é onde se fazem pesquisas científicas à volta deste material, usando métodos modernos na sua plantação. Por isso fomos visitar o parque e o museu do bambu, perto da cidade de Anji. Com um preco de entrada de 60 renminbis, o parque está recheado de diferentes espécies de bambu, tendo um centro de investigação que nos pareceu abandonado. O parque, extensamente agradável e bem cuidado, serve de local de lazer e recreio, com espectáculos de pássaros domesticados e experiências com técnicas antigas de regadio e outros instrumentos que usavam o bambu. As variedades de bambu expostas levam logo à entrada a encontrar



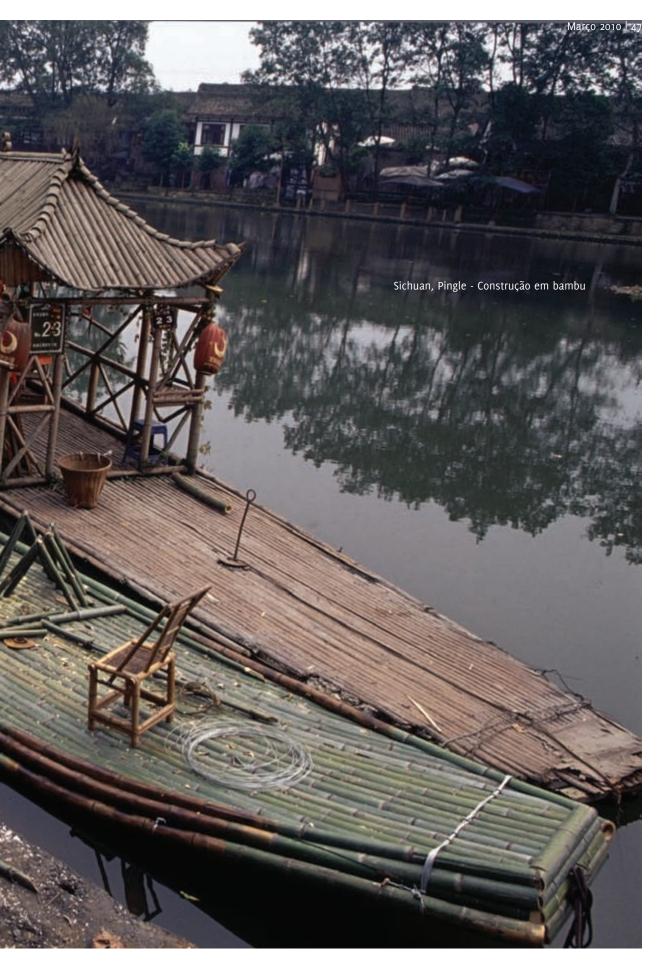
Anxi-Parque de bambu

espécies com formas e cores estranhas, mas exemplificativas da beleza de criação da Natureza.

Também em Hangzhou, capital da Província de Zhejiang, existe o Jardim do Bambu, entre o lago Oeste e a Universidade, um dos locais onde o correr das águas e o vento ao passar entre os bambus permite usufruir de uma celestial música tocada pela natureza e que nos transporta a um meditativo estar.

Segundo a lenda, o bambu malhado de Hunan deve-se às lágrimas das duas esposas de Shun, um monarca lendário da antiga China. Ao saberem que o seu marido tinha morrido, quedaram-se num enorme pranto, que durou dias, e as lágrimas ao tocarem nos talos dos bambus pintalgaram-nos e assim os bambus originários de Hunan são salpicados e ficaram conhecidos como os bambus das Senhoras de Xiang.







Preparação do fio de bambu

Só quando à terceira vez olhámos para um serviço de chá, em que cada peça de porcelana é envolvida por filamentos de bambu entrelaçados de várias cores e tonalidades, apresentando um trabalho minucioso e esteticamente bonito, reparámos no que pensamos ser uma nova forma de artesanato. Foi na antiga cidade de Pingle, a 90 quilómetros da cidade de Chengdu, na Província de Guangxi.

O fio de bambu usado é feito por um processo que passa por mais de dez fases.

O caule do bambu tem normalmente entre 2 a 3 anos e a distância entre os nós aproximadamente de 50 a 60 centímetros, não podendo ter nenhum golpe, por pequeno que seja, na superfície.

Cortado o bambu na montanha onde lhe é também raspada a casca verde, é depois transportado para um local já no vale onde fica a secar ao Sol. Seco o caule, é cortado depois pelos nós que também desaparecem e continua-se com a secagem desses troços esbranquiçados, já divididos a meio. São depois levadas para uma estufa onde, pelo calor, em processo químico, o bambu fica com a cor vermelha acastanhada. Todo este trabalho é feito pelo senhor Yuan Hui Jiang, com a ajuda de uma máquina. Terminando, corta com uma catana em várias tiras longitudinais os caules do bambu. Estas tiras passam para as mãos da sua esposa que as abre para diminuir a espessura, com a ajuda de uma faca, que serve também para limpar as partes extremas dos nós que não desapareceram completamente. Volta a separar as camadas que formam o caule do bambu e essa operação é consecutivamente feita até que a espessura





Fases da preparação e calibragem do fio de bambu e início de um trabalho

fica quase indivisível, indo depois as tiras a polir, para criar maciez.

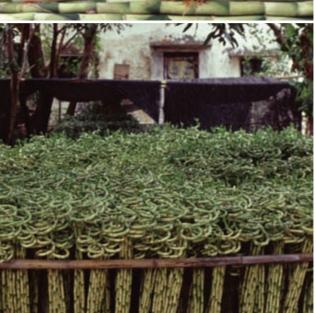
Após terminada esta fase, as ripas de bambu de 2 cm e com pouca espessura são enviadas para a casa ao lado. Num compartimento ao fundo da casa rural, encontramos a senhora Sun Liang Ji a ripar as tiras levando-as, uma a uma, a passar por entre uma peça afiada de metal, presa na mesa. Começa com o pegar das tiras e subdividi-las pelo cortar em partes, mais ou menos de diâmetro igual. O gesto repetitivo está mecanizado e cadenciado num largo movimento que leva de uma ponta à outra o corte das ripas. Retorna ao molhe e refaz a mesma acção, criando assim o que já se parece com um fio. Enquanto o marido, o senhor Guo Jia Gui, a usar um aparelho que serve para calibrar a grossura do fio, vai ajustando a abertura feita com dois pedaços de metal cortante para fazer passar os fios pelo espaço até que atinjam a espessura desejada. Por vezes passa-lhes um verniz, usando também um outro produto químico. As ripas de madeira dividem-se e começando ele com os fios medidos aos milímetros, leva-os até chegarem aos 0,2 milímetros, que é o mais fino.

Com 48 anos, o senhor Gui desabafa: "Este trabalho parece não ter continuadores, pois já não há na nova geração quem saiba a técnica para retirar do caule do bambu as ripas, finas e lustrosas, com que se envolve a parte de fora de jarras, serviços de chá e peças quotidianas." Fala-nos da fábrica Wan Jia que, entre 1993 a 1995 trabalhava com bambu e tinha 200 empregados. Após 1997 teve que fechar portas devido à falta de procura das mobílias, que produziam como principal produto.

De 100 quilos de bambu apenas se retiram 0,8 quilos de fio, o que leva as pessoas a considerarem ter este fio o valor da prata.







Bambu da sorte

Asul da Província de Guangdong, na ilha de Donghai, junto a Zhanjiang, encontrámos um negociante de bambu que exporta esta planta para a Holanda e Estados Unidos. Visitámos o local onde o bambu é desfolhado e depois colocado em enormes tinas de água. Os troncos individuais ainda verdes crescem durante semanas, enrolando-se pelo extremo que se encontra fora da água, em voltas helicoidais. Outros arranjos com esta planta eram feitos com caules cortados em pequenos trocos de diferentes tamanhos, amarrados em forma cilíndrica, ficando os maiores talos no centro e a envolvê-los os com metade da altura, o que cria uma estrutura em cone. O 'Bambu da Sorte' era feito por construções em diferentes andares. No que nos foi oferecido, no primeiro andar contamos 17 pequenos ramos com cinco centímetros, no segundo 14 ramos de sete centímetros e, no terceiro andar, sete caules com nove centímetros. Também havia pequenas construções, com apenas dois andares, onde 11 ramos mais pequenos de bambu em círculo constituíam o nível mais baixo, ao passo que o nível superior tinha seis ramos. De cada um dos troncos saía um pedúnculo de rebentos de folha. Outros arranjos com esta planta eram feitos pelo entrelaçar dos caules que criavam uma malha cilíndrica.

52 dezembro Aconteceu



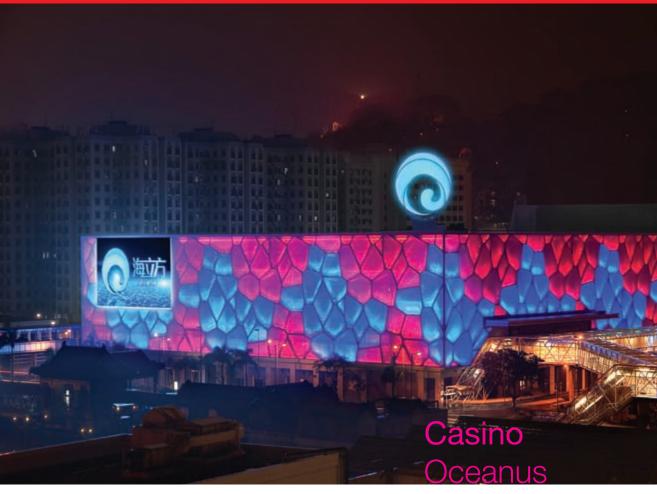
FOI LANÇADA a primeira pedra do novo campus da Universidade de Macau (UM), na Ilha da Montanha (Hengqin), numa cerimónia que contou com a presença do Presidente Hu Jintao. Na ocasião, o Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, salientou que "o corpo docente e todos os alunos saberão conduzir os destinos desta universidade, transformando-a numa instituição de ensino superior de renome internacional, de elevado nível e com características singulares". O reitor

da UM, Wei Zhao, sublinhou por seu turno que o novo campus vai oferecer um melhor ambiente para a formação de quadros e infraestruturas de qualidade superior ao serviço da investigação científica. O campus vai ocupar uma área de 1,09 quilómetros quadrados, um terreno que estará sob jurisdição da RAEM por um período de 40 anos, na sequência do arrendamento feito a Zhuhai. O projecto que agora teve início deverá estar concluído em 2013.

Universidade de S. José de olhos na Ilha Verde

TEVE INÍCIO a construção do novo campus da Universidade de São José (instituição de ensino superior anteriormente designada como Instituto Inter-Universitário de Macau) na Ilha Verde. As obras do novo espaço - que vai ocupar uma área de 1,5 hectares -, deverão estar concluídas em 2011.

O projecto, desenhado pelo arquitecto japonês Koji Yagi, professor no Instituto de Tecnologia de Tóquio, inclui áreas académicas e desportivas, uma piscina, um anfiteatro, auditórios, uma biblioteca e alojamento para 150 alunos e meia centena de professores, além de uma capela, uma livraria, um centro comunitário e restaurantes abertos ao público. O novo campus da Universidade de São José – instituição gerida pela Diocese de Macau e pela Universidade Católica Portuguesa – estará preparado para acolher três mil alunos.



Arrancam as obras na Ponte Hong Kong-Macau-Zhuhai

A PRIMEIRA pedra da travessia que vai ligar as duas regiões administrativas especiais e Zhuhai foi lançada nesta cidade. As obras da ponte Hong Kong-Macau-Zhuhai tiveram início com uma cerimónia em que estiveram presentes os chefes dos executivos das duas regiões administrativas especiais, o vice-primeiro-ministro Li Keqiang e outros dirigentes das três partes envolvidas. A ponte, com cerca de 50 quilómetros, será a maior travessia do mundo sobre o mar. As obras deverão estar concluídas em 2016. Os trabalhos começaram com a construção de uma das quatro ilhas artificiais que vão servir de ligação à travessia.

abre as portas

A SOCIEDADE

de Jogos de Macau inaugurou o casino Oceanus. Situado junto ao Terminal Marítimo do Porto Exterior, o novo espaço de jogo é o 21º casino da RAEM a operar com a licença da operadora de Stanley Ho. O Oceanus, que ocupa uma área de 32 mil metros quadrados, contém 260 mesas de jogo e 560 slot machines.

54 dezembro Aconteceu

Alargada utilização do **Renmimbi**

A AUTORIDADE Monetária e Cambial de Macau (AMCM) e o Banco do Povo da China chegaram a um entendimento com vista a alargar a utilização do Renmimbi na RAEM. O memorando complementar vem no seguimento das

"Normas administrativas do programapiloto para a regularização das transacções em renminbis no comércio transfronteiriço", acordadas em 2004 entre as autoridades da China Continental e de Macau. Com as novas provisões, aprovadas pelo Conselho de Estado, são levantadas algumas restrições à utilização da divisa chinesa por bancos de Macau.

Em primeiro lugar, é aumentado o limite de renmimbis utilizados em operações individuais de seis mil para 20 mil renmimbis por dia. Em segundo



lugar, o memorando amplia o grupo de entidades comerciais autorizadas a efectuar pagamentos na divisa da China Continental, abrangendo também a partir de agora entidades prestadoras de serviços de comunicações, educação e convenções. Por último, os residentes de Macau poderão passar a pagar, através de cheque em renmimbis, as despesas de consumíveis na província de Guangdong até 50 mil renmimbis diários. O acordo foi assinado pelo Presidente da AMCM, Anselmo Teng, e pelo vice-presidente do Banco do Povo da China, Zhu Min.

Air China assume 80 por cento da Air Macau

A PARTICIPAÇÃO da SEAP – a sociedade gestora das participações do BNU e TAP na Air Macau – foi reduzida de 20 para 0,1 por cento, por não acompanhar o plano de reestruturação financeira da companhia aérea de bandeira da RAEM. Em resultado disso, a Air China passou a deter 80,86 por cento da Air Macau.

Em comunicado divulgado pela Bolsa de Valores de Hong Kong, a Air China informou que injectou 158,7 milhões de patacas, tendo elevado a sua participação na Air Macau de 51 para 80,86 por cento. Segundo a Air China, a SEAP, juntamente com outros accionistas, "optou por não contribuir".



A Air China justifica o investimento com as perspectivas de desenvolvimento da companhia aérea de Macau face à expansão dos sectores do jogo e turismo da Região que, salienta, contribuíram para que o PIB de Macau triplicasse desde 1999, atingindo 171,8 mil milhões de patacas em 2008.



Nomeados os membros do Conselho Executivo

O CHEFE do Executivo eleito designou os membros do Conselho Executivo, órgão que coadjuva o principal responsável pelo Governo na tomada de decisões. Entre as dez personalidades escolhidas por Chui Sai On, permanecem no órgão sete, entrando três novos membros: o de-

putado e empresário Chan Meng Kam, o dirigente da Associação Geral dos Operários, Ho Sut Heng, e o presidente da Cruz Vermelha de Macau e arquitecto Eddie Wong.

Além da Secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, Chui Sai On reconduziu para o mandato de cinco anos o ex-deputado e líder de destaque da União Geral das Associações dos Moradores de Macau Leong Heng Teng, os empresários Alexandre Ma, Liu Chak Wan e Lionel Leong, e os deputados à Assembleia Legislativa Leonel Alves e Cheang Chi Keong.

Marcha de Caridade junta mais de 10 milhões

PELO 26º ano consecutivo, o Fundo de Beneficência dos Leitores do Jornal Ou Mun organizou a "Marcha de Caridade para Um Milhão", uma iniciativa que juntou, na edição de 2009, um número recorde de participantes e de donativos. Cerca de 40 mil pessoas junta-

ram-se a esta iniciativa que angariou 10,5 milhões de patacas. Esta edição revestiuse de um significado especial, atendendo às comemorações do 10° aniversário do estabelecimento da Região Administrati-



va Especial de Macau. Por esse motivo, a Marcha teve um início diferente do habitual com duas exibições da Brigada de Pára-quedismo "8.1" do Exército Popular de Libertação. ■





omem de confiança do Chefe do Executivo, Alexis Tam é o porta-voz do Governo, uma ideia de Fernando Chui Sai On para concretizar o objectivo de uma Administração mais aberta e transparente

TEXTO: GILBERTO LOPES

Nasceu na Birmânia, hoje Myanmar, veio para Macau ainda era uma criança, estudou em Taiwan, Lisboa, Glasgow (Escócia) e China. Alexis Tam, de 47 anos, é a cara do Governo da Região Administrativa Especial de Macau. Além de chefe de gabinete de Fernando Chui Sai On, foi recentemente nomeado porta-voz do Executivo.

"Queremos estar mais próximos da população e para isso temos que melhorar os canais de comunicação com os jornais, a rádio e a televisão", disse à Macau poucos dias depois do arranque do sistema de porta-voz. "As coisas estão a funcionar", diz, sublinhando que a nova política de comunicação do Governo permitirá que os residentes "saibam melhor o que o Executivo vai fazer, o que determinou as suas decisões".

Os seus pais já nasceram na Birmânia, mas há mais de quatro décadas foram obrigados a emigrar. Nos anos 60 do século passado, os chineses ultramarinos que viviam em alguns países asiáticos, como a Birmânia, a Indonésia ou o Cambodja "começaram a ser perseguidos". O pai de Alexis Tam, um mestre na arte de tratar o ouro, optou por Macau, mas foi em Hong Kong que encontrou trabalho. "Tínhamos meios financeiros, éramos donos de ourivesarias em Rangum, o que evitou que tivéssemos que ir para a China", relata mais de 40 anos após a sua chegada a Macau. "O meu pai encontrou um bom emprego em Hong Kong, ganhava bem, mandava dinheiro para Macau. A nossa infância foi feliz, embora sem luxos", lembra, frisando que não havia as soluções de agora, "a Internet, os jogos-vídeo, etc.". O desporto (futebol e ténis de mesa) era a grande alternativa numa cidade pequena e pacata.







Em cima, à esquerda Ainda na Birmânia, com a mãe e dois irmãos

Em cima e ao lado Nos tempos em que frequentou a Escola Primária da Sagrada Família

Na outra página Em Portugal, a receber um prémio conquistado num torneio universitário de ténis

Padre e tenista

A instrução primária foi feita numa escola católica. "Frequentava a capela, ia à igreja de Santo António. As irmãs da Sagrada Família gostavam muito de mim e queriam baptizar-me, mas o meu pai não autorizou. Era o filho mais velho. O meu irmão já se baptizou", recorda, soltando um grande sorriso quando revela que nesses anos sonhava ser padre.

O ensino secundário é feito na Escola Pui Ching, na avenida de Horta e Costa. Deixa de ir regularmente à missa, mas acabaria por se baptizar mais tarde, pouco tempo antes de casar. "Os meus padrinhos de baptismo foram os pais da minha mulher. Hoje sou católico", nota. No início da década de 80 parte para Taiwan para se licenciar em gestão de empresas. Aproveita os anos em Taipé



para estudar mandarim. "Ainda na Birmânia aprendi alguma coisa, mas depois em Macau deixei de falar, já que quase ninguém usava o mandarim, à excepção de alguns professores que tinham vindo da China", esclarece.

Quatro anos volvidos regressa a Macau para trabalhar, durante um ano, num banco. "Era obrigatório ir para os Estados Unidos tirar uma MBA (Master of Business Administration), mas acabei por ganhar uma bolsa e fui para Lisboa estudar língua e cultura portuguesas", conta. A Declaração Conjunta ainda não tinha sido assinada quando o jovem chinês chega à capital portuguesa. O Programa de Estudos em Portugal (PEP) que formou muitos dos actuais quadros bilingues foi criado mais tarde. O actual presidente do Instituto de Acção Social,

Ip Peng Kin, foi seu colega em Lisboa. "Fiquei muito satisfeito com as condições em Portugal. Foi uma experiência muito gratificante", observa.

Ainda chegou a pensar no curso de Direito, mas optou por uma pós-graduação em Estudos Europeus na Universidade Católica.

Não ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, mas conheceu por essa altura o amor da sua vida. "Foi no autocarro que nos levava para a faculdade, pois vivíamos os dois na zona do Rato. Foi-me apresentada por um colega de residência que estudava Direito", confidencia. Maria da Conceição, hoje jurista nos Serviços de Economia, acabaria por casar com Alexis Tam, antes de se radicarem em Macau nos finais da década de 80.



Adjunto nos Serviços de Estatística e Censos

No Verão de 1989, ingressa nos Serviços de Estatística e Censos, "fui o primeiro quadro chinês a assumir funções de adjunto. Colaborei directamente com a então directora, Rosalina Nunes, nos Censos de 1990".

Mas ao actual chefe de gabinete de Fernando Chui Sai On faltava dar novo passo na sua formação académica, "queria fazer mais um curso no exterior, já que pensava que havia outras coisas para fazer, o meu futuro não se circunscrevia à DSEC". Acabaria por ficar mais um ano, antes de partir para a Escócia para frequentar o mestrado internacional em gestão de empresas.

Dos SAFP, ao IPM e Gabinete do Ensino Superior

No regresso a Macau, o então secretário-adjunto Jorge Rangel, que o tinha conhecido quando ajudou a fundar a Associação dos Técnicos de Macau (ATEC), de que foi o primeiro presidente, convidou-o para ingressar nos Serviços de Administração e Função Pública. "Voltei a ser o primeiro quadro chinês a chefiar o departamento de recursos humanos, onde estive dois anos", acrescenta. Entretanto, foi admitido no curso de doutoramento em Pequim.

Com a localização de quadros e a formação a ser uma das apostas da administração portuguesa, o Instituto Politécnico entrava numa fase de crescimento. Assume a direcção da Escola Superior de Administração e Ciências Aplicadas do IPM, mas por apenas dois anos, "zanguei-me com o presidente (Oliveira Dias) por divergências quanto à estratégia e apresentei a demissão ".

Pouco tempo depois, Jorge Rangel - que tinha sido surpreendido pela sua saída do IPM, "não o informei previamente da minha decisão" - nomeia Alexis Tam para coordenador do Gabinete de Apoio ao Ensino Superior, onde sucede a Rui Rocha, actual director do Instituto Português do Oriente. Até 1999 trabalha ainda no Fundo de Segurança Social (é presidente da comissão de fiscalização).

Reunião decisiva com Edmund Ho

No Verão de 1999, o primeiro Chefe do Executivo da RAEM começa a preparar a sua equipa. Reúne com todos os directores e quadros equiparados. No final de uma hora de conversa, Edmund Ho pede para lhe enviar o currículo. Dois dias depois, Fernando Chui Sai On marca um encontro com Alexis Tam. Durante a reunião, realizada em Setembro de 1999, convidou-o para chefiar o gabinete do futuro secretário para os Assuntos Sociais e Cultura. Após ter assistido, em Pequim, às comemorações dos 50 anos da fundação da República Popular, começa a trabalhar na criação do gabinete de Fernando Chui Sai On.

Em 10 anos transformou-se no homem de confiança do Chefe do Executivo. Além de continuar a dirigir o gabinete do agora líder de Macau, foi designado em Fevereiro para porta-voz do Governo.

Fala várias línguas e colecciona antiguidades

Domina várias línguas (português, cantonês, mandarim e inglês e está a estudar espanhol) e gosta de praticar desporto, nomeadamente ténis. "Na faculdade era o capitão de equipa e cheguei a sonhar em ser profissional", narra. Todas as semanas, no Macau Dome ou no Ténis Civil, continua a bater umas bolas para manter a forma. "Sampras foi o meu ídolo, mas Federer é, de facto, o maior", afiança. Nos tempos livres não dispensa umas voltinhas pela rua das Estalagens e arredores à procura de móveis e porcelanas, "quando me reformar vou fazer uma exibição



da minha colecção".

Não tem escritores preferidos e adora ouvir música ligeira. Agora passa muito tempo a ler os jornais de Macau: chineses, portugueses e ingleses. O porta-voz tem que estar atento ao que se escreve, o que diz a população, o que escrevem os *opinion-maker*.

Em casa, fala português com as filhas, que frequentam a Escola Portuguesa. "Estou a ensinar chinês à Carolina e à Mariana, pois é muito importante que saibam a língua da sua terra", perspectiva. A primeira nasceu em 1997 e a segunda em 1999, anos do regresso à China de Hong Kong e Macau.

Com quase 20 anos de serviço público, Alexis Tam confessa que nunca pensou em ser funcionário público, mas gestor ou administrador, "foi para isso que estudei". As oportunidades foram, no entanto, surgindo e mostra-se satisfeito com o desenvolvimento da sua carreira. Não tem dúvidas em garantir que está preparado, dada a sua formação, para trabalhar em qualquer sítio ou país. "O mais importante é estarmos prontos para assumir funções quando surgem as hipóteses de trabalho ", frisa, reconhecendo que tem sido "uma honra servir Macau e ter a confiança" do actual Chefe do Executivo. Como domina as duas línguas oficiais da RAEM, Alexis Tam acha que pode ser o elo de ligação entre Portugal e a China e entre as comunidades macaense, portuguesa e chinesa.

Falta de tradutores não é justificação

POUCOS dias depois da entrada em funcionamento do sistema de porta-voz, é peremptório: "é um bom mecanismo, que está a resultar". O também chefe de gabinete de Fernando Chui Sai On reconhece que o Executivo aposta numa maior transparência e abertura. Para concretizar esse desiderato era prioritário estabelecer canais de diálogo com os órgãos de comunicação social.

"As pessoas não queriam acreditar que o Chefe do Executivo continuaria a falar com os jornalistas. Tinham receio de que ficasse escondido, o que não vai suceder, como já se viu", comenta, reafirmando que sempre que haja dificuldades no contacto com os coordenadores de imprensa e de relações públicas "podem contactar comigo directamente".

Alexis Tam admite que no passado existiram situações negativas, "alguns serviços fecharam-se, não queriam dar informação". E deixa uma certeza: "isso não pode voltar a verificar-se, o objectivo é dizer o que se passa, o que vamos fazer, o que justifica as nossas deliberações".

O porta-voz repara que é necessário tempo para criar uma cultura de diálogo e abertura. "É fundamental que os jornalistas percebem o que pretendemos e que as pessoas entendam que entrámos numa nova era de comunicação", afirma com convicção.

Relativamente ao uso do português, Alexis Tam é muito claro. "É obrigatório fornecer informação na segunda língua oficial. A falta de tradutores não pode ser justificação para que não haja informação em português. Os serviços devem implementar os mecanismos

"(...)o objectivo [do sistema de porta-voz] é dizer o que se passa, o que vamos fazer, o que justifica as nossas deliberações".

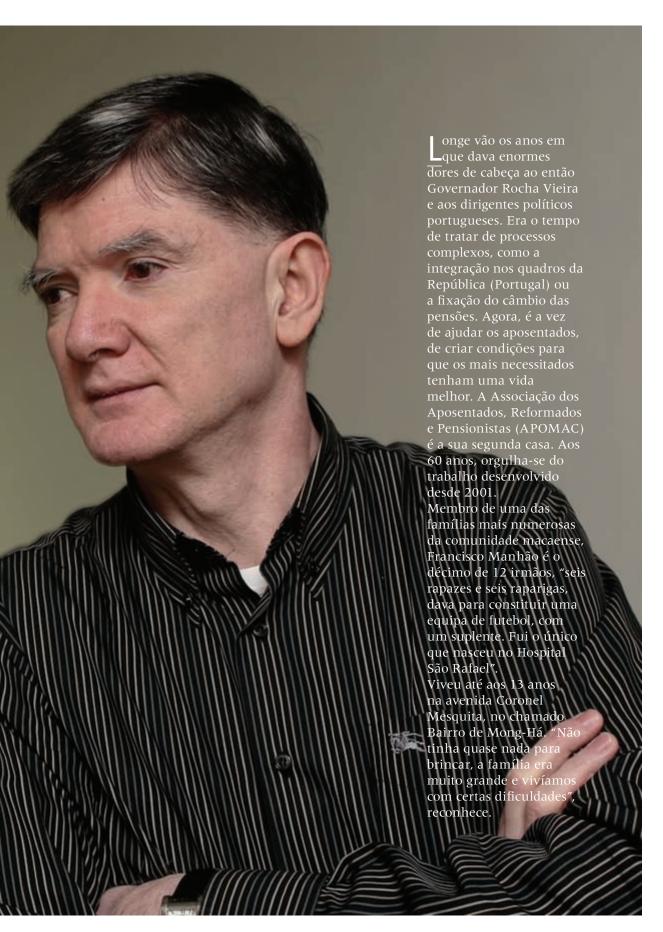
necessários para que não haja dificuldades em responder ao objectivo traçado pelo Chefe do Executivo", preconiza, sustentando que a formação de mais quadros bilingues continua a ser uma aposta. "É muito importante que Macau tenha técnicos bilingues. Se o número não é suficiente, devemos formar mais e mais, pois o português é língua oficial e o Governo Central aposta em Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa", defende o porta-voz do Governo de Fernando Chui Sai On.

Ser solidário

O antigo dirigente da Associação dos Trabalhadores da Função Pública (ATFPM) divide o tempo entre o apoio aos mais idosos e o futebol de veteranos. Aos 60 anos, Francisco Manhão, que ainda gosta de tratar o esférico por tu, quer que os pensionistas e reformados tenham uma vida melhor. A solidariedade é uma das suas bandeiras

TEXTO: GILBERTO LOPES FOTOS: ANTÓNIO FALCÃO







O pai, subchefe da PSP, bem se esforçava para dar as melhores condições aos filhos, mas Macau daquela altura era muito diferente, "as oportunidades eram escassas". Com os vizinhos (macaenses e chineses) lá se descobriam brincadeiras e jogos, que se desenrolavam na rua. "Naquele tempo podíamos jogar à bola ou largar papagaios na Coronel Mesquita, já que os carros só passavam de meia em meia hora", lembra com um sorriso nos lábios. Foi também com os amigos que aprendeu a falar cantonense, pois na escola falar chinês "era proibido". Mais tarde, quando alguns dos irmãos já trabalhavam em Hong Kong, foi viver para a esquina das avenidas Coronel Mesquita com a Sidónio Pais, onde hoje está a Torre do Relógio, em frente ao supermercado "Benvindo".

O primeiro ordenado: 199 patacas

Depois do Colégio Santa Rosa de Lima (infantil), estudou no Colégio D. Bosco. Não aceitou a sugestão do pai de ir para o Liceu, que funcionava onde hoje está construído o Banco da China, tendo optado pelo Seminário de S. José, "não por vocação, mas porque





os meus irmãos tinham estudado lá". Em 1967 concluiu o 5° ano. "Não havia condições para continuar a estudar e ter o sétimo ano representava ir fazer a tropa a Portugal, o que não era uma boa solução por causa da guerra colonial", conta. Até ir para o serviço militar, em 1970, o futebol, o atletismo e o voleibol foram as suas paixões.

O curso de sargento miliciano teve na altura uma grande adesão. "Foi necessário fazer dois pelotões, pois éramos 120. Como não havia lugar para todos, foi feito um sorteio. Ganhei uma vaga, mas um dos colegas pediu-me para trocar e acabei por sair", revela.

Em Julho de 1970 entrou para os Serviços de Saúde (escriturário no Dispensário Anti-Tuberculose, que funcionava no Tap Seac) a ganhar 199 patacas, "quantia que entregou à mãe". Em 1971, depois de uma curta passagem de seis-sete meses pelos Correios, regressou à Saúde, onde se manteve até 1984, altura em que ingressou no Gabinete para os Assuntos de Trabalho (GAT). Em 1997, num momento em que o futuro de Macau ainda era uma incógnita, decidiu aposentar-se. Embora tenha adquirido uma casa em Portugal, que já vendeu, nunca pensou



Em cima

Com a vice-primeira ministra chinesa, Liu Yandong (que tem a seu cargo os assuntos de Macau), e o amigo de longa data, o ex-deputado e presidente da Assembleia Geral da APOMAC, Jorge Fão

À esquerda Recebendo um prémio de atletismo

deixar a sua terra.

As lutas da ATFPM

Em 1992, o amigo Jorge Fão (moraram durante anos no mesmo prédio) convidou-o para integrar a lista de dirigentes da Associação dos Trabalhadores da Função Pública. "Nunca tinha andado metido em coisa alguma, mas com a sua determinação e coragem convenceu-me a aceitar", confidencia.

Durante quatro anos, "os dois mandatos mais difíceis da vida da Função Pública", foram várias as lutas da ATFPM. "Estava em causa o nosso futuro. Era o momento de discutir o chamado processo de integração e de fixar o câmbio das pensões. Dois processos que levaram a duras negociações com o Governo de Macau, o presidente Mário Soares e a então ministra Ferreira Leite. Rocha Vieira queria que o câmbio das pensões fosse o do dia, o que não foi aceite, pois isso não dava segurança", nota, frisando que a fixação do câmbio foi uma excelente vitória. "A pataca valia nessa altura pouco mais de 18 escudos e o câmbio acabou por ser estipulado a 21,848 escudos. Em nenhuma província ultramarina houve pensões, o que foi muito importante para os nossos pensionistas", acentua.

O antigo vice-presidente da Associações dos Trabalhadores da Função Pública não tem dúvidas que o processo de integração foi um erro. "A opção tinha que ser tomada em 1994 e em 1995 as pessoas decidiam se regressavam ou não a Portugal. A situação em Macau era de uma certa incógnita, pois havia muitas interrogações. O melhor caminho era ver o que se passava em Hong Kong e decidir apenas em 1998. Muitas das pessoas que optaram pela integração nos quadros da República estão hoje muito arrependidas", repara, sublinhando que muitas das carreiras de Macau "não tinham correspondência directa em Portugal, os salários eram inferiores, as pessoas tinham que pagar IRS, etc.".

O processo de integração levou muitas pessoas a abandonar Macau, "o que acabou por fragilizar a posição da comunidade portuguesa. Se as coisas tivessem sido diferentes, o número dos quadros portugueses a trabalhar em Macau seria agora mais elevado", sustenta Francisco Manhão, que não esquece as "guerras" que a ATFPM travou com a Administração portuguesa.

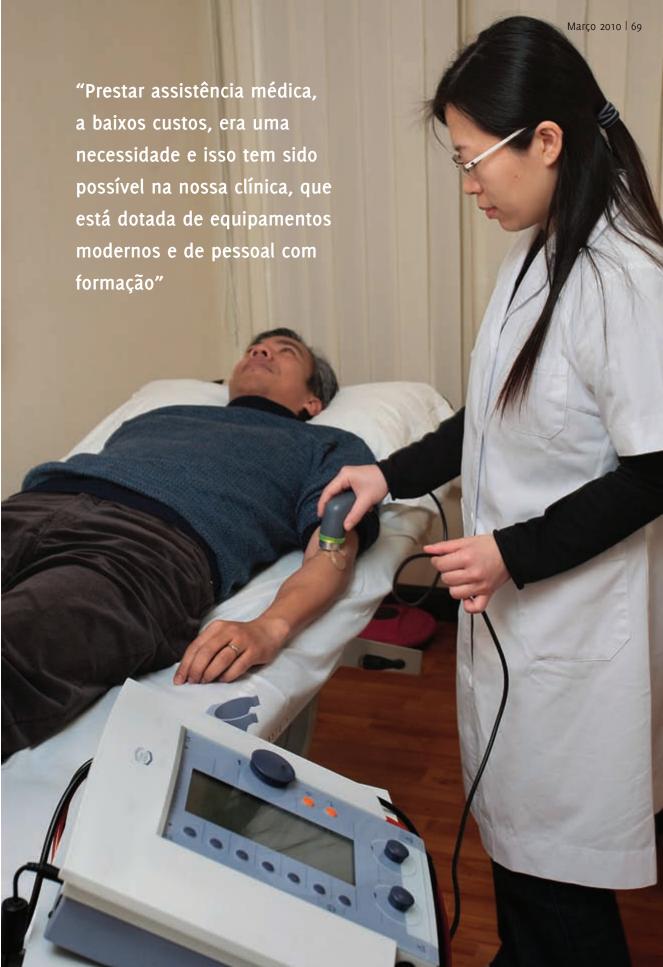
Os trabalhadores vieram para a rua várias vezes. O antigo dirigente recorda as manifestações organizadas pela ATFPM, que levaram centenas de pessoas do Largo do Senado até ao Palácio do Governo. "Em 1993 vivemos um Verão muito quente", recorda, quase vinte anos depois. Em causa estava uma proposta apresentada pelo deputado Alberto Noronha, que era apoiado pela ATFPM, visando a actualização das carreiras da Função Pública. O facto de a então presidente da Assembleia Legislativa, Anabela Ritchie, entre outros deputados, não ter aderido à iniciativa originou protestos vigorosos.

Reforma em 24 horas

Em 1995, Jorge Fão e Francisco Manhão deixam as lutas sindicais. O antigo deputado aposentou-se e é substituído na liderança da Associação dos Trabalhadores da Função Pública por Virgílio Rosa.

O então chefe de Sector da Inspecção de Trabalho começa a definir o futuro. "A transição de Hong Kong tinha sido pacífica, o que tranquilizou a população de Macau. A continuidade na DSTE estava condenada, já que não domino a língua chinesa. Estar dependente de alguém para saber o que está escrito nos documentos é mau para qualquer um", comenta. Em 1997 avança com o pedido de aposentação, "o requerimento foi deferido em 24 horas. Deu-me um grande gozo".

Dois anos após a transferência de administração em conversa com o seu amigo de longa data, Jorge Fão, surgiu a ideia de criar uma nova associação. Objectivo: auxiliar os reformados e os mais necessitados. Em poucos meses nasceu a Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas (APOMAC). Os contactos com a Caixa Geral de Aposentações (CGA), as transferências das pensões para Macau e a renovação da prova de vida eram assuntos que criavam a muitos aposentados, sobretudo os de etnia chinesa, inúmeros problemas. "Havia muito desconhecimento de todo o processo e o receio de o pagamento das pensões ser suspenso, o que chegou a acontecer com os subsídios de funeral e de morte. Era, portanto, necessário criar uma estrutura para apoiar os reformados", diz o presidente da APOMAC. "Se a associação não existisse muitos pensionistas teriam tido dificuldades em continuar a receber as pensões. Em Janeiro de 2003, a situação agravou-se, pois um problema técnico inviabilizou o seu pagamento. Fui ter, primeiro, com o Banco Comercial de Macau e, depois, com o Banco Nacional Ultramarino, para encontrar uma saída, pois muitos precisavam do dinheiro para o dia-a-dia. Os bancos foram muito compreensivos e avançaram com o



dinheiro", relata com satisfação.
O presidente da APOMAC deslocouse a Portugal para abordar a questão com os responsáveis da Caixa Geral de Aposentações. "Em Macau, por exemplo, não há nenhum serviço que passe o documento comprovativo de que certa pessoa vive ou viveu em comunhão de mesa e habitação com o falecido. A CGD acabou por nunca exigir esse documento", nota.

Clínica é a nossa bandeira

A sede da APOMAC é um verdadeiro centro de convívio e de encontro dos aposentados, familiares e amigos. Na cantina podem ser apreciados pratos da gastronomia macaense, portuguesa e chinesa, que são confeccionados por Vitória Baptista, "uma excelente chefe de cozinha, que serve 50 mil refeições por ano".

O presidente da Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas não esconde que a clínica que funciona no primeiro andar do edifício, localizado na avenida Sidónio Pais, é o grande projecto da associação. "Prestar assistência médica, a baixos custos, era uma necessidade e isso tem sido possível na nossa clínica, que está dotada de equipamentos modernos e de pessoal com formação", diz, sublinhando que a fisioterapeuta, licenciada em Coimbra, acaba de concluir o doutoramento em Hong Kong. "A reabilitação física é essencial para pessoas de idade avançada. Com 50 patacas disponibilizamos consulta e tratamento, as consultas de medicina são gratuitas e em caso de haver medicamentos cobramos apenas 20 patacas", afirma.

A clínica representa um elevado investimento para a APOMAC, "um milhão de patacas por ano". Francisco Manhão tem um sonho: ampliar as instalações da associação. "Se a divisão farmacêutica dos Serviços de Saúde for transferida para outro local, podemos pensar numa boa ampliação. Temos 1300 associados e fomos obrigados a

suspender a admissão de sócios por falta de espaço", adianta.

A associação dispõe ainda de duas viaturas para transportar os associados aos centros de saúde e ao hospital e uma outra adaptada para os que andam em cadeira de rodas. Livros, revistas e jornais (portugueses, ingleses e chineses) e acesso à Internet estão à disposição dos sócios, que regularmente aproveitam a sede-refeitório para realizar almoços, jantares, festas de aniversário e de convívio com a família.

Fundo de Segurança Social reestruturado

O presidente da APOMAC considera que o Governo tem feito um esforço em melhorar o apoio aos reformados e pensionistas, mas adverte que há ainda um longo caminho a percorrer. "Os subsídios e apoios ainda são curtos, não são suficientes, tendo em linha de conta o actual nível de vida em Macau", observa. "O Governo não pode fazer tudo de uma vez, mas está apostado em dar mais meios aos idosos", acrescenta, apontando a necessidade de o Fundo de Segurança Social ser reestruturado. "O modo de funcionamento e... o atendimento devem mudar, temos que abolir os métodos que são muito burocráticos".

Francisco Manhão defende também a criação de mais centros-lares, pois os aposentados "não podem estar isolados, permanecer em casa sozinhos".

Relativamente à nova lei do regime de segurança social entende que o valor das pensões a atribuir (1700 patacas) "é reduzido, o mais adequado são 3000 patacas". No que concerne aos descontos, preconiza que não se devia fixar em 15 anos o tempo de pagamentos, "quem quiser pagar mais anos deve ter essa possibilidade".

O futebol dos veteranos

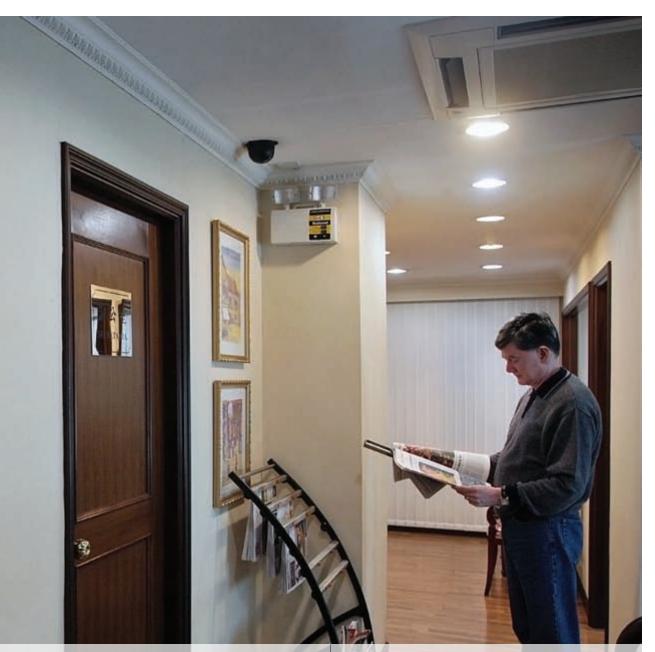
A Associação de Veteranos de Macau é também liderada por Francisco Manhão.





Tudo começou em 1999 e desde então o Torneio da Soberania é a principal aposta. "Não estava à espera que as coisas ganhassem uma dimensão tão grande, mas estou muito satisfeito com o que tem sido feito", admite, destacando o apoio do anterior Chefe do Executivo (Edmund Ho), "que fez sempre questão de estar na final". O intercâmbio com as associações congéneres de Hong Kong e de Taiwan e a presença no torneio de Santeirim (Santarém e Almeirim) são outras

participações que destaca. Por concretizar está a deslocação a Macau de uma equipa de veteranos de um dos grandes clubes portugueses. "O Marítimo já veio várias vezes, a Académica com Toni também já cá esteve, mas falta trazer grandes nomes de outros tempos. Vamos ver se será possível ter no próximo torneio o Porto ou o Benfica", perspectiva Francisco Manhão, que aos 15 anos já era campeão de Macau da Bolinha (a "bolinha" é uma modalidade de futebol em que cada equipa



joga com sete, em vez de onze, jogadores) e que continua a revelar grandes habilidade para o futebol.

De forma tranquila, reparte o seu tempo entre a APOMAC e a Associação de Veteranos. E é com orgulho que olha para os primeiros dez anos da RAEM. "Para um estrangeiro, que nasceu em Macau, foi uma década muito positiva. A um Governo novo não se pode exigir muito. O caso Ao Man Long manchou um bocado a RAEM, mas não se deve estar sempre a

falar disso. É preciso olhar para a frente e procurar fazer melhor nos próximos anos. O problema da corrupção atinge todo o Mundo, basta olhar para a China, onde altos funcionários têm sido condenados. Em Macau fez-se justiça. Agora, devemos perder tempo com assuntos que são mais úteis para a RAEM".

E, a terminar, uma certeza: "estou convicto que Fernando Chui Sai On, como já sucedeu com Edmund Ho, transmite confiança para o futuro".

Confraria Macaense tem novos responsáveis

DESDE O PRINCÍPIO do ano que a Confraria da Gastronomia Macaense tem novos órgãos sociais. Da presidência da direcção saiu o fundador Hugo Bandeira – que se mantém, porém, na associação -, tendo sido substituído por Luís Machado, numas eleições às quais se apresentou uma única lista.

Além de Luís Machado, os novos órgãos sociais da associação contam com João Manuel Salvador dos Santos Ferreira e Maria Luiza Hagedorn Rangel na qualidade de vogais da direcção. Telmo da Silva Martins foi eleito para vogal do Conselho Fiscal devido ao falecimento de José Martins Achiam. Na Assembleia Geral entra José Augusto Cabral Júnior, como 2º secretário.

A equipa sofreu, deste modo, poucas alterações, e mantém os objectivos que levaram à sua criação: a preservação e divulgação da gastronomia macaense.



Selecção de hóquei em patins de Macau renova título asiático

A SELECÇÃO de hóquei em patins da RAEM renovou, pela quarta vez consecutiva, o título de campeã asiática da modalidade. É já a sexta vez que Macau vence o Campeonato Asiático de Hóquei em Patins. A edição deste ano realizou-se na cidade chinesa de Dalian. No último jogo disputado no âmbito da competição, frente ao Japão, a selecção comandada por Alberto Lisboa empatou a duas bolas. No entanto, as goleadas nos encontros com Taiwan (6-2) e a Índia (12-7) permitiram à selecção de Macau renovar o título garantido em 2007 na cidade indiana de Calcutá.





Ana Paula Laborinho lidera Instituto Camões



A DOCENTE universitária Ana Paula Laborinho é a nova presidente do Instituto Camões. A investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tem 52 anos.

Ana Paula Laborinho tem desenvolvido a sua carreira na área da história da Língua Portuguesa no mundo, dos Descobrimentos à literatura colonial, sendo que tem dado particular destaque à posição do português no Extremo Oriente.

A nova directora do Instituto Camões viveu em Macau onze anos (em dois períodos diferentes), onde foi responsável pelo Instituto Português do Oriente, actualmente dirigido por Rui Rocha.

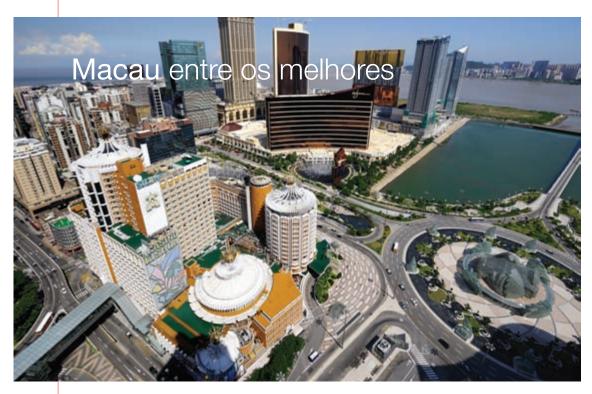
Roldão Lopes deixa DSC



ROLDÃO Lopes, director dos Serviços de Correios de Macau (DSC) desde 1990, deixou as suas funções por se ter aposentado. Nos Correios de Macau desde 1974, Roldão Lopes mereceu um louvor do Secretário para os Transportes e Obras Públicas, Lau Si Io, publicado em Boletim Oficial.

No louvor são colocados em relevo "a elevada capacidade de liderança, extraempreendedoordinário rismo e admirável competência e rigor profissional" de Roldão Lopes, assim como as suas "qualidades pessoais e humanas que permitiram uma gestão notoriamente íntegra, eficiente e isenta da Direcção dos Serviços de Correios". O governante sublinhou ainda o papel desempenhado por Roldão Lopes estabelecimento Museu das Telecomunicações, no desenvolvimento da filatelia e na supervisão da Caixa Económica e Postal. Roldão Lopes foi substituído no cargo por Lau Wai Meng.

⁷⁶ Janeiro Aconteceu



A RAEM está no 6º lugar das "Economias mais livres da Região Ásia-Pacifico", sendo que ocupa o 20º lugar em termos globais, de acordo com o relatório relativo ao "Index of Economic Freedom" para o ano de 2010 da Heritage Foundation.

A avaliação global de Macau subiu ligeiramente,

fazendo com que ocupe o 20º lugar num conjunto de 179 sistemas económicos globais avaliados pela Fundação. A RAEM subiu assim uma posição em termos gerais, mantendo o 6º lugar no âmbito dos países e regiões da Ásia-Pacífico. Na região onde está integrada, a RAEM situa-se logo a seguir a Hong Kong,

Singapura, Austrália, Nova Zelândia e Japão.

O estudo da *Heritage Foundation* é efectuado com base numa avaliação de dez áreas económicas livres. Macau tem um *ranking* elevado de níveis de liberdade em termos de comércio, de investimento, de finanças públicas, monetários e financeiros, entre outros.

Bispo de Macau encontra-se com o Chefe do Executivo

O BISPO da Diocese de Macau, D. José Lai, manteve um encontro com o Chefe do Executivo, na sede do Governo. O Bispo manifestou, em nome da Diocese, os votos de um desenvolvimento harmonioso da sociedade de Macau, bem como de sucesso para a acção governativa do novo executivo da RAEM.

Por seu turno, o Chefe do Executi-

vo salientou o papel "preponderante" que a Diocese de Macau tem vindo a desempenhar na educação e o facto de formar "muitos quadros qualificados". O responsável máximo pelo Governo de Macau garantiu que as autoridades vão continuar a dar grande apoio às escolas católicas no desenvolvimento do ensino.



Ung Vai Meng preside ao Instituto Cultural

GUILHERME Ung Vai Meng, artista plástico e actual chefe dos Serviços Culturais e Recreativos do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, foi o nome escolhido para ocupar a presidência do Instituto Cultural do Governo da RAEM. Ung Vai Meng substitui Heidi Ho, que foi nomeada para o cargo de assessora do Gabinete do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U. O trabalho de Heidi Ho (Ho Lai Chun da Luz) foi distinguido por Cheong U, que lhe conferiu um público louvor pela "forma dedicada como presidiu ao Instituto Cultural".

Guilherme Ung Vai Meng ingressou na Função Pública de Macau na década de 1980, tendo trabalhado no Instituto Cultural. Com a abertura do Museu de Arte de Macau, em 1999, passou a dirigir a estrutura, função que desempenhou até meados de 2008, altura em que foi nomeado para a chefia dos Serviços Culturais e Recreativos do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais.

A par da sua actividade no âmbito da gestão cultural, Ung Vai Meng tem uma carreira reconhecida enquanto pintor e designer gráfico. Assume as suas novas funções em Março.



REALIZOU-SE no dia 29 de Janeiro a cerimónia de Imposição de Medalhas e Títulos Honoríficos do Ano 2009, presidida pelo Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, durante a qual foram distinguidas 51 individualiades e entidades por serviços extraordinários em prol da RAEM.

Na primeira fila do grupo da esquerda da fotografia, da esquerda para a primeira, pode ver-se: Lok Weng Kan e Kou Chin Pang, ambos com com a Medalha de Mérito Profissional, Ng So Foon, com a Medalha de Honra Lótus de Prata, Yeung Tsun Man Eric, com a Medalha de de Honra Lótus de Ouro, e Leong Heng Teng e Lei Seng Chon, com a Medalha de Honra Grande

Lótus.

Na segunda fila do mesmo grupo: Padre Nicosia Gaetano, com a Medalha de Mérito Altruístico, Hoi Kin Wa (representando a Orquestra Sinfónica Juvenil de Macau), João António da Silva Madeira da Fonseca e So Shu Fai Ambrose, com a Medalha de Mérito Cultural, e ainda a Madre Lo Choi Keng, Lam Kim U e Ho Heong Peng, com a Medalha de Mérito Educativo.

Na terceira fila: Ng João Seng Hong e Wang Junnam, com o Título Honorífico de Valor, Li Haiying e Ren Jinfang, com Título Honorífico de Prestígio, Cheong Man Fun e Lei Fong Ieng, com a Medalha de Serviços Comunitários, e Daniel Fung Sio Weng,



com a Medalha de Dedicação.

Na quarta e última fila: Giulio Acconci (membro do dueto Dino e Giulio), Lo Heng Kong, Liu Xia, Fong In Hong, Van Ka Lok e Cheong Chi Fun, todos com o Título Honorífico de Valor.

Na primeira fila do grupo da direita da foto: Hoi Sai Iun, com o Grande Lótus, Ho Iat Seng, com o Lótus de Ouro, Lam Kam Seng, com a Medalha de Honra Lótus de Prata, e Wang Zhishi e Tou Wai Fong, com a Medalha de Mérito Profissional.

Na segunda fila do grupo da direita: Ho Chiu Keng Pansy (em representação da Shun Tak China Travel - Companhia de Gestão de Embarcações) e Leong Chong In, ambos com a Medalha de Mérito Turístico, Leong On Kei, Tsui Wai Kwan, Ng Kai Yin Catherine, U Kin Cho e Ho Fu Keong com a Medalha de Mérito Industrial e Comercial.

Na terceira fila: Leung Hio Ming, Kou Peng Keong e António Viseu, com a Medalha de Dedicação, Lou Lan Fong e Vong Siu Va, com a Medalha de Mérito Desportivo, e Fok Chan Wan (em representação da Fundação Henry Fok) e António José Freitas, com a Medalha de Mérito Altruístico.

Finalmente, na quarta-fila do grupo da direita: Zhang Zhibo, Zhang Dan, Zhang Shaoling, Hoi Long, Kou Man I e Lei Weng Si, com o Título Honorífico de Valor. ■





A RAEM em festa

O ano de 2009 foi um tempo de celebrações para Macau, coincidindo com o décimo aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e o 60º aniversário da fundação da República Popular da China. Ao mesmo tempo foi eleito um novo Chefe do Executivo da RAEM, Fernando Chui Sai On, inaugurando uma nova era política para o território

No dia 20 de Dezembro de 2009, Macau celebrou o décimo aniversário do retorno à China e assistiu à tomada de posse do novo líder do Governo da RAEM, Fernando Chui Sai On, numa cerimónia presidida pelo Presidente da República, Hu Jintao.

Um dia antes, à chegada a Macau, o chefe de Estado disse estar satisfeito com o desenvolvimento do território desde 1999. "Ao longo dos últimos dez anos, desde o seu estabelecimento, a RAEM desenvolveu-se e progrediu com a Pátria, e estamos muitos felizes por todas as áreas se desenvolverem em prosperidade." Num banquete oferecido pelo Governo de Macau, Hu Jintao tinha uma surpresa preparada: como sinal da amizade e confiança mútua, Pequim vai oferecer à Região um par de pandas.

No dia do 10º aniversário do estabelecimento da RAEM, as atenções estavam centradas na cerimónia de tomada de posse do seu novo Governo.

No seu primeiro discurso na qualidade de Chefe do Executivo, Chui Sai On afirmou que, no futuro próximo, será importante apostar em investimentos na área social, particularmente na Saúde e Educação, e promover a diversificação económica. O novo líder do Governo salientou igualmente a importância de "reforçar a gestão administrativa, dar maior atenção às acções de consulta pública e à promoção do valor da integridade, aperfeiçoar o mecanismo de responsabilização dos quadros superiores e criar um regime de reserva financeira".

No Centro de Convenções do Macau Dome, além de Chui Sai On, prestaram juramento perante Hu Jintao os titulares dos principais cargos do Governo, incluindo os cinco secretários, o Director-geral dos Serviços de Alfândega, o Comandante-geral dos Serviços de Polícia Unitários, o Comissário Contra a Corrupção, o Comissário da Auditoria e o Procurador da RAEM. Já os membros do Conselho Executivo prestaram juramento perante o então recém-empossado Chefe do Executivo.

Após as cerimónias de tomada de posse, o Presidente Hu Jintao abordou alguns dos assuntos mais relevantes para o desenvolvimento da RAEM, manifestando total confiança em Chui Sai On e na sua equipa para continuar a colocar em prática a fórmula "um país, dois sistemas" e o princípio "Macau governado pelas suas gentes com elevado grau de autonomia". Como traves mestras para o novo Governo, Hu salientou três aspectos: "Ser justo e incorrupto, servindo de modelo à incorruptibilidade, e sensibilizar, através de uma liderança forte, toda a equipa de funcionários públicos".

Ao longo do dia 20 de Dezembro, Hu Jintao marcou presença noutros eventos comemorativos do 10º aniversário da RAEM. Após ter recebido em audiência os novos dirigentes de Macau e personalidades de vários quadrantes da vida pública da Região, o Presidente passou em revista a guarnição do Exército Popular de Libertação. Na ocasião, o chefe de Estado, que também é presidente da Comissão Militar Central, louvou os militares pelo seu "extraordinário desempenho" e adesão ao princípio "um país, dois sistemas".

O Chefe do Executivo foi entretanto presidindo a várias cerimónias comemorati-



O Presidente Hu Jintao deslocou-se à RAEM e deu posse ao novo Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On

vas do estabelecimento da RAEM. Num encontro comemorativo do 10º aniversário da iniciativa do Comissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Chui Sai On salientou que a postura de Macau continuará a ser de "abertura ao exterior, reforço da interactividade internacional e participação activa nos assuntos internacionais", com destaque para a consolidação da cooperação com os países da lusofonia, da União Europeia e do Sudeste Asiático.

Na recepção comemorativa do aniversário da RAEM, oferecida pelo Governo local, Chui reafirmou as linhas mestras já enunciadas no discurso de tomada de posse e fez várias referências ao trabalho desenvolvido pelo seu antecessor, Edmund Ho, que "assumindo o papel de fundador de uma nova era, fez o diagnóstico preciso da situação num contexto socioeconómico complexo e vulnerável, tendo superado todo o tipo de dificuldades, realizado os seus compromissos, e ultrapassado, ao lado de todos os cidadãos, os momentos mais difíceis".

Os festejos do 10º aniversário da RAEM, que tinham começado ao início do dia com a cerimónia solene do içar das bandeiras na Praça da Flor de Lótus Dourado, terminaram à noite com um espectáculo de fogo-de-artifício, que atraiu a atenção de milhares de pessoas junto ao Lago Nam Van.

Um novo fôlego para a cooperação



A aguardada Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa deverá realizar-se na segunda metade do corrente ano. Embora as trocas comerciais entre a China e o espaço lusófono tenham sofrido o impacto da crise financeira em 2009, o futuro próximo é encarado com optimismo no Secretariado Permanente do Fórum, que se reuniu em Macau no mês de Fevereiro

Foram dois dias que serviram para analisar o trabalho feito e definir o plano de acção para 2010. O Secretariado Permanente do Fórum Macau manteve aquela que foi a sua quinta reunião nos primeiros dois dias de Fevereiro passado.

O encontro, que decorreu na RAEM, terminou sem que tivesse sido definida uma data concreta para a realização da terceira Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa,

mas tudo aponta para que a reunião de alto nível se realize no segundo semestre deste ano, em Macau. Entre Maio e Outubro, a China organiza a Exposição Mundial de Xangai 2010. Também o Brasil tem uma agenda bastante preenchida até ao Outono,

uma vez que estão marcadas eleições no país para Outubro próximo.

Sobre a reunião de Fevereiro passado, o novo secretário-geral do organismo, Chang Hexi, explicou na altura aos jornalistas que, a par da retrospectiva dos trabalhos feitos em 2008 e 2009, os membros do Secretariado Permanente estiveram a trabalhar no plano de actividades para 2010.

O Fórum tem vindo a estruturar um plano de acção que definirá as estratégias de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa para os próximos três anos. O documento, com mais de uma dezena de páginas, será submetido à apreciação dos participantes da conferência ministerial. O plano está a ser elaborado há cerca de um ano, mas só deverá ser concluído nessa reunião.

Presente no encontro de Fevereiro último, o embaixador do Brasil em Pequim, Clodoaldo Hugueney, explicou aos jornalistas que o consenso estava prestes a ser alcançado. "Temos duas propostas na mesa muito semelhantes e em Pequim poderemos terminar o plano. Deveremos ter uma proposta da China quanto a uma data para a conferência ministerial", disse ainda o responsável, citado pela imprensa de Macau.

Em declarações à Agência Lusa, fonte diplomática salientou que o consenso referido por Clodoaldo Hugueney consiste na necessidade de se garantir um plano de maior aplicabilidade, que assegure melhores resultados práticos ao nível da cooperação entre a China e os países de língua oficial portuguesa.

Um ano importante

Em 2009, as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa atingiram 62,468 milhões de dólares norte-americanos, o que representa uma diminuição de 19 por cento em relação ao período homólogo de 2008.

As estatísticas dos Serviços da Alfândega da China indicam que as importações da China ao espaço lusófono somaram 43,617 milhões de dólares entre Janeiro e Dezembro de 2009, uma descida de 17 pontos percentuais em relação a igual período do ano anterior.

Em queda estiveram também as exportações da China para os países de língua portuguesa: o total de 18,851 milhões de dólares norte-americanos representa uma descida de 22 por cento relativamente a 2008.

O último mês do ano veio, contudo, contrariar a tendência verificada ao longo de 2009. Em Dezembro, as trocas comerciais atingiram 6727 milhões de dólares, um acréscimo de 24 por cento face a Novembro. A propensão verificou-se também ao nível das importações, com os países lusófonos a comprarem à China produtos na ordem dos 4489 milhões de dólares, o que se traduz num aumento de 26 por cento relativamente a Novembro de 2009.

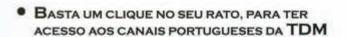
Não obstante a queda de valores registada ao longo do ano passado, Chan Hexi acredita que 2010 será um ano de grande importância para o Fórum. "No ano passado", disse o secretário-geral à imprensa, "defrontámo-nos com o impacto da crise económica mundial, mas as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa vão aumentar outra vez".

Chan Hexi acrescentou que "este é para nós o ano mais importante. Faremos todo o possível para apoiar a organização da conferência ministerial e aprofundar a cooperação entre a China e a lusofonia." O responsável adiantou que, em 2010, serão organizados seminários e encontros empresariais na China e nos países lusófonos para promover o intercâmbio económico.

Na quinta reunião do Secretariado Permanente do Fórum Macau participaram os embaixadores de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste acreditados em Pequim, e uma delegação da China Continental liderada pelo director-geral do departamento dos Assuntos de Taiwan, Hong Kong e Macau do Ministério do Comércio da China, Tang Wei.

 Mantenha-se ligado à realidade de macau, através do ciberespaco

ONDE QUER QUE ESTEJA!





Com a tom, macau está mais próximo de si







ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS:



http:www.tdm.com.molpt



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA



Desde Janeiro último que residentes da RAEM e turistas têm um novo espaço ao dispor: depois de ter sido inaugurado, em Dezembro passado, pelo Presidente da República, Hu Jintao, o Centro de Ciência de Macau abriu as portas ao público e oferece aos visitantes a possibilidade de descobrirem novos mundos





conduz o visitante às diferentes galerias. A zona dedicada às crianças está logo no início da visita, nas primeiras três salas. O Centro de Ciência disponibiliza equipamentos para crianças a partir dos dois anos, instalados na Galeria da Ciência Divertida, tendo ainda duas áreas para os mais velhos: a Galeria da Ciência para Crianças e a Galeria do Expresso da Ciência.

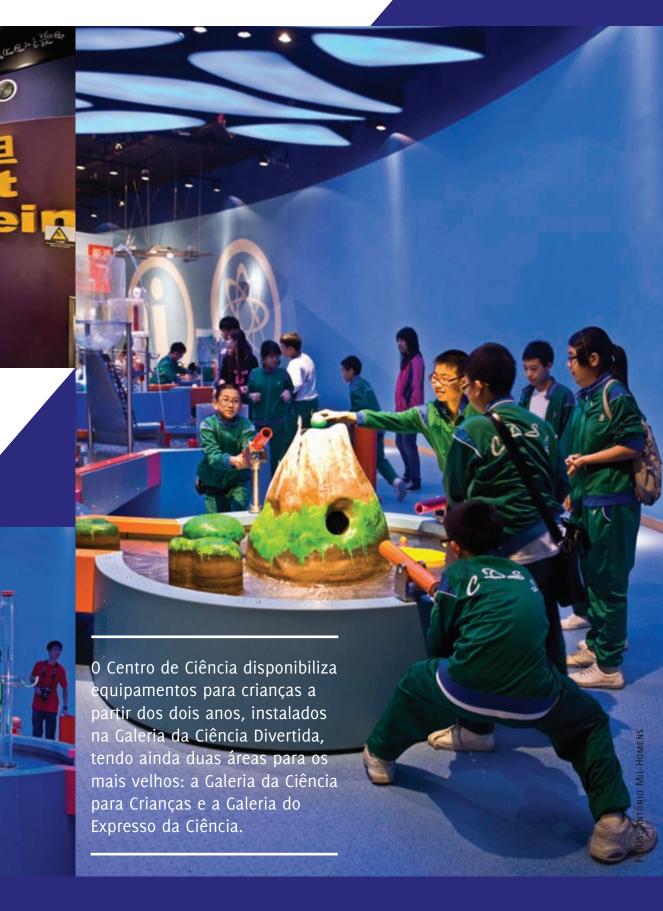
Num patamar ligeiramente acima encontra-se a quarta galeria, onde começa a secção dedicada à Tecnologia. Ali, os visitantes podem ficar a saber mais sobre o espaço, a robótica e a exploração científica. Além dos equipamentos e expositores interactivos que permitem aos utentes aprofundar conhecimentos, na Galeria da Robótica existem bancadas para a construção de robôs. Depois das galerias sobre Tecnologia, seguem-se as do Ambiente. No espaço subordinado ao tema "Planeta Terra", procura-se sensibilizar os visitantes para a necessidade de preservação da natureza e do meio envolvente. Já a Galeria da Meteorologia dá a conhecer a força da atmosfera e perceber a origem de fenómenos como tufões, trovoadas e relâmpagos. A Galeria da Ecologia e da Conservação encontra-se logo ao

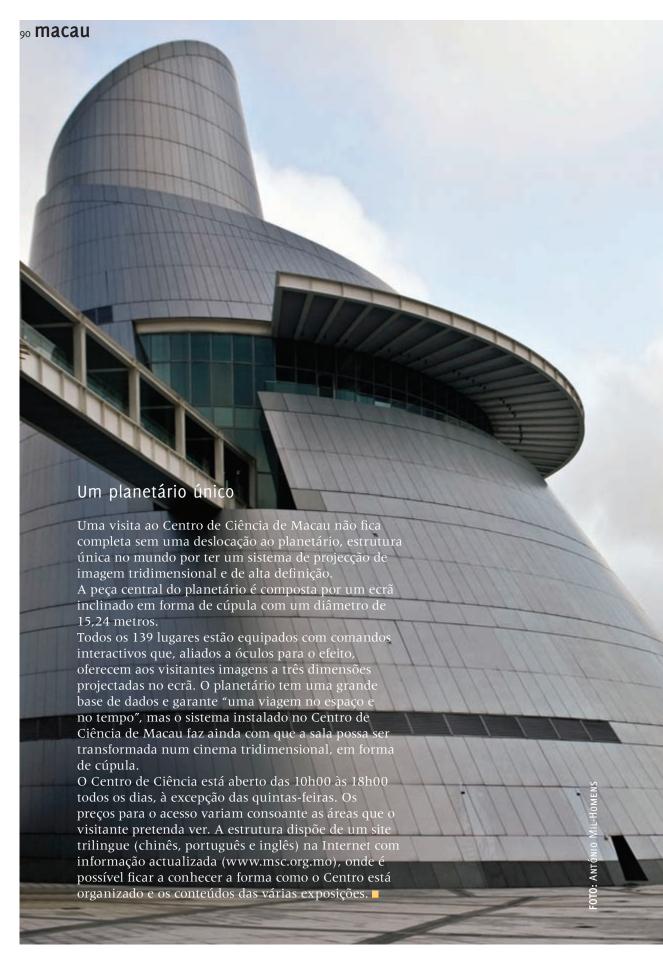


lado – é nesta sala que se foca a importância do princípio dos "4 Rs" – reutilizar, reciclar, reduzir e recorrer a alternativas numa perspectiva de sustentabilidade.

Por fim, entra-se na zona "Estilo de Vida", formada por galerias que colocam em destaque a saúde no desporto, os desafios desportivos e a ciência alimentar.









O EXECUTIVO da RAEM criou a figura do porta-voz do Executivo, um mecanismo que entrou já em funções e tem como coordenador da política de comunicação o chefe de gabinete do Chefe do Executivo. Publicado em Boletim Oficial, um despacho de Chui Sai On explica que a comunicação com os cidadãos "constitui uma das prioridades do Governo". Deste modo, o "diálogo com os cidadãos, sociedade civil e os meios de comunicação social, bem como o reforço da transparência justificam a necessária institucionalização de um mecanismo que assegure uma comunicação efectiva

O porta-voz funciona na dependência directa de Chui Sai On e terá uma acção articulada como o Gabinete de Comunicação Social cujo director, Victor Chan, será porta-voz adjunto de Alexis Tam, chefe de

Ao gabinete cabe definir, coordenar e

mativa do Governo.

concertar a execução da estratégia infor-

Jackson Chang preside ao IPIM

O INSTITUTO de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) tem desde o dia 1 de Fevereiro um novo presidente, Jackson Chang. De de 47 anos de idade, o novo dirigente do IPIM é licenciado em Economia e mestre em Gestão de Empresas, sendo desde Março de 2004 vogal executivo do Conselho de Administração daquele instituto.

Gabinete do Chefe do Executivo, responsável pela coordenação da equipa. ■

RAEM e **Sichuan** assinam novo acordo

O GOVERNO da RAEM e as autoridades da Província de Sichuan, afectada em Maio de 2008 por um violento sismo, assinaram um acordo para mais 36 projectos de reconstrução, dando assim continuidade à cooperação que tem vindo a ser desenvolvida.

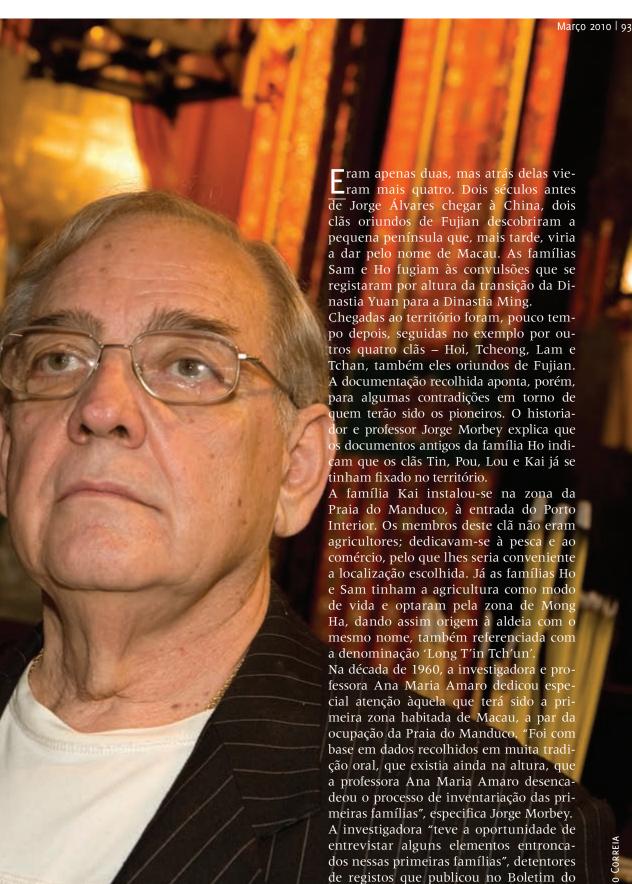
Macau financiou 31 projectos, em duas fases anteriores, que já estão a ser executados. Nesta terceira etapa, o apoio da RAEM destina-se às áreas da saúde, educação, desporto, previdência social e infra-estruturas, num orçamento de 1,03 milhões de renminbis.

Uma terra começa com duas famílias

É um período frequentemente esquecido quer na historiografia ocidental, quer na chinesa. Macau não dava por este nome antes da chegada dos portugueses, mas a verdade é que desde o século XIV que a pequena península no Sul da China já era habitada. A documentação que existe é parca, mas suficiente para que os historiadores acreditem num passado com origens em Fujian

TEXTO: ISABEL CASTRO

Jorge Morbey no primeiro templo da deusa Kun lam, em Mong Ha



Instituto Luís de Camões, nos anos 1960.



"A tradição oral não é propriamente algo muito firme, especialmente quando a história passou a ser investigada com base em documentação escrita", ressalva Jorge Morbey. "Mas há razões para acreditar que essa tradição oral era fundada em documentação existente em 'tchok pou', os repositórios de arquivos das memórias das famílias", acrescenta.

O professor da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau encontrou, há alguns anos, um 'tchok pou' que lhe foi apresentado como pertencendo à família Ho. O achado aconteceu "nas traseiras de uma oficina de reparação de motociclos" na Avenida Coronel Mesquita. "O 'tchok pou' é uma espécie de altar em que se veneram os mortos e em que estão depositadas as pequenas tabuletas e inscrições, informações várias de gerações e gerações da mesma família."

Jorge Morbey fotografou o 'tchok pou' que encontrou mas não pode afirmar que seja o original do séc. XIV, apesar dos séculos que aparenta ter. "Poderá ter sido a construção de um para substituir outro que já estaria em estado avançado de degradação." De qualquer modo, trata-se de um repositório que é atribuído a uma das primeiras famílias que se fixaram em Macau, cuja genealogia anterior ao século XIV ainda é possível determinar no local de origem.

Da história à lenda

Ana Maria Amaro, nas conversas mantidas com descendentes dos primeiros clãs, teve também a oportunidade de ver documentação e objectos vários atribuí-



dos aos antepassados pioneiros. Os estudos sobre esta época não abundam, uma "distracção" que, nota Jorge Morbey, se regista tanto na historiografia portuguesa, como na chinesa, onde é vulgar "referenciar o início de Macau com a chegada dos portugueses".

Os dados que foi possível recolher levam os historiadores a acreditar que são os clas de Fujian que dão início ao primeiro ciclo económico do território, o da agricultura e da pesca. "As zonas iniciais de Macau eram a agrícola em torno da antiga aldeia de Mong Ha e uma outra, piscatória, que é anterior, na região da praia do Manduco, que já funcionava como abrigo de pescadores que não estavam radicados em Macau mas que, quando as condições do tempo eram desfavoráveis, ali se abrigavam." Em Mong Ha ainda é possível encontrar o primeiro templo da deusa Kun Iam, "um templo pequeno, muito curioso, que antecedeu em dois ou três séculos" um outro de maior envergadura que existe naquele local.

Vestígios históricos à parte, a origem da aldeia de Mong Ha deu origem a uma lenda que Luís Gonzaga Gomes registou na obra 'Curiosidades de Macau Antiga'. O autor explica que, num "terreno árido e deserto nas poucas choças que ali, então, existiam," viviam vários aldeões, na sua maioria dos clãs Sam e Ho, oriundos de Fujian, que formaram uma pequena povoação.

Mal se instalaram no povoado, continua Gonzaga Gomes, "trataram de edificar um pequeno santuário, o 'Ho Si Tchok Tch'i', que ainda hoje existe em bom estado de conservação nas vizinhanças da aldeia de Mong Ha, a fim de poderem ali





render culto aos seus antepassados, não se poupando, também, os seus esforços para lavrar a terra circunjacente". As diligências foram, no entanto, inúteis, que "o chão era maninho e nada mais produzia se não sarças e estevas".

Assim sendo, os Sam e os Ho estavam prestes a abandonar a terra quando avistaram "no meio da gandara o rabo dum dragão vagabundo". Um "rouco fragor" apavorou os aldeões e, ao mesmo tempo, um "tremendo abalo convulsionou o solo e uma coluna de negro vapor surgiu da terra".

Resultado final da passagem do rabo do dragão: "o chavascal abaixara de forma a transformá-lo numa depressão bastante extensa, cuja terra se dessemelhava da primitiva, pois era negra e húmida". Os habitantes de Mong Ha constataram, tempos depois, que era extremamente fértil. A influência do dragão está na origem da denominação 'Long T'in Tch'un' que, descodifica Gonzaga Gomes, significa a "aldeia das várzeas do dragão".

Em: Curiosidades de Macau Antiga (ed. 1996 Instituto Cultural de Macau)

Recuar ainda mais

De regresso aos factos históricos, desde 1972 que se conhecem vestígios da passagem do Homem pelo território que datam do Neolítico. Os estudos feitos permitem perceber que houve duas fases distintas na pré-história de Macau: a primeira terá cerca de seis mil anos, sendo que a segunda terá acontecido sensivelmente dois mil anos depois, refere Jorge Morbey.

As investigações várias que foram sendo feitas desde então pela Sociedade de Arqueologia de Hong Kong permitiram descobrir, na ilha de Coloane, vestígios pertencentes a esses primeiros 'habitantes', alguns deles em exposição no Museu de Macau. Em 2006, a equipa da região vizinha encontrou indícios que a levam a acreditar na existência de uma habitação primitiva e de uma zona para armazenamento, o que faz do achado um local único em relação a escavações arqueológicas semelhantes na zona do Delta do Rio das Pérolas.

Não obstante as várias descobertas das últimas décadas e a qualidade da equipa que esteve em Macau a conduzir as operações, Jorge Morbey entende que o existe é "muito pouco" para que existam "indicações seguras se essas peças resultam de uma estadia transitória ou se, de facto, correspondem a um povoamento que foi continuado".

Hoje em dia, "é muito difícil explorar esse período da história em termos arqueológicos". A composição da cidade não ajuda à tarefa, dada a sua densidade demográfica e arquitectónica, salienta o historiador, pelo que, à excepção da ilha de Coloane, não é possível fazer escavações noutros pontos do território que permitam perceber o que foi feito destes 'habitantes' do Neolítico.

Assim, para a história fica a certeza de que há seis mil anos já havia gente por estas terras. E ficam também os registos que dão conta das primeiras famílias a escolherem viver em Macau, desde sempre local de abrigo de tempestades e outras intempéries.







permite olhar para o futuro "de uma forma bastante optimista". O movimento de artistas conta neste momento com cerca de 30 membros e tem-se destacado pelo facto de apostar no intercâmbio cultural, ao juntar gente de diferentes pontos da Grande China. "Temos agora um espaço novo em Macau e vamos ter também uma nova galeria em Pequim", explica o responsável.

Por se tratar de uma associação sem fins lucrativos feita por pessoas que não trabalham a tempo inteiro, a AFA conhece algumas limitações, tanto em termos orçamentais, como no que toca à possibilidade de lançar artistas plásticos no mercado internacional. Mas Chu não se dá por vencido. Com dez eventos feitos em Macau e em Pequim no último ano, a associação trabalha numa lógica de consolidação. Mais recentemente, a AFA criou bolsas que se destinam a apoiar os

estudos de jovens artistas. São passos para a construção de um "sistema" e de uma política para a arte que "crie equilíbrios" e da qual James Chu diz ser defensor.

O presidente da AFA acha que nos últimos tempos a dinâmica cultural da cidade tem aumentado – a sua associação para isso tem também contribuído - mas receia que tal não passe de um momento, fruto das circunstâncias. O ano que passou teve duplas celebrações - o 60° aniversário da República Popular da China e os dez anos do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau - e foram muitos os eventos de índole artística na cidade. "Foi como um fogo-de-artifício! Mas não pode ser assim, porque os foguetes são bonitos mas duram pouco tempo." Para que haja continuidade, é necessário "proporcionar mais condições aos artistas, para que se dediquem à arte a tempo inteiro".



Independência e mecenato

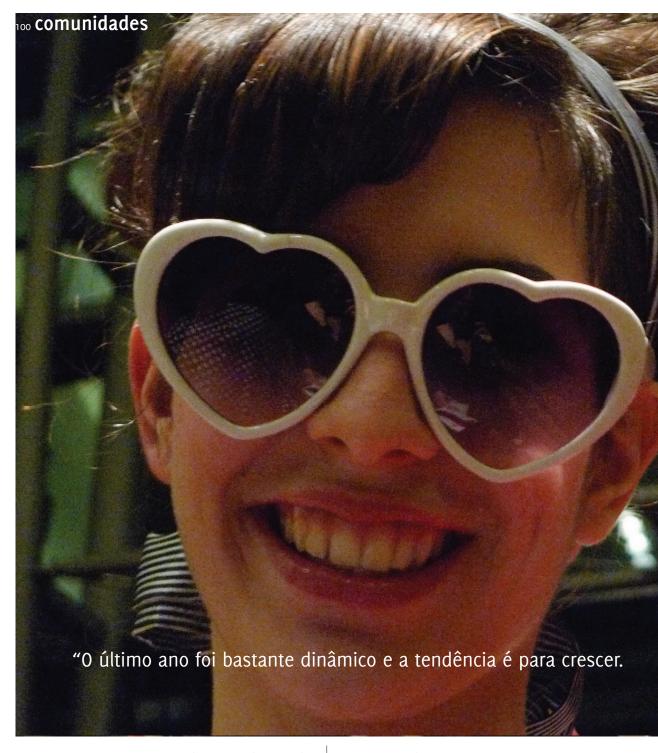
O projecto liderado por Lúcia Lemos vai já a caminho do sétimo ano de existência e, de modo distinto da AFA (que coloca a tónica nas artes plásticas), tem as indústrias criativas como objecto principal da sua actividade.

O Centro de Indústrias Criativas (que dá também pelo nome de *Creative Macau*) surgiu numa altura em que o conceito estava ainda distante do território. No início, recorda a directora, o trabalho foi feito com base em artistas e criativos com nome consolidado, "para percebermos se o projecto fazia sentido".

A ideia resultou e a carteira de membros foi sendo alargada. "Há sempre gente à espera para expor" no espaço da *Creative*, conta Lúcia Lemos, que acrescenta nunca ter tido problemas em encontrar artistas interessados em participar nas

actividades da entidade sob a alçada do Instituto de Estudos Europeus de Macau. Só em 2009, a *Creative Macau* organizou 48 actividades, entre participações em feiras e certames, seminários, exposições e *workshops*.

Olhando para fora do organismo que dirige, Lúcia Lemos entende que a energia que se tem vindo a sentir ao nível cultural em Macau "é formidável, muito saudável". Não obstante, enquanto gestora e agente cultural, quer mais e melhor. Muitos dos projectos de índole cultural dependem de financiamento público e a responsável pela Creative Macau considera que faz falta um registo independente, de "gente que assuma o risco". Macau carece ainda de um "mecenato activo" oriundo do sector privado e de uma lógica cultural mais internacional. Para a responsável, não basta à cidade ser internacional em certas



dimensões. "Deve sê-lo também ao nível cultural."

Novas alternativas

Parte do trabalho feito durante o primeiro ano de vida do Albergue da Santa Casa da Misericórdia prendese exactamente com a necessidade de trazer até Macau novas formas de pensar e modelos diferentes que levem os criativos e agentes culturais locais a outras abordagens. Oficialmente inaugurado em Janeiro do ano passado, o Albergue SCM *Creative Lab* organizou, no espaço de um ano, 62 actividades, onde cabem conferências, exposições, visitas de estudo, debates, performances de



multimédia, workshops, leitura de poesia e preparação de publicações.

Em jeito de balanço, o director do projecto, o arquitecto Carlos Marreiros, fala em "alegria pelo reconhecimento do trabalho da nossa pequena equipa". A média elevada de actividades mensais feitas com um "orçamento pequeno e muito controlado" faz com que esteja

satisfeito com os resultados obtidos, mas tal não significa que tenham sido atingidos todos os objectivos desta organização instalada numa das zonas mais carismáticas da cidade, o Bairro de São Lázaro.

Para o segundo ano de trabalho, e a acontecer já durante Abril, o Albergue SCM *Creative Lab* organiza um encontro





internacional de indústrias criativas, com participantes de vários países europeus, bem como do interior do País, Hong Kong e Taiwan. A ideia fundamental é debater sistemas de implementação das indústrias criativas, compreendendo áreas tão distintas como "formas de produção, marketing, marcas, legislação e direitos de autor", e definir um modelo aplicável a Macau. Haverá ainda workshops em diversas áreas relacionadas com as indústrias criativas.

de oferecer actividades Pelo facto distintas, o Albergue tem sido, nos últimos tempos, um espaço da cidade com bastante dinamismo. Acompanha, de certo modo, uma tendência que se sente na região. Carlos Marreiros analisa o fenómeno em duas perspectivas distintas: por um lado, é resultado das circunstâncias, de se viver uma fase de mudanca, do Governo ao início de uma nova década, dando-se assim início a um novo ciclo; por outro, é sinal de que a comunidade procura alternativas.

"O último ano foi bastante dinâmico e a tendência é para crescer. As pessoas têm dado mais atenção às coisas culturais e artísticas", afiança, sublinhando que o Albergue tem procurado chamar a sociedade à participação activa, para que "os eventos dos designers não sejam só para os designers, e os de arquitectos apenas para os arquitectos". Marreiros acrescenta que, cansadas de "sociedade extremamente materialista, é natural que as pessoas sigam noutros sentidos". Contemplar uma pintura, um objecto bonito ou ouvir um concerto são alternativas. "As coisas estão em crescendo em termos de arte."

Querer mais

Frank Lei lidera uma das associações mais enraizadas no panorama cultural local. O Armazém do Boi conta com vários anos de experiência, apostando numa oferta específica, com um enfoque muito alternativo. O trabalho da

104 comunidades



associação tem sido constante, e as duas dezenas de actividades feitas no espaço do último ano seguem a linha traçada desde o início.

Já quando se fala em termos globais, Lei assinala que tem havido muitas mais oportunidades de se organizarem diferentes tipos de eventos. "As comemorações do ano passado também ajudaram a que fossem feitas diferentes actividades. Até houve coisas a mais a acontecer", diz Frank Lei, com uma gargalhada.

Além de incentivar a formação de artistas locais e de trazer pessoas de fora "para que se troquem experiências", o Armazém do Boi tem saído à rua para interagir com a comunidade, sobretudo aquela que tem menos possibilidades de se dirigir a uma sala de espectáculos. É uma intervenção social através da cultura que, considera Lei, tem corrido bem. Permite tornar a arte mais acessível e explicar que ela assume diferentes formas.

Ainda assim, e à semelhança do director da AFA, o responsável pelo Armazém do Boi acha que falta trabalhar a "cultura por dentro", que é como quem diz "dar oportunidades aos artistas". Macau é uma cidade com ânsias de cultura: de quem a consome e de quem a produz.





A marca Portugal

Cão actividades difíceis de Contabilizar. A Casa de Portugal em Macau (CPM) tem vindo a desenvolver nos últimos anos um programa intenso virado para a área cultural, que se pauta pela continuidade. Além de concertos e exposições, organizados sobretudo para assinalar datas de referência para a comunidade, a associação tem sido a impulsionadora de uma série de workshops em disciplinas como a joalharia, com um ateliê permanente, as artes plásticas e a fotografia. Embora a Casa de Portugal não seja, na essência, uma organização virada para as artes, faz da cultura um dos seus principais campos de trabalho. Tal opção, explica Amélia António, presidente da CPM, tem uma dupla razão de ser. "Em primeiro lugar, ao permitirmos às pessoas terem contacto com este tipo de conhecimentos, estamos a transmitir uma maneira de ser e de estar de uma cultura que é portuguesa", justifica. Além disso, mas não menos importante, a Casa de Portugal pretende "abrir portas à criatividade" e contribuir para a diversificação cultural e económica da RAEM. Ao se veicularem novos conhecimentos, explica a responsável, gera-se a oportunidade de se encontrarem diferentes vocações. "É um contrabalanço à indústria dominante", diz a responsável, lembrando que tem sido propósito da RAEM diversificar a econo-



mia local. "Contribuímos ainda para demonstrar que em Macau se podem fazer outras coisas", acrescenta, referindo-se ao jogo e aos casinos, um dos lados mais visíveis do território. Amélia António não esquece a importância da educação. Por norma, a aquisição de conhecimentos que permitam intervir na área cultural faz-se em escolas. Ora, os workshops disponibilizados pela Casa de Portugal são sobretudo dirigidos a pessoas que já não têm possibilidade de frequentar instituições de ensino. Além da formação, a Casa de Portugal tem investido na produção de documentários,

estando a trabalhar em duas dezenas de filmes dedicados às festividades tradicionais de Macau. Está igualmente a ser preparada uma série de ficção, com a formação dos actores já escolhidos para o projecto televisivo. Quanto à sétima arte, a entidade tem vindo a organizar diversos ciclos de cinema. As instalações da associação têm acolhido também exposições e a apresentação de livros. As datas mais emblemáticas para a comunidade portuguesa, como o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, são assinaladas com eventos vários. incluindo concertos. I.C.

2010**MIECF**

Macao International Environmental Co-operation Forum & Exhibition 2010年澳門國際環保合作發展論壇及展覽

主辦單位/Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府 Government of the Macao Special Administrative Region of the People's Republic of China



THE GREEN GATEWAY

綠 色 通 道

08-10/04/2010

澳門威尼斯人 — 度假村 — 酒店 • The Venetian Macao - Resort - Hotel

關於登記或索取更多資料,請聯絡 · For registration or more information, please contact:

2010MIECF官方承辦單位 - 2010MIECF Host Co-ordinator

澳門特別行政區政府。

Macao Special Administrative Region

連門貿易投資促進局。

Macao Trade and Investment Promotion Institute

電話/Tel:(853)8798-9675 傳真/Fax:(853)2872-7213

電郵/Email: miecf2010@ipim.gov.mo

環境保護局 • Environmental Protection Bureau

電話/Tel: (853)2872-5134 傳真/Fax: (853)2872-5129

電郵/Email: info@dspa.gov.mo

2010MIECF轻響度 · 2010MIECF Secretariat

幕尼黑國際博覽亞洲(香港)有限公司。 MMI Asia (Hong Kong) Limited

■ 雷钰/Tel: (853)8798.9

電話/Tel: (853)8798-9675 傳真/Fax: (853)2872-7213

電郵/Email: miecf2010@ipim.gov.mo

電話/Tel:(852)2511-0738 傳真/Fax:(852)2511-5099

電郵/Email: info@macaomiecf.com

斯 🎎 電話/Tel:(65)6236-0988 傳真/Fax:(65)6236-1966

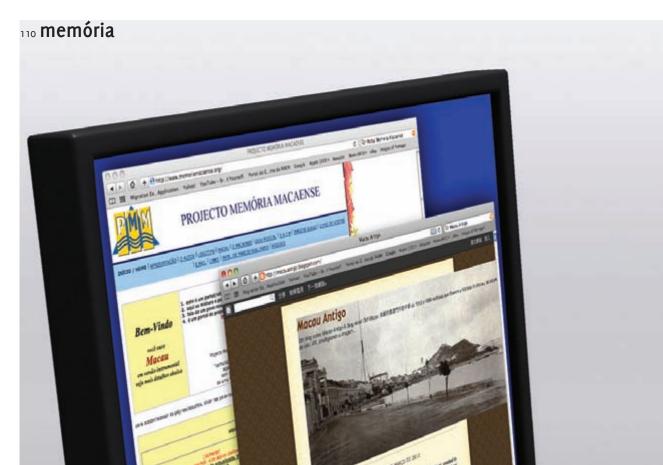
電郵/Email: info@macaomiecf.com

www.macaomiecf.com





uando se faz uma pesquisa num motor de busca na Internet com a palavra "Macau", surgem cerca de 62 milhões resultados. A maioria das páginas é alusiva à Macau moderna, capital mundial do jogo. Mas na rede global é possível também descobrir vários cantos que retratam a cidade de outros tempos. Dois deles primam por ter um arquivo notável de fotografias, informações e textos que dão conta do quotidiano de uma terra que, para os autores é, a vários níveis, especial. Os autores já não vivem em Macau há vários anos, mas a forma como se dedicam aos sites e blogues denota que as recordações estão vivas a cada dia que passa. "Macau Antigo" é um blogue da autoria do jornalista João Botas e contanos as histórias de Macau desde o século XVI. Já Rogério da Luz, autor do portal "Projecto Memória Macaense", preocupase sobretudo em manter viva a memória da Macau dos anos 1960, do tempo das casas verdes na Taipa, do rock and roll, de bandas como os The Thunders ou dos cinemas e teatros que animavam a cidade. Foi nessa altura que passou em Macau os anos mais vibrantes da sua vida. Deixou a terra natal em 1967 com apenas 17 anos e só voltou para a visitar a primeira vez 26 anos depois. Agora, no Brasil, onde vive há mais de 40 anos, procura também dar a co-



Ao blogue de João Botas chegam pessoas de várias origens. "Tenho tido reacções de todos os pontos do globo: de Macau a Portugal, do Brasil, Austrália, Canadá, Itália, Bélgica, França, Estados Unidos" nhecer ao mundo a cultura e a diáspora macaense em vários aspectos.

João Botas nasceu em Portugal em 1971, mas veio viver para Macau com ape-

nas 13 anos -1984 a 1991 - de onde saiu

para ir estudar comunicação social. Tal-

As "histórias" da História

vez por isso mesmo, em "Macau Antigo" os anos 1980 ganham uma relevância especial. Mas o blogue contém constantes cruzamentos no tempo e no espaço da vida quotidiana da cidade. O autor lembra nas fotografias que coloca e nos textos que as legendam os autocarros que alguns ainda conheceram e de que gerações mais novas ouviram falar ou os aviões que aterravam na água, além das histórias dos piratas que andavam nos mares do Sul da China. Botas realça que "a História não é feita de grandes efemérides, mas destas pequenas coisas". O trabalho detalhado de recolha de imagens, textos e referências já foi apreciado por mais de 100 mil visitantes, que espreitaram este blogue desde que começou a ser publicado, em Novembro de 2008. A saudade está assim espelhada de forma explícita nesta página electrónica. O jornalista explica isso com o facto de a nostalgia ser "uma especificidade do território" e por Macau ter sido de facto "um local de passagem muito marcante para muita gente". A dedicação de Botas a Macau não se esgota em "Macau Antigo". Antes tinha iniciado o blogue dos antigos alunos do Liceu de Macau. O espaço na Internet surgiu na altura em que estava a escrever o livro sobre o Liceu de Macau, publicado em 2009. Deparou-se então com inúmera documentação que, embora não sendo apropriada para o livro, "achava um crime pura e simplesmente ignorá-la". Depois de ter pronta uma edição de mil exemplares, continuou a receber informação, tanto sobre o liceu como sobre a cidade. Surgiu assim uma necessidade de a partilhar. O Blog dos Antigos Alunos do Liceu de Macau é, como diz, "uma espécie de edição revista e actualizada ad aeternum da edição em papel." Ao blogue de João Botas chegam pessoas de várias origens. "Tenho tido reacções de todos os pontos do globo: de Macau a Portugal, do Brasil, Austrália, Canadá, Itália, Bélgica, França, Estados Unidos". E não são apenas antigos residentes. O autor conta do interesse de uma escritora italiana que estava a trabalhar num romance de época, que inclui uma parte que tinha Macau como cenário. A escritora acabou por en-"Macau Antigo" contrar no aguilo que uma enciclopédia nunca teria. Apesar de este ser, segundo Botas, "o maior acervo de textos e imagens da História de Macau disponível de forma gratuita", nenhuma instituição decidiu apoiar o projecto. Lembra ainda que o seu blogue tem poucos textos da sua autoria, "não tenho tempo nem conhecimentos para me aventurar noutros voos", contudo tem certamente o seu cunho com uma cuidadosa selecção de textos, imagens, sugestões de leitura e até vídeos inéditos.

Rogério da Luz, autor do portal "Projecto Memória Macaense", preocupa-se sobretudo em



manter viva a memória da Macau dos anos 1960

Espaço de partilha para a diáspora

Embora não tenha a vertente histórica de "Macau Antigo", o portal Projecto Memória Macaense também transpira a saudade de uma outra Macau. No sítio encontra-se um arquivo considerável de vídeo, música, fotografias e receitas



Uma das muitas fotografias no Portal Memória Macaense

culinárias. A ideia de criar um portal para a comunidade macaense foi "um reflexo da experiência de ter editado alguns boletins da Casa de Macau de São Paulo, quando fazia parte da direcção", conta Rogério da Luz. Da ideia passou à prática e ergueu um sítio em que finalmente passou a poder partilhar artigos de jornais antigos, bilhetes de autocarros ou de cinema e teatro que tinha levado consigo como recordações dos tempos em que viveu na terra onde nasceu. Ao cimo da página, desde a primeira hora está a bandeira do antigo Leal Senado de Macau.

O arquivo do Projecto Memória Macaense dá primazia à música. Rogério da Luz explica que a sua geração era "muito musical", com uma forte cultura de festas. O portal tem também como missão "provar que os filhos da terra na diáspora também se empenham em cultivar a memória e os costumes." Algo que é testemunhado por visitantes de vários países e territórios.

Em busca do Farol da Guia

Em 2009, Botas regressou a Macau, 20 anos depois, na sequência de um convite do Jornal Tribuna de Macau para apresentar o livro "Liceu de Macau 1893-1999". Regressar à cidade tanto tempo depois foi um choque. Ao chegar ao Terminal Marítimo do Porto Exterior sentiu-se decepcionado por não vislumbrar o Farol da Guia. Mesmo assim conseguiu reencon-Macau que conheceu "em trar espaços e também nas pesmuitos soas", nos amigos que deixou. Rogério da Luz conta, por seu turno, como é difícil a separação da terra natal. Sempre que regressente algo de muito especial. Apesar das alegrias se misturarem com algumas decepções, "o afecto persiste, pois no fundo o amor à terra não morre." Acrescenta ainda que "apesar de ter de procurar o Farol da Guia ou o Monte da Penha de entre os prédios", sente que está a "chegar a casa" quando do barco começa a avistar a cidade.

No Brasil ou em Portugal é através da Internet que são sedimentados e partilhados os laços profundos que os dois autores têm com Macau. Para Rogério da Luz a rede global serve para aliviar as saudades das gentes da diáspora", mantendo a comunidade mais unida e mais consciente de si mesma. João também valoriza Botas tante este instrumento, mas salienta que a Internet não substitui o contacto directo com os espaços e com as pessoas. "A História, na essência humana, é feita de emoção". Rogério da Luz e João Botas são exemplos do que é possível fazer com um computador, boa vontade e muita dedicação. A nostalgia é o ponto de partida para projectos que acabam por reunir imagens e informações que dificilmente seria possível encontrar numa outra base de dados. São sítios onde se revivem os tempos em que o barulho das peças de mahjong soava mais alto do que o dos bate-estacas.



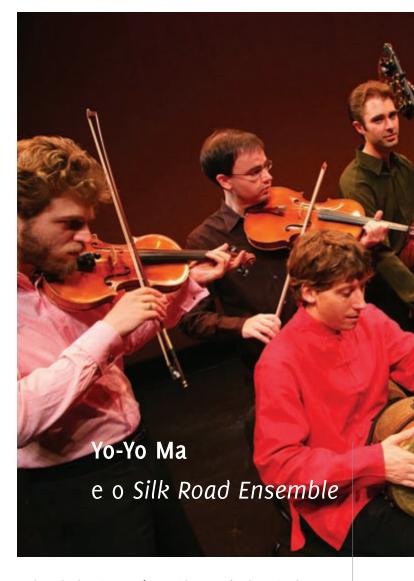
17/4

Melodias dos Anos Verdes 2010

Concerto de Alunos do Conservatório de Macau

NO PALCO do Centro Cultural vão estar alunos da Escola de Música do Conservatório de Macau. O programa deste concerto inclui várias peças chinesas e ocidentais a solo, mas também em agrupamento e em coro. É uma oportunidade para ouvir os estudantes de música do território em formação de orquestra chinesa.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau



AS ROTAS da seda do Oriente até ao Ocidente estão desactivadas, mas Yo-Yo Ma pretende partilhar os tesouros musicais deste percurso histórico. A proposta de Yo-Yo Ma e dos *Silk Road Ensemble* é reviver a música que se fazia, e ainda se faz, ao longo da antiga Rota da Seda. Em palco acabam por interpretar um repertório enraizado naquilo que é mais tradicional, mas com um ritmo contemporâneo.

Yo-Yo Ma, de ascendência chinesa, nasceu em Paris e fixou-se em Nova lorque, tendo estudado violoncelo quatro anos na Escola Juilliard. Ingressou mais tarde na Universidade de Harvard e é, talvez, o mais conhecido violoncelista da actualidade, um feito conquistado através da transversalidade dos temas que interpreta. Em 1998, fundou o projecto *The Silk Road* para promover o estudo de tradições culturais, artísticas e intelectuais ao longo da antiga Rota da Seda. O colectivo reúne músicos, compositores e responsáveis por arranjos provenientes de mais de 20 países.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

20/4



Orquestra de Macau

Obras-primas de Tchaikovsky

0 maestro russo-americano Edward Tchivzhel associa-se à pianista chinesa lu lin para interpretar o popular Concerto para Piano e Orquestra Nć 1 em Si-bemol Menor de Tchaikovsky. Ainda neste concerto, e para ouvir, há a Sinfonia N° 4 em Fá Menor, cujo primeiro andamento representa o destino, e que acabou por conferir a Tchaikovsky um considerável reconhecimento internacional. Com uma estética melódica singular e uma estrutura refinada, a obra evidencia o desejo de felicidade, assim como os sentimentos de ansiedade do compositor.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda sob a batuta de Sir Roger Norringhton, a Orquestra Sinfónica da Rádio de Estugarda SWR vai iluminar o palco com o som tipicamente alemão, denominado de "O Som de Estugarda". O maestro é conhecido por combinar os instrumentos antigos

com todos os meios de uma orquestra moderna, adaptando-se à própria concepção do som de cada compositor.

Nesta grande estreia, a orquestra interpreta obras de figuras do romantismo russo e inglês, assim como um dos compositores mais importantes do período clássico. O programa deste concerto inclui o Concerto para Piano N°3 de Prokofiev, um dos grandes compositores do século XX, acompanhado pela solista Claire Huangci, americana de ascendência chinesa, e também a Sinfonia de Londres N°101, O Relógio de Haydn, e Variações Enigma do compositor britânico Elgar. Grande Auditório.

Centro Cultural de Macau

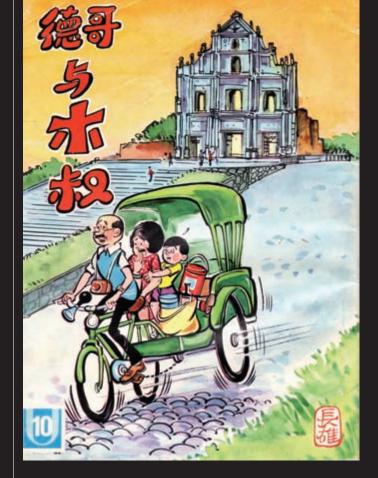
Casa do Mandarim

A CASA DO MANDARIM era a residência familiar de Zheng Guanying. Começou a ser construída por Zheng Wenrui, pai de Zheng Guanying, sendo ampliada sucessivamente pelos seus irmãos. Segundo uma antiga placa de madeira com inscrições, que se encontra no salão de Yu Qing Tang, acredita-se que o edifício foi construído antes de 1869.

Com quatro mil metros quadrados, é a maior residência privada deste género em Macau, revelando características típicas de uma residência tradicional da região de Cantão, mas integrando também algumas características da arquitectura de estilo ocidental.

Ao fim de vários anos fechada para obras de restauro, a Casa do Mandarim abriu portas e tem agora patente uma exposição sobre o complexo processo de recuperação, incluindo fotografias que ilustram o estado do complexo antes da intervenção.

Casa do Mandarim, Macau



Humor e Humanidade

Banda Desenhada de Chou Cheong Hong

ENTRE os seus trabalhos mais conhecidos estão as séries de banda desenhada Woody e Uncle Wood, Tak Gor e Uncle Wood, e Jack. Chou Cheong Hong iniciou a carreira de caricaturista em finais da década de 50, e colaborou regularmente na imprensa de Macau e Hong Kong sob vários pseudónimos, como Cheong Hong, Kun Kai e Ma Lok. Há quem diga que foi um dos pioneiros das indústrias culturais e criativas em Macau. A maioria das suas obras reflecte o dia-a-dia das pessoas, a vida urbana e situações sociais injustas.

Em Macau, os seus trabalhos foram publicados em diários como o Ou Mun e Va Kio, mas chegaram além fronteiras, nomeadamente a jornais como o Crystal Daily, Express Daily, New Evening Post, Sing Tao Daily, Ming Pao, Hong Kong Commercial Daily e Weekend News de Hong Kong, e ainda no diário Sin Chew, de Singapura. Chou Cheong Hong também ilustrou uma variedade de livros e revistas.

Até 16 de Maio, Museu de Arte de Macau

Re-incarnate

No PASSADO eram poucas as pessoas que deixavam Macau para estudar. Mas o desenvolvimento económico levou uma nova geração além fronteiras. Muitos foram os jovens que deixaram o território; porém, muitos foram os que regressaram. Agora num reconhecimento pelos talentos da diáspora, o Old Ladies' House Art Space convidou dez artistas locais que fizeram os seus estudos fora de Macau a mostrar alguns dos seus trabalhos. A destacar as obras de artistas como Ryan Leong, Ka Lon An e Gigi Lee.

Até 4 de Abril, Ox Warehouse, Macau





No Total são 92 trabalhos de Xie Jinglan, conhecida por Lalan, artista chinesa que se radicou em 1948 em França. A exposição apresenta obras das décadas de 1950 e 1960. As primeiras pinturas abstractas de Lalan mostram um forte sentido de auto-representação. Nos anos 1970, influenciada pela pintura paisagista tradicional chinesa, as suas obras tornaram-se mais figurativas, baseadas em paisagens. Numa fase posterior, a sua criatividade volta a revelar-se na pintura abstracta, servindo-se de cores brilhantes e mostrando uma exímia utilização do traço, realizando assim a unidade da mão com a mente.

Até 30 de Maio, Museu de Arte de Macau



QUEM NÃO SE RECORDA de temas como Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades, Rosalinda, Que Força é essa ou O Charlatão? Estas são algumas músicas agora revisitadas pelos três artistas - Sérgio Godinho, José Mário Branco e Fausto Bordalo Dias - naquele que foi já considerado, por muitos críticos, como um momento histórico na música portuguesa.

Mas nem só de músicas antigas é composto este trabalho. Faz Parte (O Retorno das Audácias) é um tema inédito composto propositadamente para este projecto.

Além do disco, que conta com 22 temas, foi lançado um livro com fotografias de ensaios e dos concertos, acompanhados por um texto da autoria do jornalista Nuno Pacheco. Foram ainda lançados dois DVD: um regista o concerto, o outro é um documentário sobre o trajecto dos três músicos e o processo de trabalho do Três Cantos.

EMI, 2009

Sashimiki Adriana Miki

BRASILEIRA DE ASCENDÊNCIA japonesa, Adriana Miki vive actualmente em Portugal e neste primeiro trabalho apresenta temas onde se misturam vários géneros de música desde o jazz à bossa nova, passando pelo pop e musette.

Sashimiki é um trabalho de originais que contém ainda versões de Milton Nascimento, Charles Trenet e Gilberto Gil. Notórias são ainda as influências de Ella Fitzgerald, Doris Day, Joan Baez e Elis Regina ao longo dos dez temas, cinco dos quais originais e os restantes versões de composições de eleição da cantora. O título deste primeiro trabalho de Adriana Miki é a junção de duas palavras: sashimi, que em japonês significa peixe cru, e o apelido da cantora.

Apria Records, 2010

Penínsulas & Continentes

Maria de Medeiros

ESTA É UMA VIAGEM musical entre as penínsulas ibérica e itálica e os continentes americano e africano. Neste trabalho são visitados os clássicos do italiano Nino Roto escritos para filmes norte-americanos, podendo lá encontrar, igualmente, um lamento angolano em kimbundo e ainda uma balada do português José Afonso que parece dialogar com o poeta chileno Victor Jara.

Um trabalho em que canções de resistência se cruzam com fados africanos e rock brasileiro e espanhol, com composições de Lenine e "El último de la fila".

Para além da música, as próprias línguas criam uma trama melódica: português, espanhol, italiano, catalão, inglês... Línguas das penínsulas e dos continentes.

Universal Music, 2010







NESTE TRABALHO Paulo Furtado abandona o seu habitual one man show para se rodear de mulheres. Asia Argento, Peaches, Maria de Medeiros ou Rita Redshoes são apenas algumas vozes de um álbum onde a combinação de rock e blues de Tigerman se mostra mais magnética do que nunca. São no total 11 convidados e 13 temas, entre originais e versões como de Nancy Sinatra e Lee Hazelwood ou Daniel Johnston, em ambientes tensos ou mais serenos.

Sobre a história deste trabalho, Paulo Furtado confessou que a ideia do disco tinha já cerca de dois anos e meio, mas era, originalmente, um guião para uma longa-metragem. Depois, o artista, natural de Coimbra, começou a pensar em fazer um disco que cruzasse algumas histórias com a história do filme. No entanto, tudo acabou neste disco, sem que Paulo Furtado esqueça a sétima arte. Para o futuro está planeada a realização de uma série de curtas-metragens, baseadas nos temas agora lançados no álbum Femina.

EMI, 2009

ouvir

Encanteria Maria Bethânia

A FÉ ASSUME o papel de actriz principal neste álbum. A fé cantada por Bethânia é a legitimação pura. Ou não fosse a Baía o epicentro de todas as religiões. Neste trabalho a brasileira conta com a participação dos cantores Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Mas à semelhança do que aconteceu no passado, Maria Bethânia lançou quase simultaneamente outro disco, intitulado Tua. Na verdade são dois trabalhos que se complementam. Se em Encanteria a fé motiva o amor, em Tua o amor está presente em todas as formas de fé. Encanteria expõe mais a artista. Esta defende-se menos.

Biscoito Fino/ Srapuí/ JBJ & Viceversa, 2009





Luar Rita Guerra

DEPOIS DE Rita Guerra Acústico, lançado em Dezembro de 2008, e que liderou o top dos mais vendidos durante sete semanas consecutivas, a cantora surge agora com uma forte aposta nas baladas.

Luar reúne 13 temas, cujo single é Eu só quero. Esta é uma nova versão do tema com que Gabriela Schaaf se apresentou no concurso musical Festival da Canção da RTP em 1979, tendo conquistado na altura o segundo lugar.

Trinta anos depois Rita Guerra confessa que esta foi uma música que lhe ficou sempre na memória e que há muito tinha vontade de gravar este tema.

Para a cantora, Luar é um disco de alma e paixão. ■

Farol, 2010

Cafuca Danae



AS MÚSICAS tradicionais cabo-verdianas aliadas a ritmos de jazz, blues e orientais deram o mote a Danae para a elaboração do novo disco que define como de "fusão" e em que cruza histórias do quotidiano.

Em Tchuba cai na mi, Danae fala do problema da seca em Cabo Verde numa metáfora da discriminação com que a cantora se deparou em Portugal. Já no tema Geada é recuperado o compasso do batuque cabo-verdiano tocado por mulheres com panos envoltos em sacos plásticos colocados no meio das pernas.

Todo cantado em crioulo, Cafuca, nome para a lâmpada que os pescadores acendem em Cabo Verde quando vão ao mar à noite, integra oito canções com letras de Danae. As músicas são assinadas em parceria com os outros músicos da banda, Danae & Os Novos Crioulos.

Danae nasceu em 1979 em Havana, filha de mãe cubana e pai cabo-verdiano, mas cresceu em Cabo Verde. Em 2003 foi viver e estudar para Portugal, ano em que gravou o seu primeiro álbum, Condição de Louco, editado em 2005.

Insónia

Tiago Sousa & João Correia

ESTE É O terceiro álbum da discografia de Tiago Sousa editado pela alemã Humming Conch. É um disco que vive quase exclusivamente do piano com aparições de bateria ou de clarinete, cortesia dos músicos convidados João Correia e Ricardo Ribeiro.

Insónia é todo ele simplicidade e, aparentemente, tranquilidade, mas há um domínio de inquietação na personalidade de Tiago Sousa que o leva a arriscar em território bem mais erudito do que aquele que alguma vez havia revelado. Para trás fica um Tiago Sousa que, entre várias coisas, esteve nos *Goodbye Toulouse* e nos *Jesus The Misunderstood*, e ainda por domínios *rock 'n roll*.

LP Humming Conch, 2009



Macau para Sempre

António Mil-Homens

ILUSTRAR os 10 anos de RAEM através de imagens. Foi este o mote para este livro do fotógrafo português António Mil-Homens, residente em Macau. São no total 88 fotografias, a preto e branco, que recordam a velha Macau e que retratam igualmente a nova era do território, que alberga, por exemplo, o maior casino do mundo, *The Venetian*.

As imagens foram recolhidas em 1996, em 1999 e algumas mais recentemente, permitindo perceber o rápido desenvolvimento económico dos últimos anos.

Para António Mil-Homens é "necessário esquecer as nossas fontes para melhor beber Macau", e



"imperativo esvaziar os pulmões para o respirar bem" e "fazer renascer a alma para o viver".

O fotógrafo confessa mesmo: "Macau corre no meu corpo desde o primeiro contacto visual e olfactivo. É uma espécie de animal adormecido... mas pronto a saltar ao mínimo som, odor, imagem, associados à sua ambiência, às suas gentes, suas cores ... ou ausência de cor."

De Ficção e Casa de Portugal em Macau, Macau, 2009

Genti di Macau

Luciana Leitão

UM PORTUGUÊS perdido por Macau em busca do filho. Uma rapariga macaense que parte para Portugal com os receios da transição de poderes para a China. Uma criança fascinada pelas histórias antigas contadas em patuá, o "crioulo" de Macau.

Estas são algumas das sete histórias desta obra que conta com prefácio do poeta e tradutor Yao Jingming. A ilustração da capa é da autoria do macaense João Magalhães.

Naquela que é a primeira obra de Luciana Leitão ganham vida portugueses, macaenses, chineses, filipinos e americanos, gente que se cruza em Macau, a terra que se tornou para eles a sua casa, por opção

MacauColours of Culture Carmo Correia

TRATA-SE de uma viagem por uma Macau onde não existem casinos - estes não foram os objectos principais do mais

recente trabalho da fotógrafa.

Carmo Correia, radicada em Macau há 10 anos, preferiu fotografar o quotidiano da vida de uma cidade cada vez mais cosmopolita. Uma urbe onde existem mais de 30 casinos e novos edifícios, visitada por milhares de pessoas durante o ano, mas que, ainda assim, consegue manter o seu multiculturalismo e uma identidade própria. É essa identidade que Carmo Correia procurou perpetuar no tempo



com as suas fotografias. Momentos como o de um homem que simplesmente lê jornais num banco de jardim. Espirais de incenso. Pormenores de um riquexó vermelho. Momentos que surgem divididos neste livro em quatro capítulos. O

álbum começa com uma viagem ao património. Segue-se uma secção dedicada ao que a autora chamou de *People and Places* - um passeio por mercados, templos e paisagens. Há ainda um capítulo dedicado às festividades locais. A concluir, estão os retratos das ilhas, Taipa e Coloane, tantas vezes esquecidas. No total são 110 imagens, distribuídas em 175 páginas, numa edição bilingue – inglês e chinês. Edição da Autora, Macau, 2009



ou acaso. Histórias que, embora sejam ficção, ilustram a convivência entre as várias comunidades existentes em Macau.

Luciana Leitão vive em Macau desde 2007, é jornalista e colabora com várias publicações no território.

Papiro Editora, Lisboa, 2009

Amor no Rio das Pérolas Marta Curto

FRANCISCO é filho de um comandante, Francisco d' Assis e Silva, que aos cinco anos fica órfão depois da explosão da Fragata D. Maria, em 1850, ao largo da ilha da Taipa. Pouco mais de sabe do jovem. Apenas que o destino o uniu a Vitória, abandonada à nascença na Roda da Santa Casa da Misericórdia de Macau.

Depois o salto do tempo.



Em 2009 Wai é um jovem emparedado nas regras da cultura chinesa, entre os desejos do pai e o vazio que vislumbra para o seu futuro. Sofia sente-se encurralada entre Portugal, que já não conhece, e Macau, lugar onde nasceu, que vê como a sua terra apesar da ascendência portuguesa. O destino destes jovens acaba por se cruzar com uma história de 150 anos, depois de Sofia, numa visita à Capela da Guia, descobrir o diário deixado por Francisco. A jovem embarca no sonho do amor. Marta Curto é jornalista e viveu em Macau. Livros d' Hoje, Lisboa, 2009

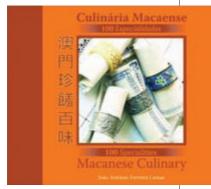
Culinária Macaense 100 especialidades João António Ferreira Lamas

A OBRA, com edição trilingue – chinês, português e inglês - reúne uma centena de receitas da culinária macaense, a maioria caseiras e pouco conhecidas que foram escolhidas pelo autor, de 90 anos, para ajudar a manter a tradição culinária local.

A ideia do livro partiu da Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, que convidou o autor a reunir algumas das suas receitas já publicadas antes no livro *A Culinária dos Macaenses*, que teve duas edições em Portugal nos anos 1990. O autor escolheu agora apenas uma centena de receitas: aquelas que, na sua opinião, são as mais características de Macau.

João António Ferreira Lamas propõe neste livro uma aventura pelas várias formas de cozinhar pato, mas revela também os segredos de como fazer um cozido macaense, o diabo ou mesmo a sopa de lacassá. Para sobremesa sugere, entre outras delícias, a alua ou o farte.

O lançamento do livro teve lugar à margem da nona edição do Festival de Gastronomia de Macau. Direcção dos Serviços de Turismo de Macau, Macau, 2009



lei

A Máquina de Fazer Espanhóis

Valter Hugo Mãe

ESTA É A história de quem, no momento mais árido da vida, se surpreende com a manifestação de uma alegria. Uma alegria complexa, até difícil de aceitar, mas que comprova a validade do ser humano até ao seu último segundo.

A Máquina de Fazer Espanhóis é uma aventura irónica, trágica e divertida, pela madura idade, que será uma maturidade diferente, um estádio de conhecimento no qual o indivíduo se repensa para reincidir ou mudar.

A personagem principal é António Silva, de 84 anos: um antigo barbeiro, velho e triste, depositado pelos filhos no Lar da Feliz Idade, e que quer desistir da vida por achar que ela não existe para além do amor. De início, recusa a vida colectiva do lar, mas acaba por se integrar num grupo de homens que passa o dia a discutir o que é ser português, sobretudo quando quase todos viveram cerca de meio século de fascismo.

Nas Bocas do Mundo

Sérgio Luís de Carvalho

Alfaquara, Lisboa, 2009

SABIA que a expressão queimar as pestanas envolve estudantes de outros tempos? E que verdade de La Palice provém de um erro de tradução? E que a frase estar nas suas sete quintas estará associada ao Seixal?

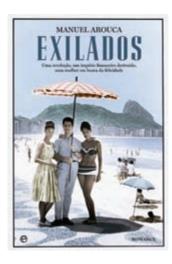
Estas são algumas das questões sobre as quais o autor se debruça procurando analisar a história de centenas de expressões que acabaram por se enraizar na língua portuguesa. Neste livro acabam por ser desvendados alguns aspectos curiosos mas igualmente bizarros da língua portuguesa.

Uma viagem pelo património linguístico português até porque, e já dizia Fernando Pessoa, "a nossa pátria é a língua portuguesa".

Exilados

Manuel Arouca

CECÍLIA era casada com um homem não que amava. Era herdeira do império financeiro Mendes Silva que se estendia até Angola e sabia que agitação política que



se vivia em Portugal, depois da revolução do 25 de Abril de 1974, ameaçava fazer ruir o mundo em que vivia. Quando desembarcou no Rio de Janeiro, Cecília sabia que o futuro dos Mendes Silva estava nas suas mãos. Era ela que teria de recomeçar do nada.

Cecília é nesta obra a representação de muitos portugueses, da classe média e alta, que trocaram Portugal pelo Brasil, logo após o 25 de Abril, na sequência da nacionalização de muitos negócios, do congelamento de contas bancárias e da perda de bens imobiliários que, com a Revolução dos Cravos, acabaram ocupados. Nesta angústia de começar do zero, muitos foram os portugueses que viajaram para o Brasil, onde encontraram um porto de abrigo, um país novo, com costumes diferentes, e onde tiveram de reconstruir as suas vidas, como se não tivesse havido passado.

Esfera dos Livros, Lisboa, 2010

Sérgio Luís de Carvalho nasceu em Lisboa em 1959. Tem várias obras publicadas nos domínios da História e da literatura infanto-juvenil. Com o seu mais recente trabalho retoma o domínio da pesquisa histórica.

Planeta Editora, Lisboa, 2010



o **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU optimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.







Francisco Aranha

estagiário do programa INOV Contacto

noi Macau mas podia ter sido outro L'sítio qualquer. Francisco Aranha, 30 anos recentes, concorreu a um programa de estágios profissionais promovido pelo Governo português com a expectativa de ter mais uma experiência fora de casa. Tinha passado sete meses em Angola e soube-lhe bem. Regressar a África era apetecível mas na sorte saiu-lhe Macau. Descobriu então que um bisavô viveu cá e que a avó só não nasceu em Macau por acaso. "Mas as duas irmãs dela sim e até falavam cantonês." Para quem vive à beira Atlântico, a RAEM é coisa que fica longe e Aranha sabia pouco sobre o que vinha encontrar. As primeiras impressões não o desiludiram e confessa uma "euforia inicial" que, com o passar dos dias, foi abrandando.

Licenciado em *Marketing*, Francisco Aranha veio para Macau para "ser ponte" entre Portugal e a China. A empresa em que trabalha tem sede na RAEM mas os negócios fazem-se sobretudo em Cantão, onde se encontra o distribuidor exclusivo dos produtos portugueses importados a Lisboa. Os vinhos portugueses são o principal produto desta relação comercial, que começou com a produção de consumíveis informáticos.

"Vim para uma empresa que tem uma estrutura montada mas que não tem cá ninguém a tempo inteiro, apenas uma pessoa que dá apoio, que fala português e chinês. A minha função é servir de ponte entre Portugal e as pessoas com quem temos relações comerciais", explica. "A nossa intenção é ainda arranjar distribuidores para as principais províncias da China."

Embora a empresa onde trabalha tenha relações de longa data com a China, onde chegou a ter uma unidade fabril, o papel que o gestor de *marketing* desempenha é essencial, porque se avança no relacionamento "com as pessoas com as quais já temos contactos de um modo mais próximo e consistente, de uma forma mais física, que vai além do e-mail ou do telefone".

A viver na cidade que tem, entre outros intuitos, o grande objectivo de ser a plataforma entre a China e o espaço lusófono, e a desenvolver trabalho nessa área, Francisco Aranha encontra-se na posição ideal para analisar as condições de Macau no apoio a quem tenta entrar na China via RAEM. O território sai com nota positiva desta avaliação.

"Existe uma percentagem de pessoas, por mais pequena que seja, que fala português e chinês, o que é fundamental e único no país. Além disso, Macau está numa boa localização. E depois há também a componente histórica, a capacidade de se perceber aqui como é que o Ocidente funciona, o que ajuda muito." Francisco Aranha só lamenta que a definição de Macau enquanto espaço de ligação entre a China e a lusofonia não tenha surgido antes. "Mas pode tentar-se amenizar as consequências disso não ter sido feito na devida altura", arrisca.

Com vontade de ficar por cá depois de findos os seis meses de estágio, que "dão para muito pouco", o gestor de marketing prefere olhar para a RAEM sem as suas fronteiras. "É uma cidade num enorme país e num contexto geográfico importante", salienta. E se Macau for apenas um local de passagem? Aranha garante que fará as malas com a noção de que, a par com alguns mercados emergentes, "estamos aqui numa das partes do mundo de maior importância, que nunca deve ser esquecida e à qual se deve dar a maior atenção".

Onde pode encontrar a Revista Macau

PORTUGAL

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142, 1700-033, Lisboa Tel: +(351) 21 849 5342 Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal Direcção dos Serviços de Turismo

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c 1069-204 Lisboa Tel: +(351) 217 936 542

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2 4000-441 - Porto Tel: +(351) 22 200 12 94

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62 3810-109 Aveiro Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22 Tel: +(853) 2856 6442 Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C" Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau Av. do Conselheiro Ferreira de

Almeida, 32 Tel: +(853) 2833 8561















2006-2007



2005-2006















2008-2009

Edição de Dezembro 2009

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14º and ar, Sala 1404 - Macau email: contacto@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

| Nome: | ••••• | ••••• | | • • • • • • • • • • • • • • • • • • • • |
|---------|-------|-------|------|---------------------------------------------|
| Morada: | | | | |

Telefone: Fax...... E-mail:

Angola: AOA 970.00 Mundo: USD 13.00 Brasil: BRL 22.00 Moçambique: MZN 320.00 Cabo Verde: CVE 925.00 Portugal: EUROS 9.00 Guiné Bissau: XOF 5,340.00 S. Tomé: STD 188,000.00 Macau: MOP 100.00

Timor: USD13.00



Não inclui portes de correio. Vendas online em www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp